

Revista da Semana

ANO XLIV -- N.º 16

17 DE ABRIL DE 1943

Cr \$ 1,50

EM TODO C



General Eisenhower



KAY FRANCIS -- distinção, elegancia, serenidade...

De MARIA LUIZA



"A vida começa aos 40..." Não sei se é esta a idade de Kay Francis, mas creio que deve andar por aí. Um pouco mais, um pouco menos talvez, mas o fato é que sua beleza serena, sua elegância impecável, suas atitudes distintas, de uma sedução requintada e conciente, são a demonstração mais clara possível de que a vida começa para ela, uma nova vida cheia dessa atração que só a plenitude da maturidade é capaz de oferecer. Há anos atrás, quando seu sucesso havia atingido ao grau máximo, Kay Francis foi o ídolo dos rapazes da minha roda; eu, porém, acompanhando a opinião de inúmeras garotas de meu tempo, não conseguia gostar dela integralmente.

Admirava suas interpretações sóbrias e sobretudo sua estapêndia elegância, mas havia nela algo que me desagradava e que eu não conseguia definir... Achava-a fria, de atitudes estudadas, sem espontaneidade... e aquela sua forma conciente de exercer a sedução, que tanto agradava aos rapazes, era realmente o que não convencia minha mocidade demasiado vibrante. Hoje, já mulher, sinto verdadeiro prazer em vê-la na tela, e são os rapazes de meu tempo, já semi-maduros, que deixaram de admirá-la. Kay Francis não mudou nem envelheceu, é a mesma de há dez anos, nós é que mudamos; e é por isso que nós, as mulheres "balzaquianas", vemos nela um símbolo, um símbolo daquilo que desejaremos ser quando chegarmos à sua idade, e mesmo agora... e é por isso que os homens de hoje, seguindo a ordem natural das coisas, preferem as mais jovens, às muito mais jovens... Porque Kay Francis não é um símbolo como atre e sim como mulher. Ela sintetiza toda a ação da mulher que atingiu a maturidade, conciente de seu domínio sobre os homens e sobre a vida, da mulher que poderia ensinar às outras, não apenas o A. B. C., mas toda a gramática da feminilidade... Kay Francis é a mais elegante, a mais bela e a mais serena das mulheres maduras, e na serenidade está todo o segredo da felicidade. Kay Francis é serena em suas atitudes, em suas expressões fisionômicas, em sua forma de fumar, de andar, de amar... é sereno até mesmo quando interpreta papéis de *vamp* ou de mulher sem escrúpulos. Essa serenidade, porém, é toda aparente, pois vê-se através de seus olhos que há um vulcão por dentro. Observe-se, por exemplo, sua forma de fumar, de segurar o cigarro ou a piteira, com um gesto estudadíssimo de displicência que é todo um código de sedução. Uma mulher que sente assim, que se veste assim, que fuma assim, já conseguiu o domínio de si mesma, que é o primeiro passo para conseguir o domínio da vida...



CASA

APEDREJADA

por
JOÃO LUSO

Revista
da
Semana

UMA senhora da rua Mem de Sá, em Icaraí, queixou-se à polícia local de que lhe andavam apedrejando a casa. Não tinha a dama inimigos ou não sabia de desafetos a quem atribuir tal bombardeamento. Quem seria?

Os projecteis não podiam, rigorosamente, ser equiparados em calibre aos que a RAF tem feito chover, em bâtegas diárias, sobre Berlim, Colônia, Essen, Hamburgo e outras cidades que, segundo o desafio alemão dos primeiros meses da guerra, nunca pelo inimigo seriam "sobrevoadas..." Sim, pelas dimensões, sem já falar dos requisitos químicos nem dos dispositivos mecânicos, ficavam bastante aquém dos colossos por efeito dos quais as fábricas Krupp se tornaram menos perigosas que as rudimentares oficinas de fogueteiro... Em todo o caso, furavam o telhado, esborcinavam os moveis, reduziam a cacos o guarda-louça e por milagre não tinham ainda vitimado directamente a moradora. Impressionada, como qualquer de nós ficaria, pela narrativa da queixosa, a autoridade tomou as medidas mais enérgicas e eficientes. Poz homens de guarda ao prédio e organizou um cerco em regra. Mas as pedras misteriosas continuaram a cair, a produzir os seus estragos. E naturalmente se concluiu ser coisa de Almas do Outro Mundo.

A mim, sempre estas histórias me despertam o maior interesse. Quando alguma surge nos jornais — como agora a de Niteroi apareceu n' *A Noite* — desprezo todas as outras ocorrências, todos os outros assuntos, para a acompanhar até ao fim. E houve tempo, anos seguidos, em que, à notícia de tais fenómenos, me tirava dos meus cuidados e comparecia no local e à hora em que eles se produzissem, tornando-me, entre os desocupados e os supersticiosos, o mais disposto a perder tempo até à positiva confirmação. Mas, aí de mim, não tinha sorte com Almas do Outro Mundo! Toda a gente se gabava, até as pessoas mais modestas, de algum dia as haver visto ou ouvido... pessoalmente. Não poucos indivíduos me afirmavam — até sob juramento à menor dúvida da minha parte — ter entrado em comunicação com elas, já escutando-lhes as confidências mais melindrosas, já tomando nota de coisas a atender ou resolver com urgência, para seu repouso e salvação. E até alguns felizardos me falavam de indicações de tesouros escondidos, prevenções relativas a catástrofes iminentes ou a intrigas de vizinhos, outras provas ainda de confiança honrosa ou benévola simpatia...

Discreto como sempre fui nas minhas pretensões, não ousaria disputar a qualquer outro basbaque favores de tamanha relevância. Contentar-me-ia em testemunhar a presença ou as manifestações das Almas, como se deveras se tratasse de indivíduos deste mundo e de casos geralmente considerados concretos. Quizera convencer-me de que, visíveis, audíveis e até palpáveis para tanta gente, não era por uma questão de desprezo ou birra, por me acharem indigno ou, como se costuma dizer, não irem com esta cara que assim elas se negavam à minha ansiedade de saber. Lobrigar ao menos uma ponta fugitiva do lençol que lhes constitue o tradicional e, pelos modos, inalterável indumento... Receber-lhes bem no ouvido a voz, também por princípio lenta e cavernosa, e ter certeza de não andar por ali perto algum ventríloquo... Sentir positivamente, e sem esfregar os olhos para verificar se estaria dormindo ou acordado, a sua influência envolvente, o seu

prestígio comunicativo, a sua entrada em relações com a minha, se não de todo merecedora, pelo menos sincera, bem intencionada pessoa... E enfim, se nesse princípio de conhecimento mútuo alguma palavra ou sinal me animasse a levar mais longe a curiosidade, perguntar-lhes por que sagrado motivo ou eterna lei as suas práticas transcendentais se limitam a apedrejar singelas casas em bairros mais ou menos longínquos ou socegados!

Sim, era isso que sobretudo me dava volta ao encéfalo, me punha em água, água turva, a chamada massa cinzenta. Por que não empregavam as Almas outros meios de arrelhar os mortais com quem tivessem contas a ajustar ou que simplesmente lhes caíssem no desagrado? Por que não escolhiam nunca prédios da rua do Ouvidor ou adjacências? Por que jamais hostilizavam os inquilinos de arranha-céus? Se nos seus meios de execução como nos seus próprios desígnios imperava o prodígio, tão fácil de certo se lhes tornaria exercerem a vingança ou o castigo em pleno centro da cidade como no mais remoto subúrbio; contra um multi-milionário, um membro da Academia de Letras, um Ministro de Estado e a mais alta patente do Exército ou da Marinha como contra uma senhora que, junto à praia de Icaraí, não deseja senão que a deixem viver obscuramente e em paz.

Haverá realmente circunstâncias pelas quais valha a pena vir uma alma lá do outro mundo, para neste desempenhar a função dos garotos menos alegres e menos inventivos? Em outros paizes, mais antigos e de tradições mais solenes, ainda os mortos, perseguidores dos vivos, adotam uma ou outra variante teatral. Aparecem com armaduras, elmos empenachados, espadagões; arrastam cadeias tremendamente ruidosas; vagueiam pelos espaços noturnos, com vestes diáfanas e como batidas pela projecção de holofotes de *music-hall*... Nesta capital e especialmente nos últimos tempos, nem acometem os quarteirões urbanos nem saem do apedrejamento. Por que tal restrição e tal invariabilidade?

Pouco depois de entrarem os Estados Unidos na guerra e entre outras medidas policiais de especial severidade, foi fechado em Nova York um estabelecimento que alugava Espíritos. Era a famosa Agência Clerk, com tres anos já de funcionamento, em plena prosperidade e gosando dum crédito de probidade e correcção que parecia ainda crescer de dia para dia. Espíritos ou Almas do Outro Mundo ali se contratavam em quantidades variáveis ou avulsamente — e talvez à corrida ou à hora, como os taxis — para figurar quer em experiências científicas ou em sessões agremiadas, quer em festas mundanas ou simples recreios familiares. Mediante a tabela escolhida, espectros ostentosos, fantasmas declamadores, vagas formas ou rumores quasi imperceptíveis, todos aqueles defuntos profissionais cumpriam à risca a tarefa coletiva ou isolada que o cliente, na sua convicção ou na sua fantasia, desejasse. Todos haviam recebido dos especialistas da Agência Clerk educação aprimorada, completa. E eram, todos eles, rigorosamente autênticos.

Não seria empreendimento de real utilidade, além de excelente negócio, fundar-se no Rio de Janeiro uma agência daquele genero, para ensinar as nossas Almas do Outro Mundo a fazer outra coisa que não apedrejar residências obscuras ou fóra de mão? Aí fica a lembrança, que ofereço espontaneamente e de graça a qualquer pessoa a quem ela possa interessar.

17 de Abril de 1943
ANO XLIV --- N.º 16

ÁCIDO ÚRICO

- Dôres nas costas
- Dôres reumáticas
- Urina turva, escassa
- Pés inchados

Aos rins cabe a tarefa de eliminar as impurezas do organismo. Com os anos ela se torna mais árdua e nem sempre mantém plena eficiência provocando os sintomas acima que podem indicar uricemia, envenenamento do organismo pelo ácido úrico. Tome as PÍLULAS DE FOSTER e ajude a remover o excesso de ácido úrico prevenindo-se de graves enfermidades.

PÍLULAS DE FOSTER

Para os Rins e Bexiga

• Diuréticas e balsâmicas — desintefam e ativam os rins. Combatem o ácido úrico e manifestações. Também para pielites, uretrites e cistites.

Aprov. pela D.N.S. sob n.º 233 em 15-4-42.

Numeros atrasados desta Revista na Bahia

Pedir a **ALFREDO J. SOUZA**
Rua do Colegio, 8 — Salvador

O maior amigo da DENTADURA POSTIÇA

Eis aqui uma forma agradável de evitar as contrariedades provocadas por uma dentadura postiça frouxa. **FIXO-DENT**, um novo pó para polvilhar a dentadura postiça, prende-a com mais firmeza na boca, proporcionando maior comodidade. Não deixa sensação pegajosa. É alcalino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiça". Perfuma o hálito. Compre **FIXO-DENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º — Rio

Numeros atrasados desta Revista na Paraíba

Pedir a **EUGENIO DE OLIVEIRA**
Avenida Guedes Pereira, 58
JOÃO PESSOA



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA E APERITIVA

NA ANEMIA CLOROSE E CONVALESCENÇAS

T. TARQUINO

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr. \$ 63,00; Seis meses — Cr. \$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr. \$ 80,00; Seis meses — Cr. \$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. \$ 170,00; Seis meses — Cr. \$ 90,00
O numero avulso custa Cr. \$ 1,50 em qualquer parte do país;
o numero atrasado: Cr. \$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Enderço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerencia: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33, Avenida 9109 — Buenos Aires.

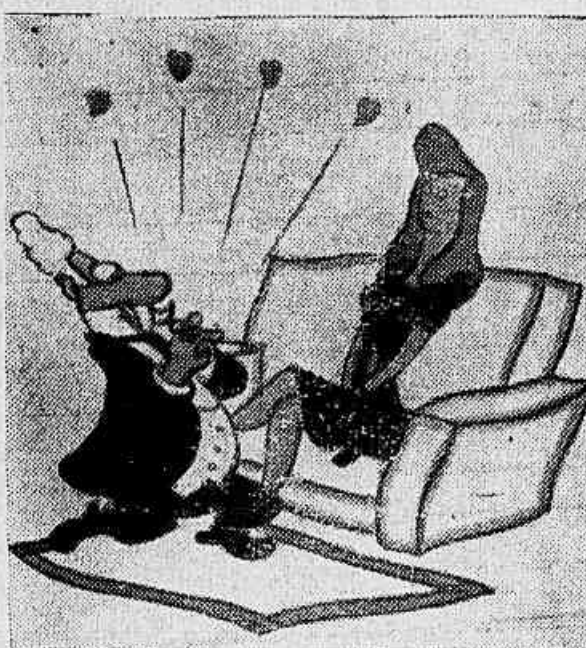
Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este numero consta de 44 páginas

OUTROS RIRAM...

ESTRATAGEMA



Um cavalheiro bastante entrado em anos fazia a corte mais assidua a uma bela viuvinha que, um dia, para o desiludir duma vez. Lhe declarou que não gostava de homens de cabelo branco.



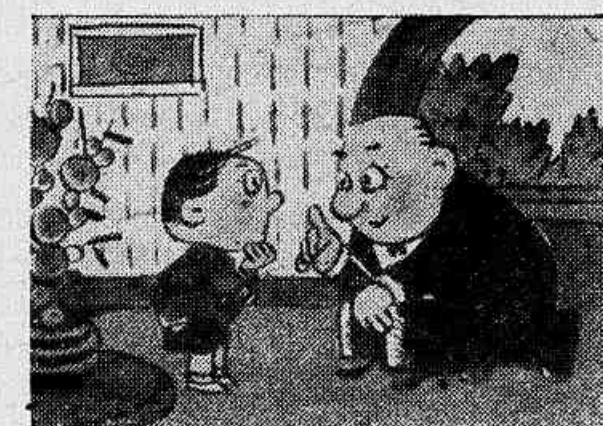
Duas horas depois, apresentava-se o apaixonado com o cabelo retintamente negro.



A viuvinha nem o deixou falar.
— E' inutil! Agora mesmo acabo de desenganar seu pai!



— E aquele magnifico cão de guarda que tú tinhas?
— Roubaram-m'o a semana passada.



— Que é uma fábula, papai?
— E' uma história em que os animais falam... como nós agora estamos falando, compreendeste?



— Cometeu ou não o crime, tal como eu acabo de o descrever?
— Não, senhor juiz; mas, para outra vez seguirei as suas indicações.

NOSSA CAPA

A sortida mais sensacional desta guerra nos ultimos tempos foi inequivocamente o desembarque das forças americanas na Africa, para a arrancada em conjunto com os franceses e os ingleses de Montgomery, arrancada que vem levando de vencida, etapa a etapa, as tropas de von Rommel, até ás praias do mar.

Colocando na nossa capa de hoje o comandante das forças expedicionárias dos Estados Unidos, general Eisenhower, um dos grandes cabos de guerra desta campanha, queremos homenagear deste modo na sua pessoa os bravos soldados de Tio Sam, aos quais, sob a chefia suprema do ilustre homem de armas, coube um difficilissimo papel, pelo inesperado da ação em que lhes foi dado tomar parte, em plenos desertos inhóspitos do continente negro.

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.



LSK

DOR DO ESTOMAGO?

ÁZIA - MÁ DIGESTÃO
DÍSPEPSIA - ÚLCERAS

Papéis

BANKETS



Coragem!

FORÇA-VIGOR-ENERGIA
ALEGRIA DE VIVER!

E' O TÔNICO DE TODOS

DYNAMOGENOL

E' um produto do Laboratório Sian

A SEMANA EM REVISTA

TREINANDO PARA NAUFRAGO



Quanto mais nos detemos a examinar o mundo, mais observamos nele uma absoluta ausência de qualquer disciplina, de qualquer lógica. Viajando-se de país a país, principalmente de um a outro continente, constatamos diferenças quasi inacreditáveis na significação das coisas, nos costumes, nas atitudes, etc. Cada terra tem seu uso... Um chinês, por exemplo, come um ninho de pássaro, durante

uma refeição, e fica firmemente convicto de que acabou de servir-se da iguaria mais saborosa deste planeta. Um inglês passa uma noite inteira em um clube penumbroso, onde todos falam baixo e fumam cachimbos, e no dia seguinte confessa aos amigos que se divertiu muitíssimo...

Cada um desses costumes, considerado em função de outro povo, outra terra, assume as proporções de um absurdo monumental. O egoísmo de um homem só permite que os outros homens vivam de acordo com a idéia que ele tem da vida.

Naufrágios, aventuras absolutamente desagradáveis para a maior parte dos homens, significariam para um certo capitão Wallace Caswell um verdadeiro divertimento. Quando as crianças estivessem gritando de pavor no meio da noite, quando as mulheres chorassem e a morte e o mar guardassem para sempre, no esconjo das ondas, os corpos exânicos — esse capitão regozijaria.

A verdade é o seguinte. Esse camarada, entediado talvez com os esportes comuns, entregou-se á estranha prática de medir forças com peixes. Faz isso com regularidade, assim como se disputasse uma partida de "tennis" ou de "golf"; é o seu esporte. Ignoramos as suas razões de ter enveredado por esse caminho. Mas, até agora, já liquidou mais de três mil peixes, entre tubarões, pescadas, peixes-diabos, peixes-espadas, etc. armado somente de um cutelo! Nota á margem: no lugar do osso frontal possui hoje uma peça de prata.

Sim senhores, do capricho desse capitão poderíamos tirar um proveitoso resultado. Que tal a idéia de criar uma "escola para naufragos", onde o indivíduo se preparasse para enfrentar, sózinho, os terríveis perigos do mar? Depois, os navios só poderiam partir levando tripulações compostas de "naufragos diplomados". E os próprios tubarões evitariam tão perigoso encontro...

PONTOS DE VISTA

Essa questão de nomes é um problema bem sério, hoje. Antigamente os homens chamavam-se José, João, Pedro, Cristovão. As mulheres, Maria, Teresa, Marta, Lucial... Nomes simples, bons nomes de santos e santas. Com eles ninguém se enganava sobre o sexo dos respectivos portadores.

Com o tempo, entretanto, a humanidade faticou-se dessa monotonia. Erar muito numerosos os pedros, os josés, os paulos. De outro lado a literatura popular, o cinema sugeriam nomes sonoros, elegantes, pagãos. Os casais modernos preferem rotular a prole dessa maneira: é até um índice de bom gosto, de romantismo...

Mas a coisa degenerou. Em vez de procurar somente belas sugestões, nomes impressionáveis no bom sentido, deram para lançar mão de qualquer palavra que pudesse lembrar a idéia de um nome. Seria bem volumoso um anedotário de nomes esquisitos, se alguém procurasse reunir as barbaridades porventura relacionadas com o assunto.

Segundo os jornais, o ilustre progenitor de um certo Silvonete, estudante de medicina, aqui no Rio, temendo por certo a má influência de tal nome na carreira do filho, requereu a um juiz do Registro Civil para que o mancebo passe a assinar, apenas, Silvio. A coisa foi algo divertida; justificando a petição, chegaram a surgir atestados comprovantes da masculinidade do rapaz! Depois, o senhor juiz, sem o pressentir, enunciou uma verdadeira "doutrina" sobre nomes. Afirmou que Silvonete não inspiraria confiança á clientela do futuro escultor. Ora, muito bem. Pelo que estamos vendo, cada profissão dispõe de uma série de nomes que inspiram confiança e outros que não inspiram. Mas qual será o critério a que tudo isso obedece? Que espécie de lei estabelecerá, algum dia, com regularidade matemática, que Suzete, por exemplo, serve para denomi-



De quem é a culpa?

Si V.S. sofre de dôr de cabeça, tonturas, pêsso, calor e mal-estar na cabeça, empachamento, dôres e outras perturbações do estômago, certas coceiras e irritações da pele, falta de apetite, preguiça e moleza geral, lingua suja, quentura na garganta, mau gosto na bôca, mal-estar depois de comer, indigestão, mau hálito, arrôtos, gases, dôres, cólicas, e outros desarranjos do ventre, azias, ânsias e vontade de vomitar, nervosismo e outras alterações da saúde provocadas pela prisão de ventre, a culpa é sua porque não se trata como deve.

Estas moléstias quasi sempre são causadas por impurezas, substancias infetadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, que invadem o sangue e prejudicam o organismo.

Para evitar e tratar estes sofrimentos, use **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre limpa o estômago e intestino das impurezas, substancias infetadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosas doenças.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre
em casa **Ventre-Livre**

nar uma manicura e Anastácio da Silva não serve para um advogado? Decididamente, seria melhor que esse magistrado não fizesse mais nada, além de retificar o nome do moço!

VAMOS APRENDER TUPI-GUARANI



Brasileiro que ame verdadeiramente sua Pátria, que alimente pela sua imagem essa compreensão e esse amor que constituem privilégio dos espíritos lucidos, aqueles que vislumbam na história a dimensão épica e vêem na geografia o lado sentimental e pitoresco das coisas não podem permanecer indiferentes em relação ao Índio.

As populações indígenas foram encontradas em nosso território pelos descobridores; eram donas da terra. Delas recebemos os métodos agrícolas, o roteiro dos sertões, os segredos do continente. No aborigena, o branco teve um cooperador nas bandeiras de 1600, um operário da primeira hora, antes de se iniciar o tráfico africano — um soldado, sempre. Indiscutivelmente, êle desempenhou um papel

na formação do nosso país.

A's vezes rebelava-se, lutava, oferecia resistência à espada do conquistador. Mas, ainda mesmo desse modo, prestou um serviço á Pátria Futura, ajudando a formar um povo forte, afeito ao esforço mais rude. Também o nomadismo intelectual das elites, a resistência física do caboclo, a mania da tristeza, refletida aqui e ali, na dança, na musica ou na poesia, em parte herdámos do índio. E nos mitos indígenas, na caminhada louca do curupira, no tropel indistinto do Cavaleiro de Itararé, representamos o próprio Brasil, na aventura do seu destino.

Necessário, porém, que nos identificassemos ainda mais com essa tradição descendo ás raízes do nosso passado. Para isso, nada melhor do que o estudo do Nhengatú. O conhecimento do idioma suave nos aproximará da cultura ameraba, homogeneizando os espíritos, sob a couraça de uma nova mentalidade nacional.

O general Rondon dirigiu-se ao Chefe do Governo solicitando a criação de uma cadeira de Tupi-guarani, na Universidade do Brasil. Que seja ouvida a voz do velho bandeirante. Os povos só atingem seu esplendor quando adquirem uma personalidade no tempo. E a personalidade dos povos — como a dos homens — é, sobretudo, o conhecimento do passado e dos valores nacionais, unicas justificativas para o sacrifício, unicos motivos para o ideal.

FLAVIO.

DURMA

feliz e
com saúde

NUM COLCHÃO

ventilado
de molas

HOLLYWOOD

Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134
Seção dirigida por
DECORAÇÕES: GILBERT DE PARIS

DIA DE RAMOS

Que Dôres De Cabeça!

As dores de cabeça e nevralgias acalmam-se e aliviam-se friccionando as fontes e a testa com Mentholatum. Sentirá logo uma agradável sensação de frescura e bem estar. Insista sempre no legítimo

MENTHOLATUM

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante".

Experimente-o.

Coincidencia

Por ocasião do casamento de Ana de Austria com Luiz XIII os augúrios se manifestaram e descobriram singulares analogias numéricas.

O nome de Ana de Austria se compunha de 13 letras. Contava ela 13 anos; era a 13.^a infanta com o mesmo nome da casa da Espanha. O nome de Luiz de Bourbon se compunha de 13 letras. Contava ele 13 anos quando foi resolvido o casamento. Era o 13.^o rei de França que se chamava Luiz. Tinham os noivos a mesma altura, eram do mesmo mês do mesmo ano. Dessa união predestinada nasceu Luiz XIV, um dos maiores reis da História.

Henrique IV também sofreu a influência dos números.

Nasceu no dia 14 de Dezembro e morreu no dia 14 de Maio. Viveu 4 vezes 14 anos, 4 vezes 14 dias e 14 semanas. Seu nome se compunha de 14 letras — Henri de Bourbon.

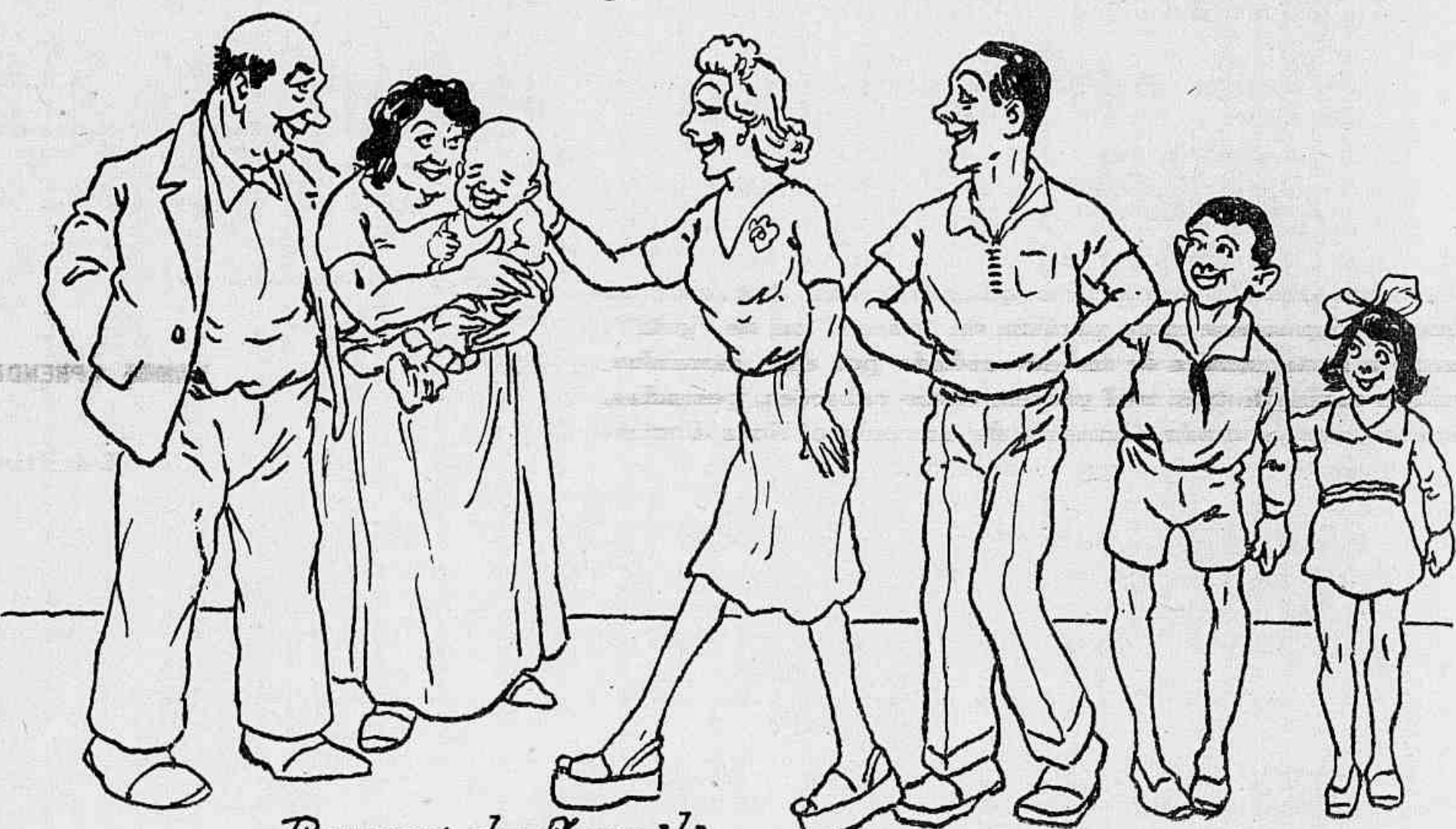
Que influencia terão os números sobre os destinos do homem?

E' preferível absolver cem criminosos do que condenar um inocente.

RUY BARBOSA



Domingo de ramos



Ramos da família



Ramos do comércio



Ramos da paz



A Foice

Conto do escritor húngaro

Kalman Mikszáth

TINHA eu acabado de entrar na loja de ferragens quando chegou um campônio que depois me disseram chamar-se Gergeley Csomak.

— Muito bom dia... disse ele.

— Bom dia. Que deseja?

— Precisava duma foice.

O negociante apressou-se a ir buscar uma porção delas. Csomak, porém, olhou-as com verdadeiro desprezo:

— Não dessas. Quero marca Leão.

O ferragista levou as foices, que eram marca Touro, e trouxe meia dúzia da marca reclamada.

— Ha outras ainda! exigiu altivamente o freguez.

Revestindo-se de paciência, o comerciante foi buscar todos os tamanhos e feitios marca Leão.

Gergeley Csomak considerou as ferramentas, uma a uma, e no fim coçou a cabeça perplexo.

— Bom... declarou afinal — agora preciso de ver as marca Touro, para comparar.

Lá vieram as marca Touro outra vez.

Gergeley tomou um dos utensílios, fechou o olho direito para verificar com o esquerdo o gume da folha; depois fechou o olho esquerdo para considerar a lâmina primeiro com a ponta para cima depois com ela para baixo — tudo isto com meneios desconfiados de cabeça e um ar de quem não estava nada contente com o exame. No entanto perguntou:

— Quanto custa isto?

— Dois florins.

— Quê! Esta foice? replicou ele, em tom irônico. E insistiu: — Esta? Não é possível!

Pousou a ferramenta no balcão e desenhou com o dedo um cabo imaginário para fazer idéia do conjunto. Em seguida, tomou a lâmina entre o indicador e o polegar da mão esquerda, bateu-lhe com os nós dos dedos da direita, escutando bem o som... E ainda tentou vergá-la contra o joelho, a toda a força...

— Não é brincadeira sua? Dois florins, esta foice?

O negociante jurou que não a podia deixar por menos. Era o preço do custo.

— E sabe se ela é de boa tempera?

— Aço inglês, superior.

— Pois olhe, eu ia jurar que é uma foice velha, concertada.

— Qual história! Não ha melhor, garanto. É uma foice que lhe durará toda a vida.

— Se não rachar! retrucou Gergeley, sublinhando com uma risadinha a própria pilhéria.

— Nunca o senhor teve uma foice igual a esta.

— Eu! Nunca tive? Eu?

— Mas olhe bem para ela, faça favor!

— Para que? Pensa que não entendo do riscado? Que preciso de ficar a vida inteira a olhar para uma foice, para saber se ela é boa ou má? Ora, vamos. Cartas na mesa, jogo franco: Quanto quer por ela? Preciso ainda de ir ao mercado, de dar outras voltas na cidade. não tenho tempo a perder. Em suma: Quanto?

— Já lhe disse: dois florins.

— Francamente: gostava bem de saber o que esta foice tem de extraordinário, para o senhor lhe dar tanto valor!

Recomeçou a observá-la, revirando-a em todos os sentidos. Fez a toda a força o gesto do segador, para ver se a lâmina silvava. Foi com ela até à porta do estabelecimento e expô-la aos raios do sol que brincavam no metal azulado. Ergueu-a à altura da boca, expeliu o hálito, energicamente, contra a lâmina, curioso de saber que espaço o embaciamento toma-

ria e quanto tempo levaria a dissipar-se. Finalmente experimentou o "toque" do aço nas pedras do passeio.

— Tem um som esquisito... resmungou — Voltou para dentro, insistiu naquele reparo: — O som não me agrada. Quer m'a deixar por um florim e oitenta kreuzers?

— Homem, com mil diabos! Abato-lhe dez kreuzers. Leve-a por um florim e noventa!

— Não posso. Não vale isso. Que diriam meus filhos? Seriam capazes de me renegar! — Esperou um momento pelo resultado daquele argumento, que foi nulo. Lançou então uma espécie de ultimatum: — Sim ou não?

— Por menos de um e noventa, não.

— Nesse caso, passar bem!

Saíu; mas, a meio da rua, deteve-se, reflectiu alguns segundos, desandou caminho para perguntar:

— Sim ou não?

— Não!

Embaraçado, de cabeça baixa, Csomak revirava entre as mãos o chapéu sebento:

— Oh, senhores... exclamou, desesperado — nunca vi homem tão teimoso! — Reflectiu ainda profundamente: — Está bem. Ponha-a de lado. Ai, nesse canto. Vou pensar.

Passada uma hora voltava. Trazia um companheiro.

— Sou eu! anunciou, ofegante, limpando o suor da testa. Este é Komot Isték, de Doroszmara, padrinho do meu filho mais velho. Aconselhei-o a comprar também uma foice; e assim, sendo duas, com certeza o senhor fará maior diferença.

— Não posso. Já lh'o disse trinta vezes.

— Considere bem... Não vá, por questão de precipitação, deixar de fazer negócio...

— Homem, quer saber duma coisa? Deixe-me em paz!

— Que é isso? Não se zangue! Disse eu acaso alguma coisa que o ofendesse? Sou incapaz disso! Pareço-lhe capaz de semelhante coisa?

Dessa vez o negociante achou melhor não responder.

— Pois está fechado o negócio, acabou-se! Deixe ver a foice, mesmo pelo florim e noventa!

Começou, com misteriosa lentidão, a desabotoar o colete, para desentranhar de lá o dinheiro da compra. Mas, ao pegar no utensílio, que o ferragista trouxera de novo, subitamente se encheu de desconfiança:

— Oh, diabo... Parece que esta não é a mesma foice...

E tornou a abotoar o colete.

— Não é a mesma, como? Porque? retrucou o negociante, irritado de veras. — Homem, se não quer comprar não compre, mas deixe-se de dizer asneiras. Ouviu?

— Bom, o culpado fui eu... Quem me mandou sair daqui... sem levar a outra?

— Mas, com mil raios. Se lhe afirmo que é a mesma!

O campônio repetiu a série de experiências, da luz, do toque, do hálito e concluiu:

— Pois eu lhe garanto que não é. E por "esta" não posso dar mais de um florim e sessenta kreuzers.

(Continúa na página 42)

T. TARQUINO



PARA CADA GOSTO UM TOM,
PARA CADA PELE UMA CÔR.

Pó de Arroz
ORYGAM DE GALLY

O PÓ DE ARROZ QUE
REALÇA A BELEZA!

A' VENDA EM TODO O BRASIL

MACHADO DE ASSIS

Por ANTONIO SALLES

Antonio Salles, que morreu no Ceará há pouco mais de dois anos, injustamente esquecido, privou longamente com a maior parte dos grandes nomes das letras brasileiras. Por ocasião do Centenário de Machado de Assis, teve ocasião de descrever-lhe a figura na Academia Cearense de Letras, numa página comovida, que nem sequer chegou ao Rio. Publicando-a aqui, é uma dupla homenagem que assim prestamos.

PRESUMO que de todos os homens de letras aqui presentes talvez seja eu o único que conheceu de perto Machado de Assis. Sim, tive a honra e a fortuna de conviver com o mestre excelso e o grande homem de bem, que foi o autor de *Braz Cubas*. Durante vários anos nos encontramos diariamente, com exceção dos domingos e feriados, primeiro no escritório da *Revista Brasileira* e, extinta esta, na Livraria Garnier.

Assim, pude de perto admirar o milagre que era a personalidade literária e social de Machado de Assis. Ouví-lhe muitas vezes palavras de afeto e estímulo e sentí muitas vezes sua mão pousar-se no meu ombro com paternal carinho.

A natureza não concorreu em nada para esse milagre; ao contrário, parece que caprichou em torná-lo inapto para vencer na vida. Outros, que receberam dela maiores carinhos, passaram pela terra como seres nulos ou medíocres.

Mas no meio de todos esses entraves e deficiências ele possuía a força misteriosa do talento, que o fez vencer tudo, que o elevou da humildade de sua condição nativa à glória de chefe da literatura nacional.

Quando digo que a natureza não concorreu em nada para a formação da personalidade de Machado de Assis, talvez eu esteja cometendo um erro de psicologia. Quem sabe se, dessas misteriosas combinações de inferioridades, não resultou o produto que, por um fenômeno químico, se transformou na gema preciosa do talento?

Mas o gênio raramente anda ligado às altas qualidades morais, que são quasi privativas dos homens normais. Machado de Assis aliava ao gênio literário uma perfeita sanidade moral. O menino do morro do Livramento tornou-se um homem de caráter puro, de elevados sentimentos e, o que é mais surpreendente ainda, de uma rara distinção de maneiras. Na roda da *Revista Brasileira* havia fidalgos de sangue, aristocratas apurados em várias gerações educadas no estudo e na prosperidade; entretanto, uma vez, pode-me dizer Leão Veloso: — De todos os homens desta roda o mais polido é Machado.

Dos elevados sentimentos dão prova sua impecável probidade como funcionário e a sua perfeita correção como homem do lar. Contra a acusação que lhe fizeram de egoísta e indiferente, protestam os seus versos de amor e principalmente essa formosa confissão, que é o incomparável soneto a Carolina.

Diante desse conjunto de perfeições morais e intelectuais é irritante que biógrafos impiedosos porfiem em autopsiar a personalidade do Mestre para por em exibição suas taras físicas e a humildade de sua origem.

Nada disso interessa realmente ao público. Se a sociedade não pergunta aos ricos e aos poderosos como formaram sua fortuna e seu prestígio, com que direito se encarna em estudar Machado de Assis anatomicamente, como um cadáver anônimo, que se retalha na mesa de um anfiteatro?

Lúcia Miguel Pereira, na sua aliás excelente biografia do Mestre, teve o mau gosto de insistir sobre sua miséria fisiológica e o seu nascimento humilde.

Peregrino Júnior, médico e escritor, consagra um livro especialmente para estudar Machado de Assis como um caso patológico.

E' desumano e antistético... De Machado de Assis só nos interessa a sua obra de escritor de gênio e a sua vida de homem puro e digno.

Milagres não há só na religião; há-os também nas letras e nas artes.

Maravilhemo-nos como esse desherdado dos fados se pode elevar para a glória em tão desamparadas condições de existência, como conseguiu formar essa personalidade diferente de todas as de seu tempo, e por vários motivos superior a elas. Ele não se parece com qualquer outro vulto intelectual de sua época, — seja poeta, romancista, *conteur*, teatrólogo, cronista e crítico.

E, sem se saber como, aprendeu tudo. Conhecia várias linguas antigas e modernas. Todos sabem com que perfeição ele versejava em francês, e a estupenda tradução do *Corvo* de Poe demonstra como ele possuía a fundo a lingua inglesa. A antiguidade clássica, em sua história e literatura, lhe era perfeitamente familiar; familiar lhe era também a literatura moderna francesa, inglesa, alemã e italiana. E os fatos da história política ou literária são evocados em seus escritos com a facilidade e a naturalidade dos verdadeiros sabedores, e não com esse pedantismo dos eruditos apressados que forçam as ocasiões de impingir conceitos apanhados em suas últimas leituras. Ao tempo em que toda a gente escrevia mal o português no Brasil, ele o escrevia com esmerada correção; quando quasi todos os poetas se exauriam em pieguices sensaboronas, ele produzia essas maravilhas de forma e pensamento que são a *Mosca Azul*, o *Círculo Vicioso* e a tradução do *Corvo* de Poe.

No meio dos romances ingênuos e mal escritos de Bernardo Guimarães, Macedo e outros, Machado, depois de pagar seu tributo ao gosto do tempo com romances ligeiros e sentimentais como *Helena*, *Ressurreição* e *Iaiá Garcia* — ainda assim muito superiores aos outros autores românticos —, criou o romance psicológico com *Braz Cubas* e *Quincas Borba*, iniciando a série dessas obras primas que o immortalizaram. Seus contos primam pela originalidade e pela engenhosidade da fatura. Suas peças de teatro — somente teatro de salão — são de uma elegância primorosa, de uma graça encantadora. Suas crônicas são de um incomparável aticismo, chegando á altura de páginas de grande história, como nessa famosa pintura do Velho Senado. Suas páginas de crítica revelam um agudo senso estético, um critério penetrante, e profundo sentimento de justiça.

MOVIMENTO

De tudo isso se formou a gloriosa personalidade literária que nasceu há um século e que cada vez se nos mostra mais viva, mais rica em aspectos múltiplos e desconcertantes. No momento em que a Academia Cearense de Letras se solidariza com todas as corporações literárias do País para glorificar Machado de Assis, não se deve, porém, esquecer que ao lado dele está José de Alencar, que foi o criador do romance nacional. Os dois mestres se estimavam e respeitavam mutuamente.

Não podia haver rivalidade entre eles: um era o artista sutil, o joalheiro de idéias, que incrustava as gemas da ironia no ouro puro do seu estilo; o outro era o escultor arrojado, que criava os grandes tipos, o pintor, que pintava com fortes coloridos as figuras e as paisagens da terra brasileira. Se um era Benevenuto Cellini, o outro era Miguel Angelo.

Se Machado de Assis, ao lado das figuras amargas de Braz Cubas, Quincas Borba, Dom Casmurro e Conselheiro Aires, criou os tipos femininos de Iaiá Garcia, de Sofia Palha, de Capitú e da senhora da Missa do Galo, José de Alencar nos deixou os vultos adoráveis de Cecó, Iracema e outros de sua galeria de mulheres, e derramou de sua pena torrentes de poesia, que é a expressão luminosa e ardente da vida tropical.

Machado de Assis e José de Alencar são os dois expoentes máximos da literatura de ficção no Brasil. São diferentes, mas não no valor absoluto da obra de cada um. São ambos grandes, cada um no domínio que lhe indicou seu temperamento. São duas glórias que não se repelem, mas que, ao contrário, se completam para elevar bem alto a mentalidade do Brasil.



O espelho

LHE DIRÁ

As pessoas de bom gosto que escovam os dentes regularmente com Creme Dental Squibb, o espelho revela coisas interessantes. Mostra dentes bem limpos, exibindo seu brilho natural... Dentes tratados com toda segurança porque o Creme Dental Squibb é tão puro que não pode prejudicar nem o esmalte dos dentes infantis, nem suas delicadas gengivas. A fórmula científica de Squibb não admite nenhuma

substância raspante, adstringente ou sabão. Ao invés, contém um eficaz *anti-árido* — Leite de Magnésia Squibb. Use o Creme Dental Squibb, pela sua pureza — eficácia — e use-o para refrescar-se. O sabor é delicioso — todos o preferem — e a admirável sensação de frescor que deixa na boca torna um verdadeiro prazer escovar os dentes. Se ainda não usa este puro dentífrico, não deixe de comprar um tubo para experimentá-lo.

Creme Dental Squibb

254

ESCOVA ANGLE SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de TODOS os dentes. Fios da mais alta qualidade — eficientes — duráveis.



LITERÁRIO

CARLOS DE LAET, O POLEMISTA, por Antônio J. Chediak, segunda série — Rio de Janeiro, 1940.

Esta segunda série, organizada com a mesma abundância documental e o mesmo capricho de exatidão, é muito mais variada que a primeira e, não só por essa, por várias outras razões mais interessantes.

Carlos de Laet parece estar agora em pleno vigor e pleno ardor de polemista. No seu *Microcosmo do Jornal do Commercio* se refletem acontecimentos, questões, individualidades, assuntos de toda a sorte. Se os motivos de controvérsia ali não veem ter acidentalmente, o folhetinista os vai buscar onde estiverem: na política, nas letras, na administração, no ensino, no teatro, na polícia, nos menores casos e nos mais leves aspectos da vida quotidiana: Tudo lhe serve. E, quando tudo lhe falte, ainda lhe assiste o recurso de improvisar, imaginar, inventar.

Nesta última função combatente, de que se devia ter feito, no tempo, verdadeira especialidade, primava Laet em acrescentar quadros ou episódios a peças de teatro; dar a resenha, a seu modo, de sessões parlamentares ou reuniões de diretórios; descrever, com tanta fantasia de concepção e tanta perfídia de intenções quanto correção e sinuez de estilo, encontros, alianças, conflitos, separações para sempre entre personagens de nomes fictícios mas em quem todos os leitores imediatamente viam e ainda hoje, em muitos casos, podemos reconstituir as autênticas individualidades. De tal modo as suas alusões eram transparentes ou sugestivas que nenhuma das pessoas em questão podia fingir que não lera ou não entendera. Toda a gente mais ou menos respondia — fornecendo ao cronista ensejo para novos ataques ou jovialidades. E havia os que na contenda se metiam sem ser chamados, por esporte, para aparecer, para mostrar que não receavam mexer em casa de maribondos...

A's vezes Laet se avinha com três e quatro adversários ao mesmo tempo. Na questão, por exemplo, do *Mandarin*, a famosa revista do ano de Moreira Sampaio e Artur Azevedo, entraram na bulha não só os dois autores como Ferreira de Araújo, Silvestre de Lima, Filinto de Almeida, Valentim Magalhães e quasi todos os titulares de crônicas ou seções humorísticas da imprensa da Corte. E, no correr das quatrocentas páginas deste volume, Carlos de Laet nos aparece, ora em duelo singular, ora em refregas múltiplas com José do Patrocínio, Barão de Paranapiacaba, Castro Lopes, João Ribeiro, Julio Ribeiro, Alfredo Gomes, Araripe Júnior, Silvio Romero, Alfredo Camarate, Felisbelo Freire, Afonso Celso Junior, Alcindo Guanabara, etc., etc., etc.

PSYCHE, TECEDEIRA DE ESTRELAS, contos de Alberto Wagner de Reyna, tradução [de Georgino Paulino] — São Paulo, 1943.

Contos, apólogos, crônicas, leves concepções filosóficas, enfeitadas de fantasia... O notável escritor peruano, lente de Universidade, diplomata de carreira, compoz este livro, não rigorosamente como Littré organizou o seu dicionário: fazendo outras coisas — mas de certo interrompendo ocupações graves e profundas, para dar diversão e regalo ao espírito e uma espécie de férias ao sentimento. Assim estas criações, em vez de lhe custarem qualquer esforço, só lhe devem ter proporcionado momentos de alegria e doçura. Surgiram por si mesmas, para encanto do pensador, do poeta e do artista que se encontram reunidos no autor.

A Psyche, que dá o título a uma destas pequeninas obras e ao livro inteiro, não pretende repetir o episódio Amor e Psyche de *Burro de Ouro*, de Apuleu. O sr. Wagner de Reyna lhe atribue um mister simbólico e encantador: "Psyche tem o mais fino e delicado dos ofícios: é tecedeira de estrelas, de estrelas transparentes, diáfanas, e que — à semelhança do astro primogênito do dia — estão sempre à flor da terra, como se se as pudessem tocar com as pontas dos dedos. Quem corre atrás da estrela d'alva, para apoderar-se do seu esplendor, colherá desenganos, pois jamais a alcançará; quem quer apossar-se de um desses labores que Psyche fabrica, será defraudado na sua ilusão — porque eles são também ilusórios."

Outras páginas encerram conceitos morais, quasi à maneira de fábulas, como a *História do Pequeno Centavo* que vai à presença de Deus, para dar conta do bem e do mal que, no seu prestígio e na sua sedução de dinheiro, andou a fazer por este mundo.

A linguagem é sempre apurada, florida. E o tradutor, sr. Georgino Paulino, servindo-se embora de certas liberdades correntes na época, conseguiu geralmente corresponder às graças do original.

TRATADO DE EDUCAÇÃO DA MEMÓRIA, por Ernesto Rizzoni. — São Paulo, 1943.

O sr. Ernesto Rizzoni vem, com este livro, esclarecer-nos quanto à melhor maneira de cultivar, desenvolver, preservar a memória. Bem haja pelo belo esforço e sobretudo pela nobre intenção!

A memória, que é a companheira mais solícita, pode se converter na inimiga mais traiçoeira. Auxilia-nos em todos os cometimentos da inteligência, da cultura, do gosto; e de repente, se lhe vem o capricho de nos abandonar ou a perversidade, maior ainda, de nos iludir, inutiliza quanto conseguimos realizar ou faz que tudo redunde em catástrofe e irrisão. A sua intervenção mais singela bastará, em alguns casos, não apenas para nos inspirar, dando-nos o ponto de partida dum empreendimento, mas para nos guiar por ali fora, fortalecendo-nos, entusiasmando-nos e, a bem dizer, trabalhando por nós. Doutras vezes, porém, e quando mais contemos com ela, quando mais precisemos dela, é capaz de se negar; e aí de nós se lhe apraz lançar-nos aos perigos e tormentos da confusão...

O sr. Rizzoni vem, com a presente obra, ensinar-nos a exercitar e disciplinar a memória, de maneira a fazer dela, em vez de camarada preciosa mas voluntariosa e fantasista, uma serva docil, pronta, eficiente e tanto quanto possível, fiel. Para isso se preparou com a leitura e aplicação de numerosas obras sobre o assunto ou com ele relacionadas, entre as quais: Dicionário mnemotécnico — Aragão — 1850; Manual de menemotecnica — H. Vilaplana; A memória em 12 lições — Sankara; Come educare la memoria? — Egisto Ruggero; A consciência interna — William W. Atkinson; Filosofia da linguagem — J. Balmes; Pedagogia Científica — A. M. Aguayo; A Escola e a Psicologia Experimental — Ed. Claparede; L'Esprit des abeilles! — Julien Fraçon; How to train the memory — H. Ernest Hunt.

Com esse opulento cabedal de erudição e com as suas observações, experiências e averiguações próprias, organizou uma série de lições, que vão do estudo *Tipos de memória* a um copioso, meticoloso *Vocabulário mnemotécnico*. E parece-nos que toda a gente, profissionais das letras, amadores convictos ou meros leitores, lucrará procurando assimilar o conteúdo destas páginas — e não o esquecer.

A CENA MUDA

Publicação fundada em 31/3/21, data em que veio a luz o seu primeiro número, é a mais antiga revista de assuntos cinematográficos do Brasil, editada ininterruptamente pela Companhia Editora Americana.

Tendo a frente do seu corpo redacional, no momento, o jornalista Celestino Silveira, cuja autoridade em questões de cinema aparece conjugada a um dinamismo invulgar, A CENA MUDA atravessa, por isso mesmo, uma de suas fases mais brilhantes.

Dentro das limitações ditas pela situação atual, está procurando ampliar seu campo de atividades, enriquecendo-se, desde Agosto último, com uma bem orientada seção de rádio.

Comemorando esse 22.º aniversário, A CENA MUDA está circulando esta semana com uma bela edição de 44 páginas.

MOCIDADE CENSITARIA

Temos sobre a nossa mesa de trabalhos *O Censitario*, órgão da mocidade que trabalha no Serviço Nacional de Recenseamento.

Trata-se de um bem acabado numero de jornal, cuja materia variada surpreende pela bela orientação que lhe sabe imprimir o seu diretor, Jayme de Figueiredo.

O jornal ocupa-se também das atividades do Gremio Censitario, o qual tem como presidente Silvio Malaguti, um esforçado que tudo faz pelo engrandecimento da associação e cuja inteligência e capacidade de trabalho são reconhecidas por todos nós. *O Censitario* traz ainda, entre outras, notícias sobre o Departamento Artístico do Gremio, que obedece à orientação de Nelson Nobre, e sobre a criação do Departamento Feminino cuja presidente eleita é a dra. Maria Kolen, do Gabinete Medico.

Enviamos daqui os nossos votos de prosperidade a *O Censitario*, nas pessoas de Jayme de Figueiredo e Silvio Malaguti.

I. M.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



BANCO INDUSTRIAL BRASILEIRO S. A.

Capital Cr. \$ 10.000.000,00

MATRIZ

Rua General Camara, 71

Fone: 43-8830 — Telegramas: "CASABANCA" — Caixa Postal 785

FILIAIS NO DISTRITO FEDERAL:

BANDEIRA
MADUREIRA
MEIER

Praça da Bandeira, 305
Rua Maria Freitas, 13
Rua Frederico Meier, 8

Fone: 48-0212
Fone: 29 6606
Fone: 29-5355

FILIAIS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:

NITEROI — CAMPOS — PETRO'POLIS — BARRA DO PIRAI
CAMBUCI — ITAPERUNA — NOVA IGUASSU — VOLTA
— REDONDA — REZENDE — VASSOURAS —

Todas as operações bancárias às melhores taxas

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr. \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de vend. no interior ou na capital da Republica, constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.

ESCRAGNOLLE DORIA

BERNARDIN DE SAINT-PIERRE

AS obras imortais acabam não pertencendo mais á literatura de povo algum. Ficam á guarda do universo pensante do qual aquelas obras são património. Os genios capazes de tais obras passam a embaixadores perpetuos da immortalidade junto ás gerações reinantes sobre a Terra.

Um daqueles embaixadores é Bernardin de Saint-Pierre, autor de livro imortale — *Paulo e Virginia* — para leitura devorada no século XVIII contando inúmeros leitores na centuria seguinte.

A egloga em prosa de 1787, lida no salão de Madame Necker, provocou bocejos de assistentes. Quando se comprehendeu a obra avaliando todo o seu encanto tropical, todo o seu vocabulario exotico, as bocas se abriram não mais para bocejos, sim para a admiração e suas consequentes interjeições.

Bernardin de Saint-Pierre nasceu em 1737, no Havre, normando portanto. Teve infancia nos tempos felizes do reinado de Luis XV. Atesta-o Aimé Martin, excelente biografo de Bernardin. Ao tentar este meio de vida, o corpo da politica francesa apresentava lesões e no moral as sociedades as têm como os individuos as sofrem no fisico. Qualquer cousa apodrecia no reino de França, e o mesmo Hamleto disséra do reino da Dinamarca.

Aluno da Escola de Pontes e Calçadas, engenheiro adido ao exercito do Reino e vitima da canalhice de um chefe, sonegador dos trabalhos do subordinado, Bernardin pedio-lhe satisfações, iracundo, de espada nua. Já de si covarde, o agredido dobrou covardia fugindo, a gritar por socorro. Bernardin, réo de indisciplina, foi excluido do exercito renano.

Malta achava-se então ameaçada de sitio. Bernardin oferece-lhe prestimos. Os engenheiros da ilha perseguem, por espirito de classe, o excluido das tropas do Reno.

Bernardin vai ao fundo da Russia e angaria amigos. Estes o levam a S. Petersburgo onde Catarina II dá por ele. Foi quanto bastou. Os grandes da côrte adulam o hospede, chovem-lhe presentes, eterna comedia visível e risível em todos os tempos.

Persuadido pelo embaixador de França na Russia, o barão de Breteuil, Bernardin se envolve na luta pela independencia da Polonia. Aí atraído, mal tem ensejo de escapar á Siberia e a seus gelos. Bernardin se evade, mas Breteuil obtem para o seu protegido nomeação de engenheiro na Ilha de França. Nela tres anos, Bernardin de regresso á França conheceu o cabo da Boa Esperança e a ilha da Ascensão, mais pedra que verdura.

Em Paris não poucos dissabores pungiram Bernardin até serenal-os Luis XVI designando-o intendente do Jardim das Plantas, cargo a calhar para quem se celebrisaria escrevendo os *Estudos da Natureza*.

Ao flamejar da Revolução Francesa, Bernardin de Saint-Pierre curte dias sombrios, os da falta de recursos, os de não saber hoje o que comer amanhã. Para subsistir ensina na Escola Normal em tempos anormais.

Prometendo beneficios á humanidade, de mais em mais, a Revolução proporcionou á França sementeira de horrores e para melhor declarar direitos dos homens lhes cortava as cabeças.

Diretorio, Consulado, Imperio vieram em fila á História. Dous Bonapartes, Luis e José, tornaram-se amigos de Bernardin. Um irmão se lhes ajunta, Napoleão, General, consul, imperador, etc. não esquece Bernardin.

Habitado aos tropicos, Bernardin podia ter em Napoleão a imagem de trovoadas passando sobre a Europa para ultimo raio em Waterloo.

O fim de vida de Bernardin de Saint-Pierre precedeu de pouco o declinio de Napoleão na Europa, a Africa a esperal-o com sua Santa Helena no só dos mares. Bernardin morre em 1814, longe de Paris, numa casa de campo propria, com ultimos dias pacificos em ambiente campestre, termo da existencia calma de um celebrador da Natureza.

Raro é o escritor digno da corôa da immortalidade concedida por obra de seu genio e por unanime aclamação de gerações, os povos da Historia. Aquela corôa foi dada a Bernardin de Saint-Pierre por *Paulo e Virginia*, idílio no qual o pudor recalca o que pode haver de sensualidade de pungimento em dous adolescentes de sexo diverso.

Os autores modelos, por secreta ironia inimitaveis, são estudados com vantagem pela erudição e pela critica quanto possivel melhormente desapaixonada.

Só com o que Sainte Beuve disse do compatriota se póde lançar a papel uma pagina curiosa sobre Bernardin, o revelador da floresta virgem e das magnificencias do Novo Mundo, o leitor de La Fontaine, o influenciador de Lamartine e Chateaubriand, por certos naturalistas aproximado de Buffon.

Da copia de estudos acerca de Bernardin de Saint-Pierre apartem-se os de Maurício Souriau e Edmundo Pilon, Mostra o primeiro Bernardin á luz dos seus manuscritos, o segundo se demora no apreciar os personagens de *Paulo e Virginia* em ação central ou secundaria. Pilon sirva de guia principal.

Ao chegar á Ilha de França estava Saint-Pierre em plena posse de mocidade, do fogo pro, rio dessa idade, solteiro, de rosto agradável, e isto muito satisfaz o sexo feminino, o viajante francês nada, nada misantropico e ainda menos anti-feminista. Achava-se na época de ter a mulher pelo mais perfeito capitulo animado da criação.

As *créoles*, francesas ou não, da ilha antilhana apareceram em visão clara, amorenada ou bem morena aos olhos de Bernardin, que as admirou em bloco.

Na vida masculina em geral uma imagem feminil domina todas as outras imagens do sexo. A memoria tem rainhas. Bernardin teve a sua.

Foi Madame Poivre, esposa do intendente da Ilha de França, Monsieur Poivre, "de nome tão saboroso" segundo Pilon, e a palavra passada a português diz pimenta.

Madame Poivre, natural de Lyon, mostrava-se formosa, mais que formosa gracil, mais que gracil encantadora. Honesta mãe de familia, dona de casa eximia, era a verdadeira "mulher forte" celebrada pela Biblia.

Bernardin de Saint-Pierre enamo-rou-se de Madame Poivre e dirigiu-lhe tudo quanto a tatica do galanteio e a estrategia do coração empregam nos sitios de amor.

A requestada ficou inacessível e da praça forte da dignidade conjugal vibrou no apaixonado golpes de ironias,

a principio veladas, depois directas. "Gosto das pessoas que não se incomodam com o que se passa no meu coração". Exemplo das ironias veladas. Agora uma das ironias directas. "Quer sinceridade — escrevia Madame Poivre a Bernardin, — nesta terra raro desfruto a companhia de Mr. Poivre, muito me aprasera conversar com ele, se viêr domingo, e não desgostaria se ele viesse só". Por carta tambem se aponta a porta da rua. Mostrou isto Madame Poivre desejando o regresso do marido em viagem de inspecção pela ilha.

Monsieur Poivre, por seu turno, mostrou-se reservado. Bernardin provocou explicações, foram inuteis, Mr. Poivre acastelado na mais fria polidez. Bernardin de Saint-Pierre procurou sempre ocultar a derrota sentimental, o desapontamento da frieza de Mr. Poivre. Mas o segredo, conforme Pilon, encerrado num amarellecido masso de cartas, já não é hoje segredo.

Na Ilha de França, na aventura de Bernardin, tudo acabou bem. O jogo amoroso de fim no gelo, Madame Poivre ponde dedicar-se como sempre só ao marido e a duas filhas, Sara e Juliana, Bernardin de Saint-Pierre por seu turno ponde votar-se á immortalidade escrevendo *Paulo e Virginia*, não sem ter dado mão de solteiro a Mademoiselle Pelleport e mão de viuvo a Mademoiselle Didot, sem que saibamos se a ambas teria falado de Madame Poivre. O tempo e o vento levam.

Segundo Aimé Martin, nos ultimos dias de vida, Napoleão baixado de novo a general Bonaparte, relia sem cessar *Paulo e Virginia*. Curiosa leitura evocadora de uma ilha tropical toda luz e perfumes, para leitura numa ilha inhospita, rochosa qual Santa Helena.

Quando varios emigrados de França se estabeleceram livreiros em Londres retiraram não pequenos lucros da venda dos escritos de Bernardin de Saint-Pierre, notadamente *Paulo e Virginia*.

Obra francesa celebre, o romance não podia deixar de ser muito lido no Brasil sempre francofilo. Bastantes almas nossas se comoveram com a felicidade e depois com as desgraças dos personagens do livro de Bernardin de Saint-Pierre, o amigo de Rousseau, e o socio de suas teorias regeneradoras da vida social pela volta á natureza, teorias aquelas que por contraste tanto ajudaram a atear o incendio da Revolução Francesa.

Criados juntos, Paulo e Virginia adolecem unidos por um sentimento que julgam amizade quando tal sentimento era idéa primaria do amor ingenuo de dous corações puros. Virginia, é chamada á Europa por uma tia, e parte da Ilha de França. Em casa da parenta, uma fidalga, Virginia só encontra desilusões, embora

a tia a mande instruir, a titule condessa, a enroupe ricamente. Virginia almeja voltar á ilha querida, ao convívio dos verdadeiros seus. Sae de França a bordo do *Saint-Géran* assaltado por medonho furacão á vista da Ilha de França.

Na iminencia do naufragio proximo, ao erguer e ao cavar das ondas, cada qual se atira ao mar, agarrando-se a vergas, a taboas, a mesas, a toneis, a gaiolas, a quantos objetos represente possivel salvação no ferver das vagas, de tumulos movediços abertos para logo fechados.

No convez do *Saint-Géran* restam Virginia e um marujo, e este para salvar a tenta despojar-a de vestes. A moça afasta-o com dignidade, d'ele desviando a vista. Então montanha d'agua se adianta para o navio, rugindo, cachoando, de negros, flancos e cimos espumantes. O marinheiro precipita-se no oceano. Vendo a morte Virginia acolhe-a com uma das mãos em cima das vestes, outra por sobre o coração a semelhar um anjo de vôo ao céu.

Alcamlada a tempestade, o oceano começa a mandar à praia os despojos mortais e os salvados do sinistro. Vem ás areias o corpo de Virginia, ela sem traços sensivelmente alterados, e vestida, mantendo a attitude do pudor que lhe custára a vida, uma das mãos apertando sobre coração o retrato de Paulo.

Com pompa até militar determinada pelo governador da ilha, foi Virginia sepulta perto de igreja, em meio de cenas tocantes. Negras de Madagascar e de Moçambique ao redor do tumulo depositam cestas de frutas; indias de Bengala e de Malabar trazem gaiolas cheias de passaros aos quais dão liberdade, em nome da morte entregando-as á vida.

A imaginação se vale do concurso da realidade. Um navio, o *Saint-Géran*, largára de Lorient a 24 de Março de 1744 e a 17 de Agosto, após quasi 5 mezes de travessia, poz-se á vista da Ilha de França. Desageito de manobra atirou a embarcação sobre recifes, seguindo-se naufragio. A despeito dos rogos de dous passageiros, quatro moças recusaram despir-se para salvação no mar. Os dous companheiros de viagem resolveram não deixal-as, parecendo com elas.

"Na Ilha de França, vinte anos depois, Saint-Pierre recolheu a narrativa do sinistro de 1744 e a transformou em obra-prima. Fundindo os traços de duas naufragas de 1744, reunindo-lhes o pudor, a beleza, a mocidade, sagrou-as o escritor numa só figura, a de Virginia de la Tour.

Pintor nosso, Antonio Parreiras, expondo tēlas proprias em 1905, num grande quadro figurou *A Morte de Virginia*, obedecendo á narrativa de Saint-Pierre. O artista representou na virgem intemerata atirada á praia não simples figura, mas tudo quanto o pudor feminino encerra: o misterio e pois o encanto; o recato e pois o respeito.



Bernardin de Saint-Pierre (1737—1814)

--- CONTO ---
BRASILEIRO



LUIZINHA, A MANICURA

conto de RAQUEL DE QUEIROZ

LUIZINHA repassa o polidor, rapidamente, nas unhas do cavalheiro. Ele tem os dedos finos, ossudos, curiosamente despontados. E tem uns olhos frios e impertinentes, certo ar nostálgico, quasi insultante. Mas Luizinha não repara em nada, tão fatigada está. O que faz é um esforço enorme para tentar abafar, esconder um bocejo.

Afinal o cavalheiro se levanta, põe uma nota sobre a mesa, recusa o troco, pega um taxi na porta.

O ultimo, graças a Deus! Luizinha despe o avental branco, alisa os cabelos, tenta retificar as próprias unhas maltratadas pela acetona. Mas desiste logo, dá de ombros, indiferente, cansada, tão cansada! Sai lentamente, dá boa noite ao colega que ainda faz um cabelo àquela hora tardia, vai para a esquina esperar o ônibus.

E, no ônibus, volta a pensar: precisa passar a ferro o vestido, verificar se a meia está boa, engraxar os sapatos...

Que cansaço, meu Deus, que tédio! E então a festa, a tal festa. Luizinha vai para essa festa com a mesma indiferença fatigada com que vai para o trabalho. Os "grandes bailes" são sempre iguais, e até o namorado, que é o elemento mais variável, parece o mesmo de antes, o mesmo da festa que passou: repetem-se indefinidamente, sempre corretos, bem penteados, bem vestidos, bem manicurados: são sempre freguezes seus, freguezes que mudaram de categoria.

Porque a ética das manicuras não é tão intransigente quanto a dos médicos, e Luizinha costuma escolher os namorados entre a clientela, não vendo nenhuma incompatibilidade entre o amor e a profissão. Dentre o grupo de rapazes amáveis de quem trata as mãos, escolhe sucessivamente um ou outro, como quem tira uma flor para a gola no jarro da sala; nunca lhe ocorre procurar mais longe, tradicionalista e indiferente que é. E vai-se deixando passear com os rapazes "distintos", conhece os seus automoveis, está já no seu centesimo cinema e nada lhe é mais familiar do que a penumbra das salas de projeção ao lado de um meio-desconhecido solícito. Nos momentos sentimentais da fita ele lhe aperta os dedos com força, ou chega o rosto mais perto do seu. A saída tomam sorvetes, ou estacionam preguiçosamente diante das vitrines iluminadas, ele fazendo ofertas de presentes, com subentendidos equivocados que ela finge não entender.

E conhece principalmente o tédio dessas festas sem interesse, dansando sempre com o mesmo par, que embalde muda de semana em semana. Ouvindo as mesmas coisas, sopradas ardentemente durante as dansas, recusando-se a tomar as bebidas fortes, para aceitar depois um copo de guaraná morno ou gelado demais, enquanto, posto corretamente à sua frente, teso na roupa cara, o galã ingere consciencioso o seu *whisky*.

O ônibus chegou à sua rua. Luizinha abre a carteira surrada, põe o dinheiro na caixinha, salta, entra a caminhar ao longo das casas velhas, com jardins maltratados, à frente, residencias antigas de ricos, entregues hoje às pensões baratas.

Entra numa delas, que é a sua. O português que encera o corredor levanta um momento a cabeça, informa: "Telefonaram duas vezes perguntando se a senhora não chegara ainda. E disseram para estar pronta às nove e meia."

Luizinha agradece e entra no quarto, atira-se na cama, vestida como está fecha os olhos, procura cerrar os ouvidos para tudo; deixa propositadamente de ver as horas, porque naturalmente já é muito tarde e será preciso jantar, vestir-se...

A's nove e quarenta e cinco a baratinha busina na porta. E Luizinha, que realmente perdeu muito tempo arranjando o cabelo, especialmente um diabolico cachinho sobre a orelha esquerda, ainda não está vestida e reprega nervosamente a alça meio solta da combinação. E a baratinha volta a businar, busina insistentemente, alarmando a rua; só se cala quando a pequena mete a cabeça na janela, faz um gesto de mão, pedindo que espere.

Ela desce a escada, pára diante do espelho do porta-chapéus, arranja ainda uma vez o cacho da orelha esquerda, alisa o rimel dos cílios. Não tem pressa, apesar da busina, já sabe de antemão como vai ser tudo: ele dirá "alô" abrindo a porta da barata. Depois irá guiando com uma só mão, enquanto com o outro braço lhe rodeará a cintura. E encostada a ele, Luizinha sentirá o cheiro do seu cigarro, o perfume caro do seu lenço do peito. Na festa dansarão, dansarão infundavelmente, depois ele beberá *whisky*, ela tomará guaraná morno... talvez prefira água mineral.

Horas depois, sentada à mesinha, com o guaraná à frente (afinal não pediu água mineral) enquanto o rapaz beberica um gin, enxugando de vez em quando a testa ver-

(Continúa na página 42)



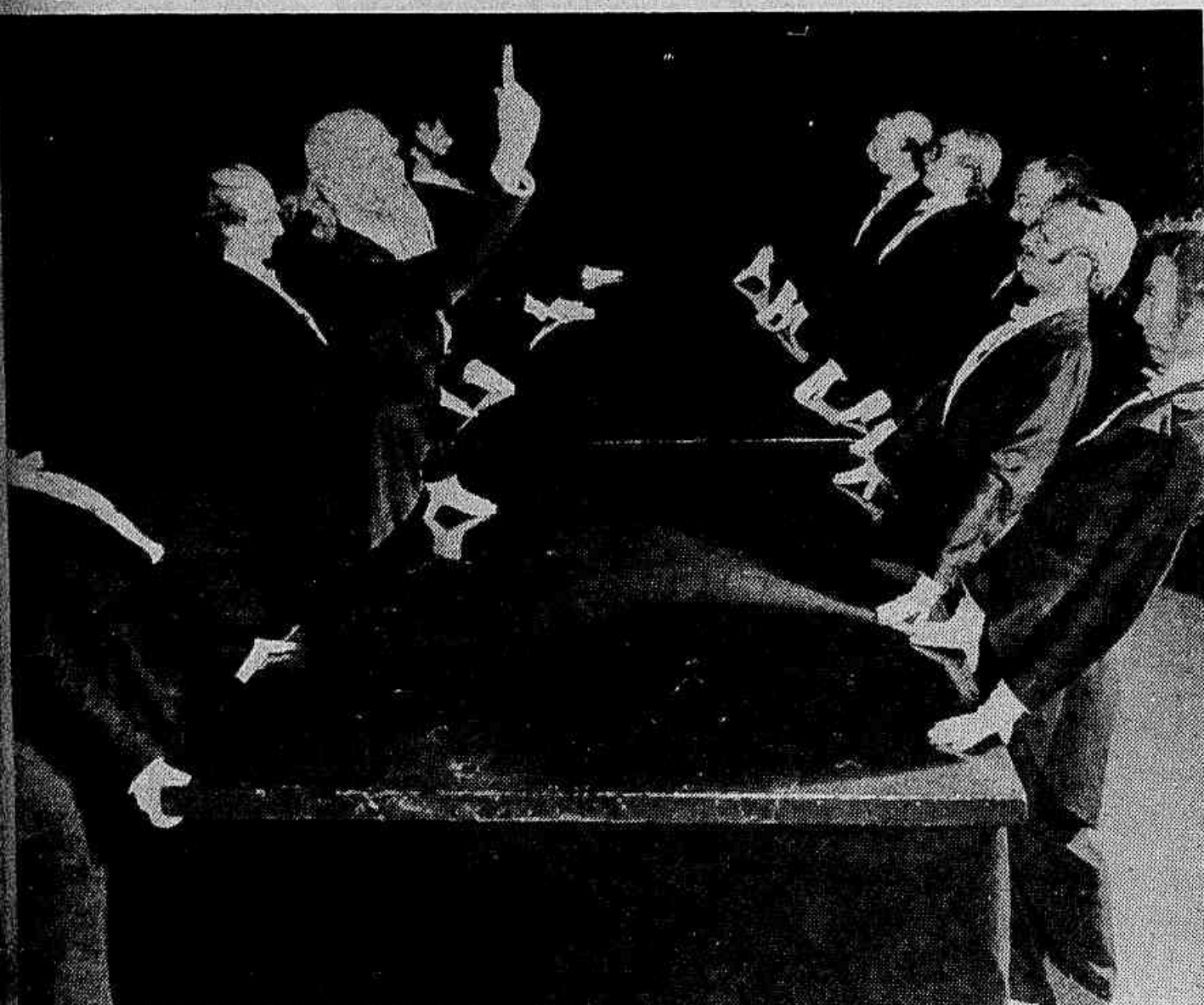
Bailado Guerreiro

O publico carioca teve ocasião de conhecer, ha dois anos, a companhia de bailados Joos. Essa companhia, formada em 1932 na Alemanha, ganhou fama na Exposição de Paris, em 1937, passando depois a exhibir-se com êxitos estrondosos na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde fez ponto de estada, depois da guerra.

A primeira cena do "ballet" mostra a mesa verde, em torno da qual os diplomatas discutem gravemente. Um de longas barbas torna-se loquaz. Alguns fazem pose, outros cochilam. Nenhum quer concordar com o vizinho.

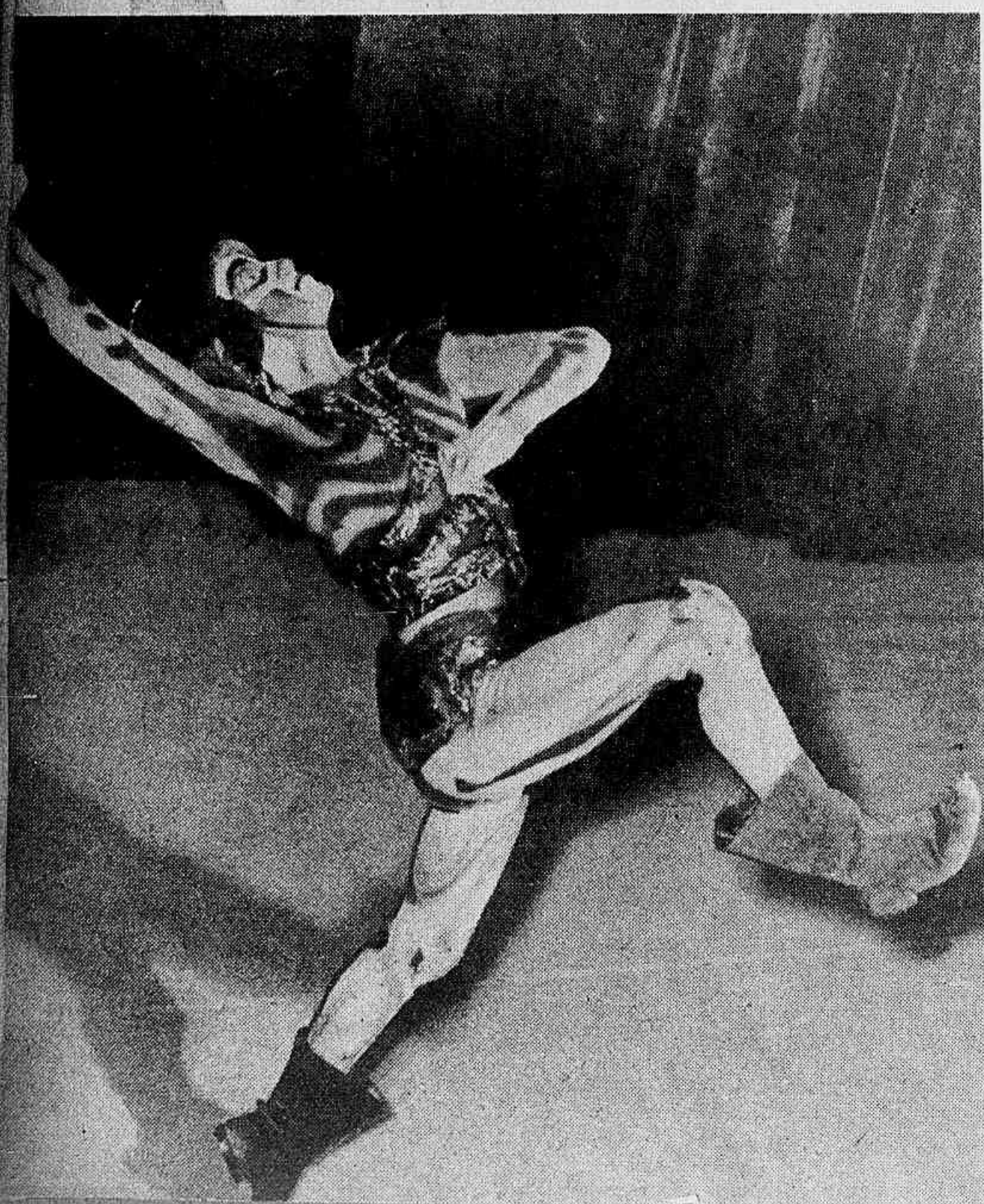
De repente, este diplomata setuagenario se sente seguro para desafiar céus e terras. A atmosfera da cena se transforma, carregada de electricidade bélica.

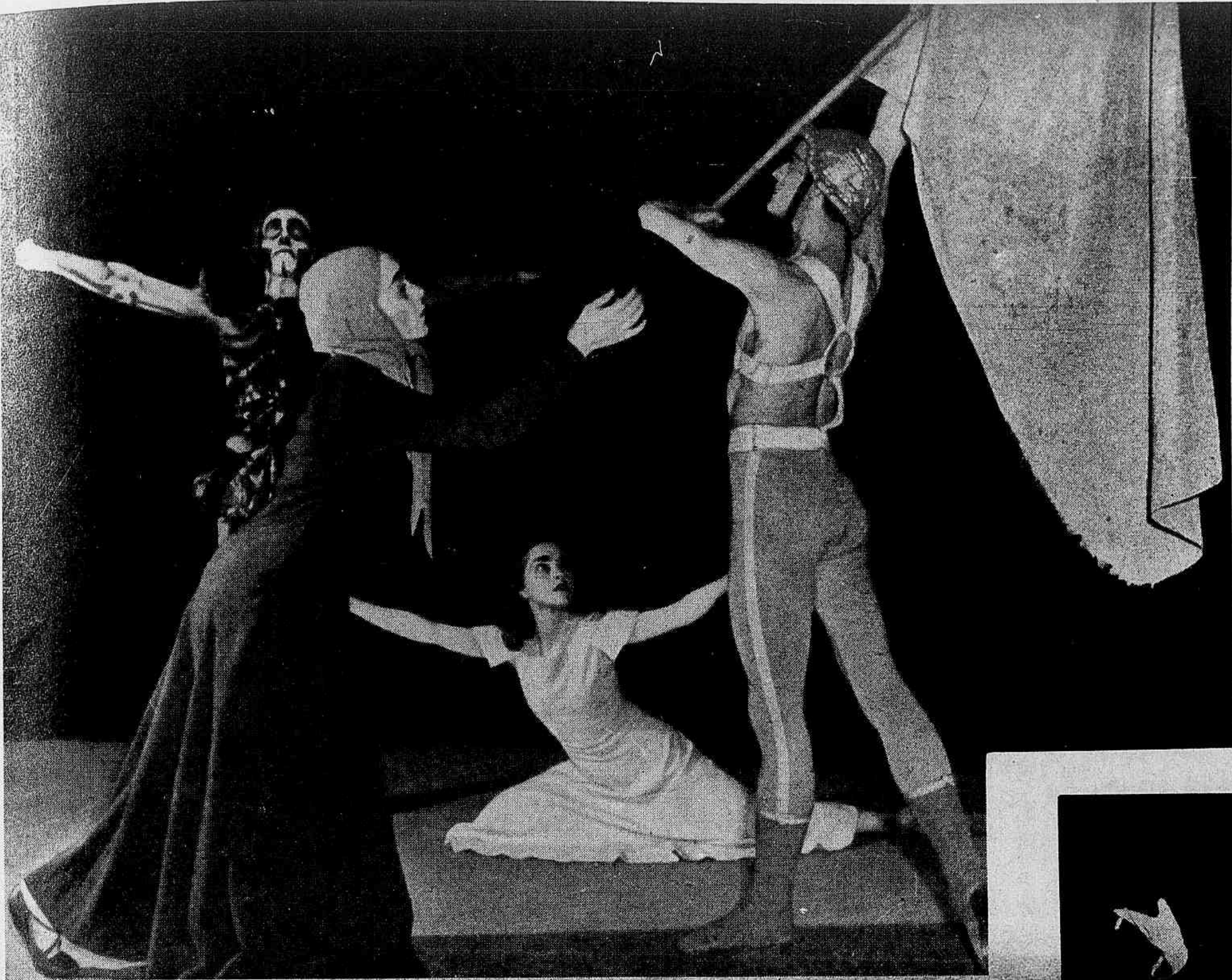
O jovem guerreiro parte para o campo de batalha, com o antigo vigor dos guerreiros de todos os tempos, cuja sombra o impele do fundo do passado.



A sinistra figura da guerra sobe á cena, com o seu jeito implacável.

Um dos cavalheiros insulta outro. A reunião se azeda cada vez mais. Punhos fechados, palavras ásperas cruzam o ar. A diplomacia falhou.





O jovem soldado toma a bandeira e vai defendê-la bravamente, contra o impeto dos inimigos.

Um de seus bailados mais sugestivos é a "Mesa Verde", criado há cerca de 10 anos, como uma sátira à Liga das Nações.

O bailado mostra os diplomatas de países imaginários, discutindo assuntos difíceis. Desavindo-se, rompe a guerra.

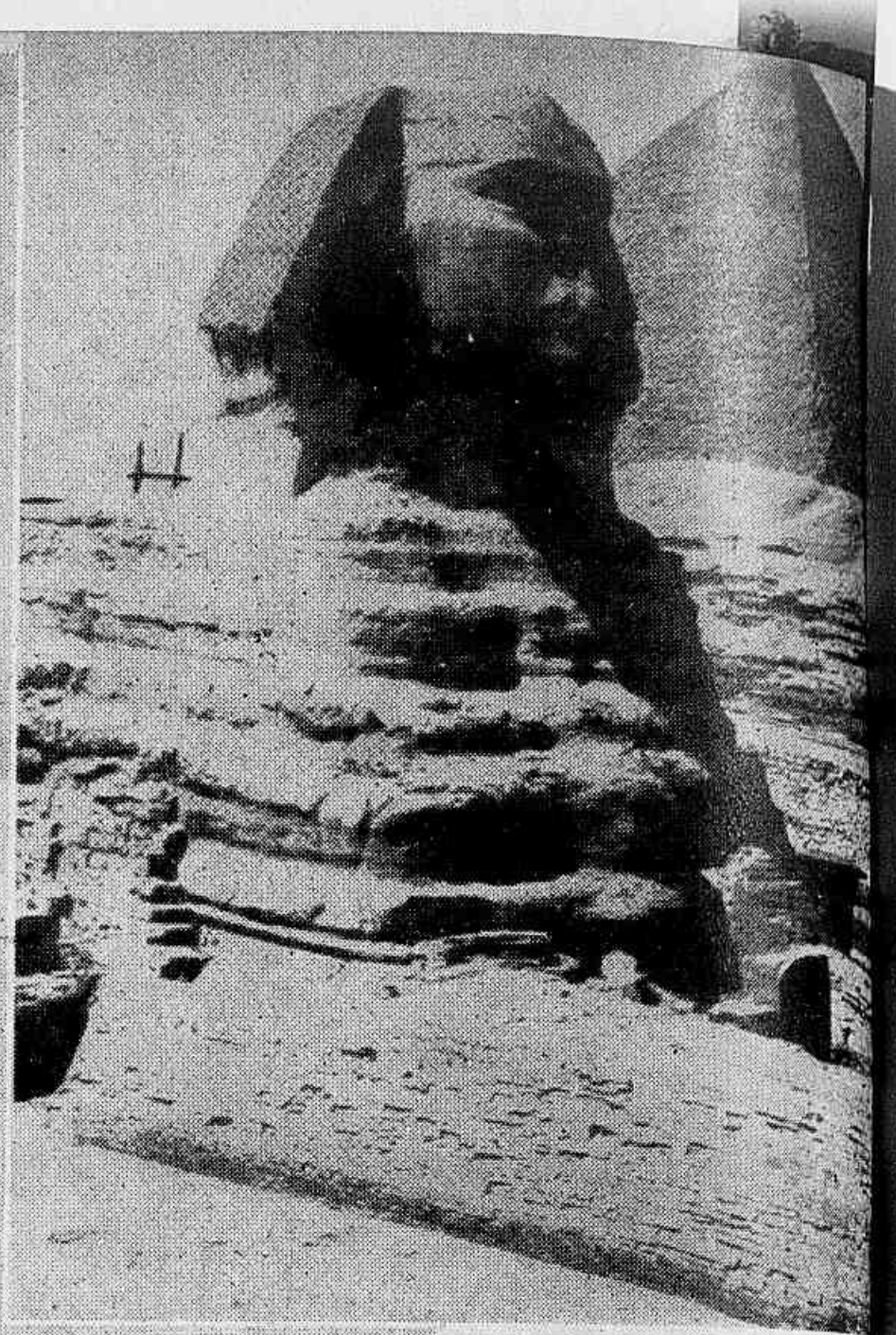
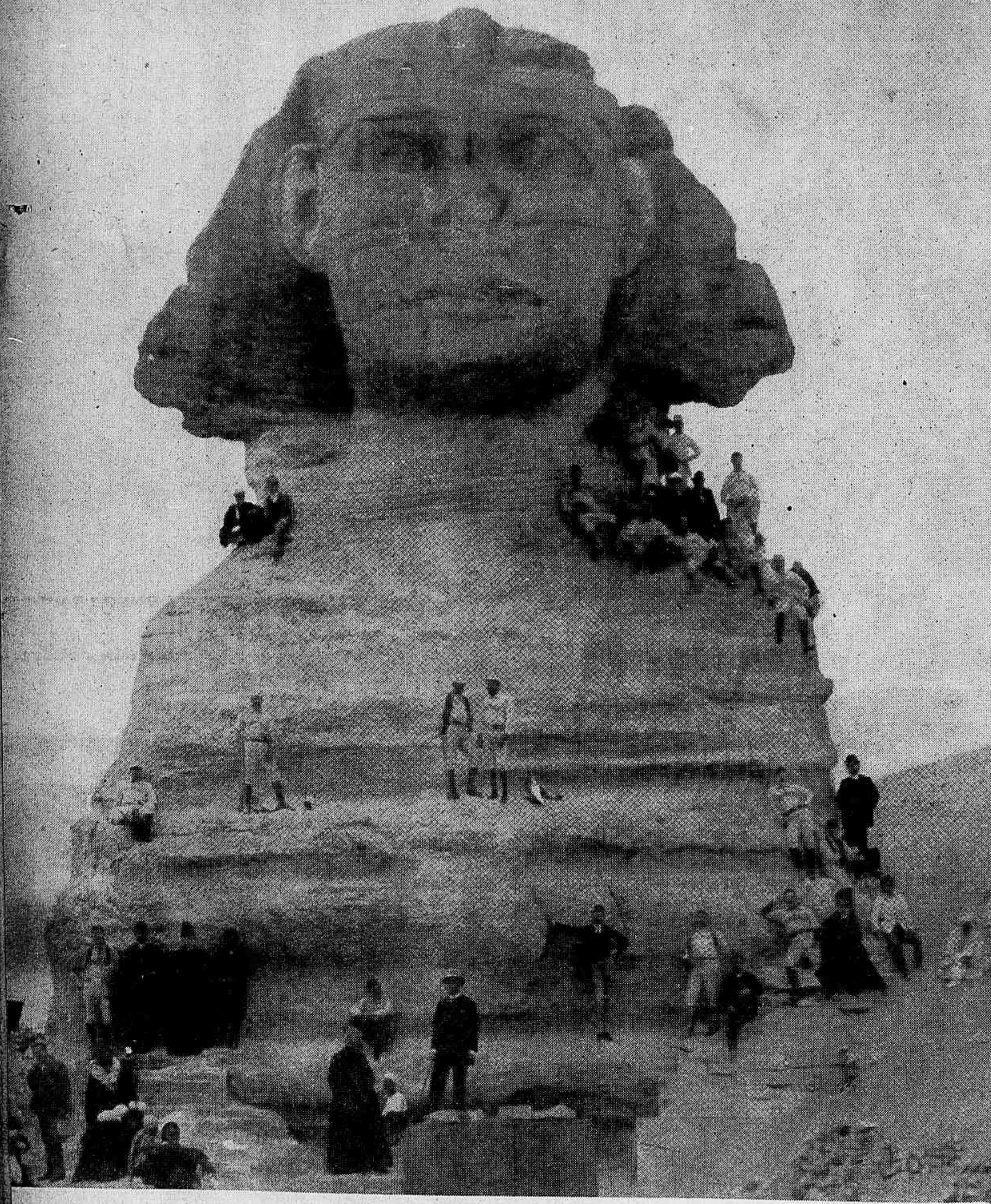
E' uma pantomina cheia de alusões satíricas, que teve o maior êxito nos Estados Unidos.

A declaração da guerra é simbolizada pela detonação das pistolas manejadas pelos diplomatas.

O bailado mostra nesta cena os velhos diplomatas, discutindo ainda, antes da declaração de guerra, como faziam os homens da Liga das Nações, antes da Alemanha obligar o mundo a tomar armas contra ela, para a salvação da humanidade.

A historia se repete. Os cavaleiros de preto ficam separados por barreiras intransponíveis, afastando-se cada um para seu lado.





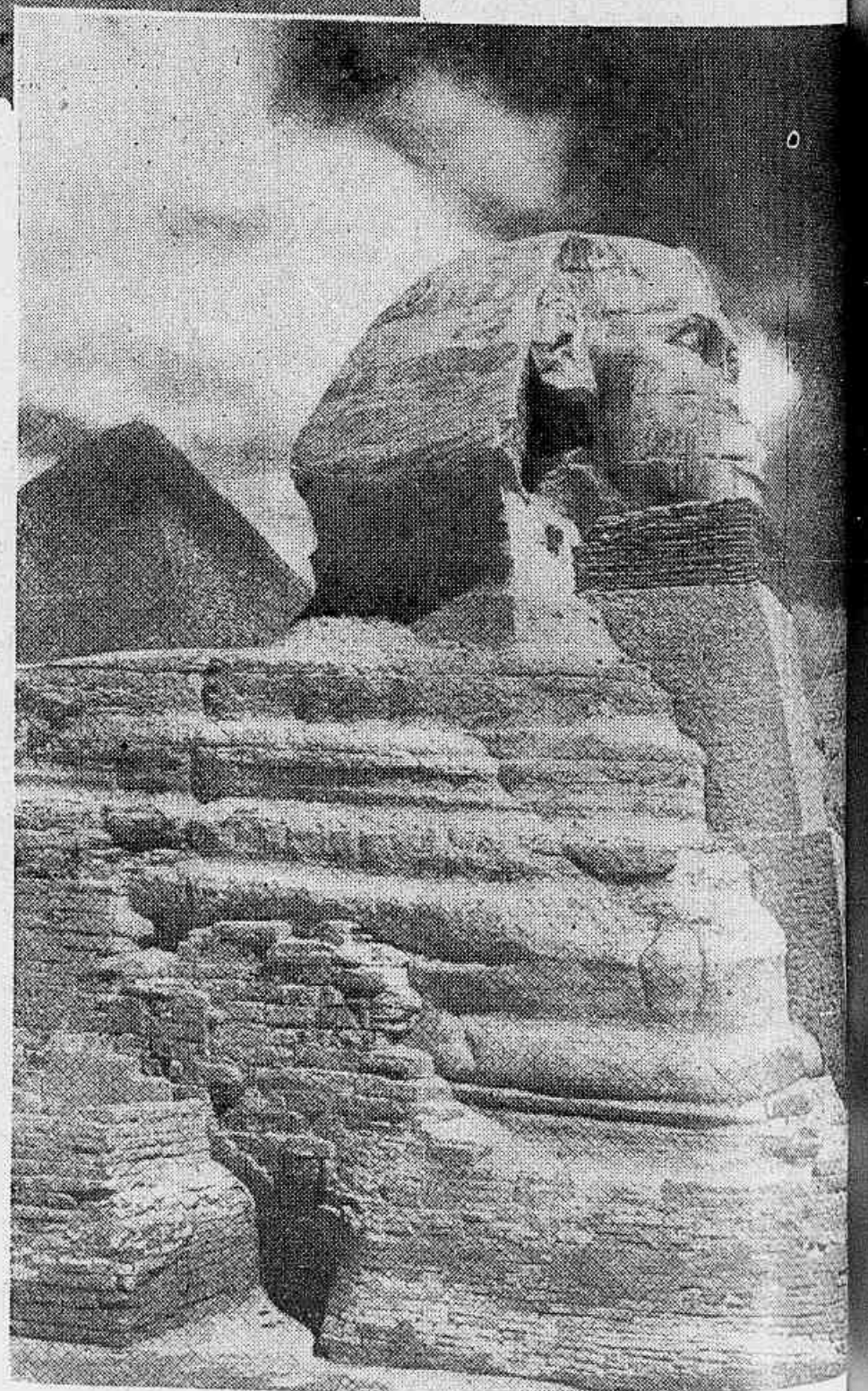
A ESFINGE NA GUERRA

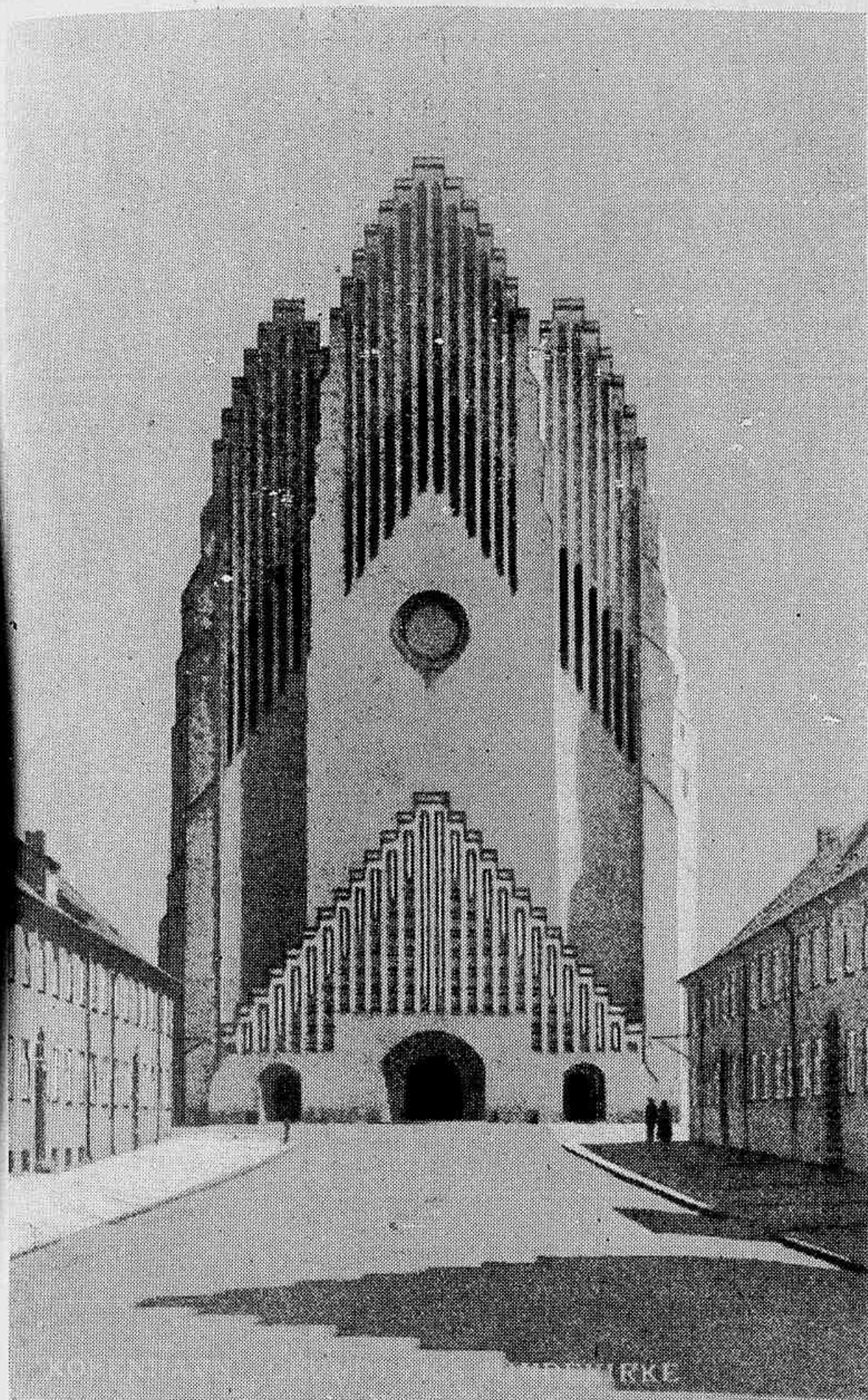
**ROCHEDOS E SACOS DE AREIA
PROTEGEM-LHE O PESCOÇO
CONTRA AS BOMBAS.**

Desde que foi esculpida numa rocha isolada em meio do deserto, nas proximidades do banco do Nilo, a grande esfinge de Gizé tem sido constantemente assaltada pelas areias. Diversas vezes a têm desenterrado e outras tantas as areias voltam a enterrá-la. O primeiro a livrá-la das areias foi um príncipe, que, de acordo com a lenda, adormeceu aos pés da estátua e sonhou que o deus sol lhe pedia que desenterrasse a esfinge, prometendo-lhe em troca ser um dia rei do Egito. O príncipe depois foi rei, Thutmos IV, e desenterrou a esfinge.

Os homens sempre ajudaram a esfinge na sua guerra contra as areias do deserto. Mas, agora, os próprios homens estão em guerra e, em vez de descobrirem a estátua, estão ao contrário, por sua vez, procurando enterrá-la, para a livrar da ameaça de destruição pelas bombas dos aviões. Desse modo, os egípcios cobriram-lhe parcialmente o pescoço com pilhas de sacos de areia, colocados sobre um pedestal de rocha que lhe protege a base. A velha esfinge prepara-se assim para assistir a uma nova guerra, esquecida que andava já das visitas de Napoleão aos seus domínios.

A esfinge mede mais de 60 metros de comprimento por 22 de alto e foi construída por um filho de Cheops, construtor da pirâmide do mesmo nome, que se vê numa das fotografias desta página. Ela fica junto do rio Nilo, apenas a 20 minutos do Cairo, em viagem de trolley.

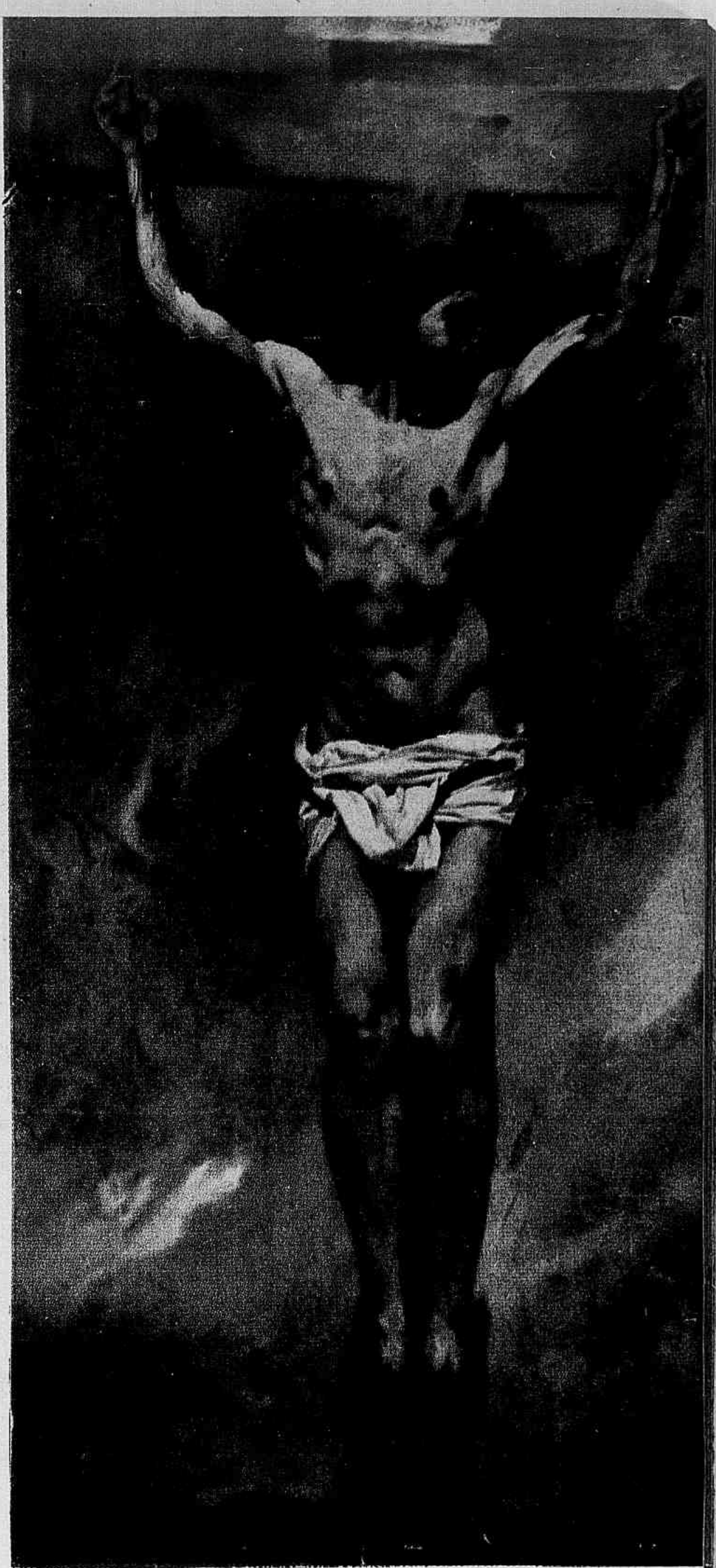




Os países escandinavos figuram entre os mais arrojados em matéria de construção da Europa. Haja vista, por exemplo, a famosa prefeitura de Estocolmo, um dos exemplares mais notáveis de arquitetura moderna, no qual se aliam, em esplendido equilíbrio de conjunto, linhas de ousada projeção e a majestosa sobriedade dos canhões antigos.

Esta igreja de Copenhague, no seu recorte de ogiva, é cheia de magníficas sugestões. Tem muito de altar e de orgão — e na queda de seus planos laterais apresenta uma novidade de tema que a coloca entre os exemplares mais típicos do momento.

TAPETE MAGICO

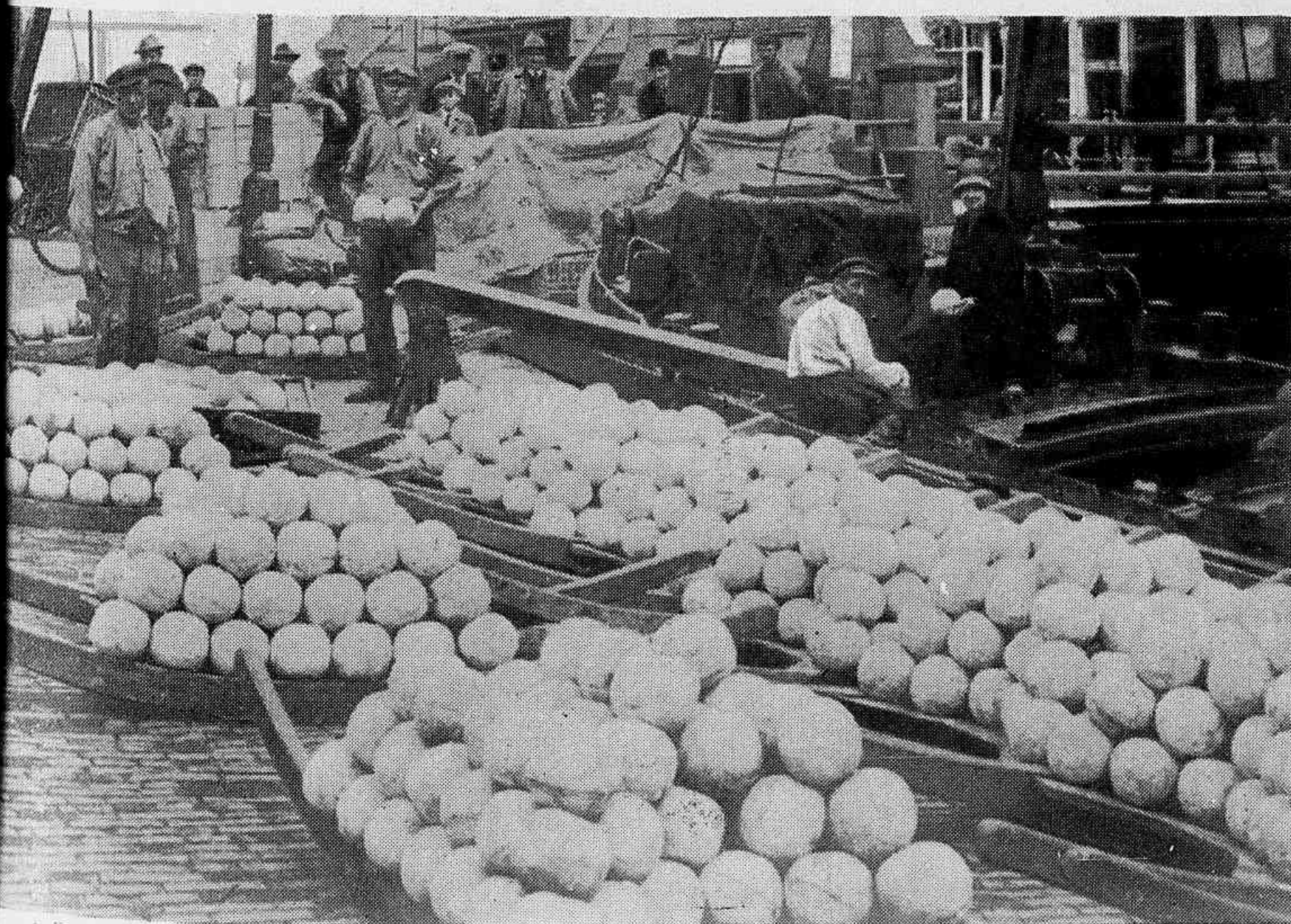


Columbano é um dos nomes estelares da arte portuguesa. Retratista maravilhoso, na galeria das suas obras primas figuram alguns dos mais belos espécimes do género, em qualquer pintura do mundo. Na evocação dos tipos que a sua palheta transmitia à posteridade, ha mesmo qualquer coisa daquela humanidade trágica dos judeus e rabinos de Rembrandt, como é fácil de ver no famoso retrato de Antero do Quental, verdadeira tragédia duma alma em potencial de cores.

Neste Cristo, que é bem o Filho de Deus feito Homem, para o martírio das dores físicas, o grande irmão desse outro artista admirável que foi Rafael Bordalo Pinheiro, chega às culminancias dum Velasquez, pelo vigor da matéria manipulada, esse relevo de carnes doloridas, esse feixe de músculos flagiciados que se torce no alto duma cruz, contra um céu de tempestade bíblica.

Um Cristo que é bem digno de figurar ao lado das mais puras imagens do Divino Crucificado, sejam as de Rubens, de Van Dyck, de Goya ou dos flamengos da estirpe de Memling e de Van Eyck.

Alkmaar, cidadezinha quieta e amável da Holanda, com as suas camponesas de toucas presas por diademas de prata, muita vez do valor de uma centena de *gulden*s (perto de mil cruzeiros), era a cidade dos queijos holandeses, o que quer dizer a metrópole do queijo no mundo. Aos sábados, dia de feira, o pavimento do mercado e das ruas vizinhas, cais e praças sumia debaixo do lençol de queijinhos amarelos e cheirosos que vinham de todas as fazendas da redondeza, para a feira do dia.



Nossa Uma conjura

De Clovis de Gusmão

Recentemente, a Biblioteca Nacional adquiriu um exemplar do *Tratado do Direito Natural*, da autoria de Tomaz Antonio Gonzaga. A verdade agora está ao alcance de todos. E como é diferente a verdade de quanto se havia antes escrito...

Ao acusar Tomaz Antonio, dissera um dos réus perante os juizes: "... é verdade lhe ter dito o dito Vigário de São José ter visto parte das leis fabricadas pelo Dezebargador (Gonzaga) em tudo favoráveis aos povos; os diamantes seriam livres; queimar-se-iam todos os Cartórios para seguir o novo regimento das novas leis..." "Thomaz Antonio negou, terminantemente, a sua participação. Estava noivo, ia casar dentro de poucos dias e partir para a Bahia!

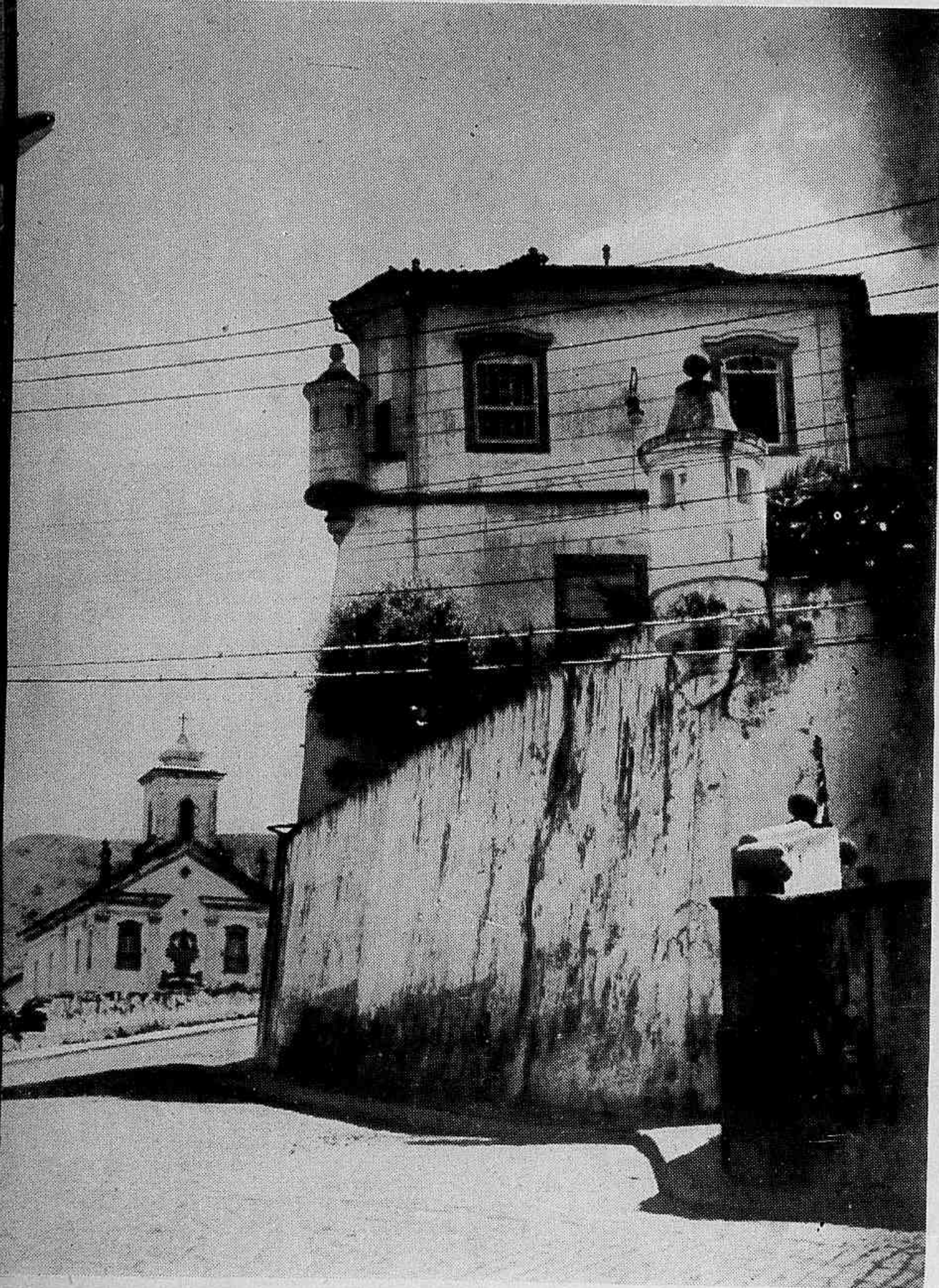
Esse seu *Tratado do Direito Natural*, agora aparecido, é uma prova da sua capacidade como legislador. Por uma declaração de Alvarenga, sabemos que era ponto firmado entre os conspiradores não haver papel escrito algum. E é verdadeiramente notável que nenhum papel tenha sido encontrado. Mas a memória humana é mais difícil de suprimir e, pelos depoimentos, podemos reconstituir, pelo menos parcialmente, as leis de Tomaz Antonio Gonzaga. "Aquele que se distinguisse na primeira ação seria o mais premiado; e a Nação que primeiro os socorresse durante a guerra teria mais vantagens em seus portos." "Toda mulher que tivesse um certo numero de filhos haveria de ter um premio por conta do Estado." "Não haveria exercito regular. Todos seriam soldados e acabadas as necessidades "voltariam a suas casas para tornarem ás ocupações de que viviam".

Sobre a organização militar do movimento poderíamos igualmente encontrar alguns detalhes pre-

Antiga Cadeia Publica de Ouro Preto, antiga Vila Rica, atual Pantéon para onde foram trasladadas as cinzas dos Inconfidentes. Está situada em um dos extremos da Praça Tiradentes.

Huma centena de anos que a Inconfidência vem sendo apresentada como um sonho de poetas. As sombras ilustres de Ouro Preto — a velha Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar dos dias do ouro — ajudam a manter essa atmosfera de romance. E, como se ruínas e fantasmas não bastassem, ainda se envolveu o movimento político do século XVIII no lirismo de

um grande amor malogrado: Marília e Dirceu enchem Vila Rica como Romeu e Julieta encheram dias e noites de Verona na tragédia shakspeareana. O que sobrou mesmo do movimento rebelde foi bem pouco. A Corôa portuguesa tinha interesse em tudo ocultar e os historiadores do nosso século seguiram, por inadvertência, na mesma trilha. Ha anos, editou-se todo o processo feito pela justiça vesga de D. Maria.



Detalhe do antigo palácio do Governo da Provincia e do Estado de Minas Gerais. No segundo plano: a igreja das Mercês.



A casa onde se reuniram os Inconfidentes vista pelo lado da entrada. Vêem-se alguns dos seus atuais moradores.



Detalhe da cidade de Ouro Preto.

TERRA

em Vila Rica

Fotos de Arnaldo Vieira

ciosos nos Autos da Devassa. "O tenente Coronel da Tropa paga desta Capitania, Francisco de Paula Freire de Andrade, havia de ser Marechal e Governar as tropas". "O sargento mor Luiz Vaz, com o posto de General, deveria seguir para São Paulo pelo velho caminho de Taubaté". "O padre José da Silva dava todo o Serro unido". "E também disse que mandaria alguma pólvora pela Bahia". "Que igualmente contavam com um doutor José Corrêa, de Sabará, e um doutor da parte de Minas Novas." "Os capitães Maximiano de Oliveira Leite e Brandão haviam ido firmes para os seus regimentos", lá nos diz o Coronel Antonio Lopes ao depôr. "Na cidade do Rio de Janeiro havia uns cincoenta comissários interessados em que tal levante se fizesse. "O fato dos negros serem mais que os brancos numericamente pareceu impecilho". "Havia um grande obstaculo que era o numero dos negros ser maior que o dos brancos, e que por conseguirem a sua liberdade tomariam partido contrario, matando os brancos, e suposto que o Coronel Alvarenga quiz remediar isto dizendo que se lhes daria primeiro a liberdade." Por um depoimento, vimos a saber da carta escrita ao capitão Garcia Rodrigues Pais Leme, neto do Caçador de Esmeraldas, para proteger a revolução em São Paulo. "Que se tinha desta Vila Rica escrito para São Paulo para ali se levantarem todos e não pagarem o dizimo." O ato de posse do governo seria simplissimo. "Tirado o Governo ao General (Barbacena) se deitaria um bando em nome da Republica para que todos concordassem e seguissem partido dela". Mas estava admitida, em margens largas, uma hipotese de resistencia reinol. "Para as emboscadas na entrada do Rio eram melhores homens pardos habituados a andar no mato." "No caso de vir grande poder de gente contra o Rio mandariam Embaixada para que se retirassem e quando não o fizessem usariam balas ardentes como os inglezes tinham feito em Gibraltar."

Chegamos, porém, ao dia do levante. Denunciada a conjura, a derrama já foi suspensa. Ha uma sensação de desanimo. Os mais combativos, entretanto, persistem na idéa. Outros fraquejam deante da ausencia de um estímulo forte. Ao apresentar o Alferes Xavier a Alvarenga, dissera dele o padre Rolim: "Aquele rapaz é um herói". E Xavier se incumbiu de estabelecer as ligações com os militares e os mercadores do Rio. Nestes Autos encontramos uma figura de Tiradentes muito diferente da que se acha nos compendios. Homem progressista, precursor da canalisação das aguas e dos trapiches do Rio, que D. João VI haveria de realizar anos mais tarde, Xavier nos aparece possuindo terras, escravos, belas fardas, sabendo francez e tendo até uma noiva: Ana Rolim. E' verdade que o pai da noiva negou o fato. Mas naquelas alturas quem é que ia confessar um parentesco com o Alferes?

No Rio, Tiradentes procura entrar em contacto com os amigos. Não tarda, porém, a ver que está sendo seguido. E um dia, sem que ninguém saiba como, oculta-se de vez. São dias de pânico na velha cidade colonial. O caminho das Minas é imediatamente fechado por patrulhas armadas, a correspondência é aberta, as cartas suspeitas são confiscadas. Uma carta de Igreja Nova, trazida por um mascote, leva aos conjurados de Vila Rica a noticia da proxima prisão. Que fazer? Gonzaga, Claudio Manoel e Freire de Andrade decidem nada fazer. Debalde Alvarenga e Carlos Corrêa insistem com Freire de

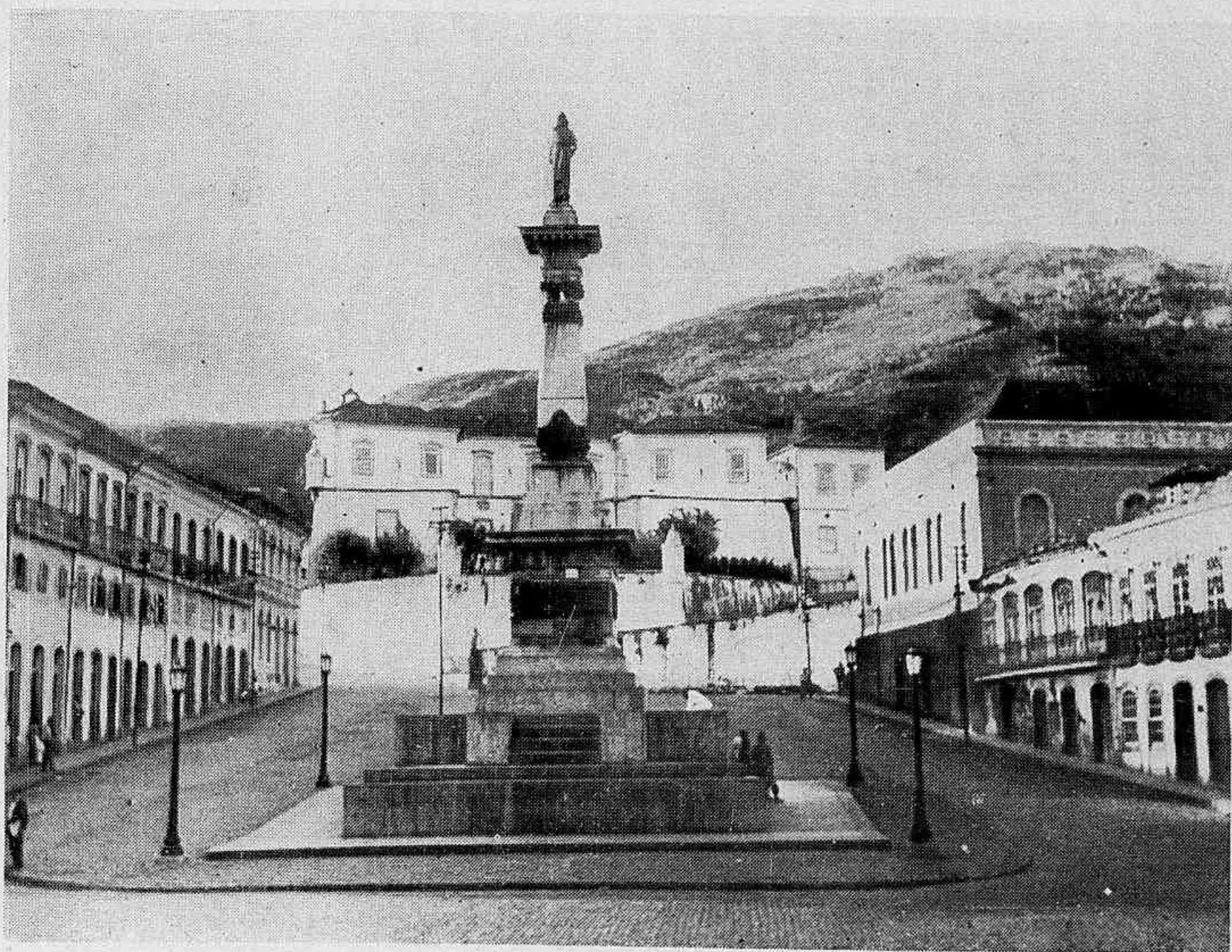


Detalhe da cidade de Ouro Preto.

Andrade para que siga imediatamente para o Serro. A 23 de Maio desaba a tempestade sobre Vila Rica. Carlos Corrêa e Alvarenga, porém, acham-se foragidos, vivendo ilegalmente em casa de amigos. A' frente de sua tropa, aparentemente insuspeito, o coronel Antonio Lopes constitui, agora, como que uma ultima esperança. E para ele se dirigem os dois chefes rebeldes. Uma entrevista é marcada para altas horas da noite. Pelo depoimento de Antonio Lopes podemos reconstituir quase toda a cena. "E ponderando o Respondente ao dito Coronel Alvarenga a dificuldade de se fazer tão arriscada empreza sem gente, e sem pólvora e sem munições, lhe respondeu que de nada se precisava; porque a terra se de'endia a si mesma; instou ele respondente que vindo um exercito de dez mil homens estava tudo perdido ao que lhe respondeu o Coronel que pelo Rio de Janeiro não entrava; por São Paulo que levava mezes; mas querendo dado que entrassem, queimando-se os paioes e retirando-se o gado eis ali ficavam sem mantimentos e entregues, maiormente envenenando-se as aguas e o comer, para o que se passariam para lá alguns;

e quando rompesse pé grande de gente a que não poudessem resistir, que em tal caso se fariam fortes em determinadas serras e se lhes iriam dando assaltos..."

Sobre o animo de Carlos Corrêa temos também um depoimento desta mesma noite. O de quem o encontrou a cavalo, com um chapéo desabado sobre os olhos, um grande Santo Cristo no peito, em demanda do Rio Verde. Já então tudo era considerado perdido; mas, do mesmo modo que Alvarenga, Carlos Corrêa queria jogar a cartada de qualquer geito "porque — a expressão é dele — valia mais morrer de espada na mão do que como carrapato na lama". 23 de Maio de 1788. Alta madrugada. Lado a lado, Alvarenga e Carlos Corrêa seguem para a Campanha do Rio Verde, onde vão iniciar o movimento revolucionario. Ha, porém, espias por todos os caminhos. E os dois viajantes são presos pelos beaguins de Barbacena muito antes de atingirem o seu destino.



A Praça Tiradentes em Ouro Preto; no local em que se encontra o monumento ao martir da Independência, foi exposta a sua cabeça.

A VIDA DE CRISTO - nas gravuras da nossa Biblioteca Nacional

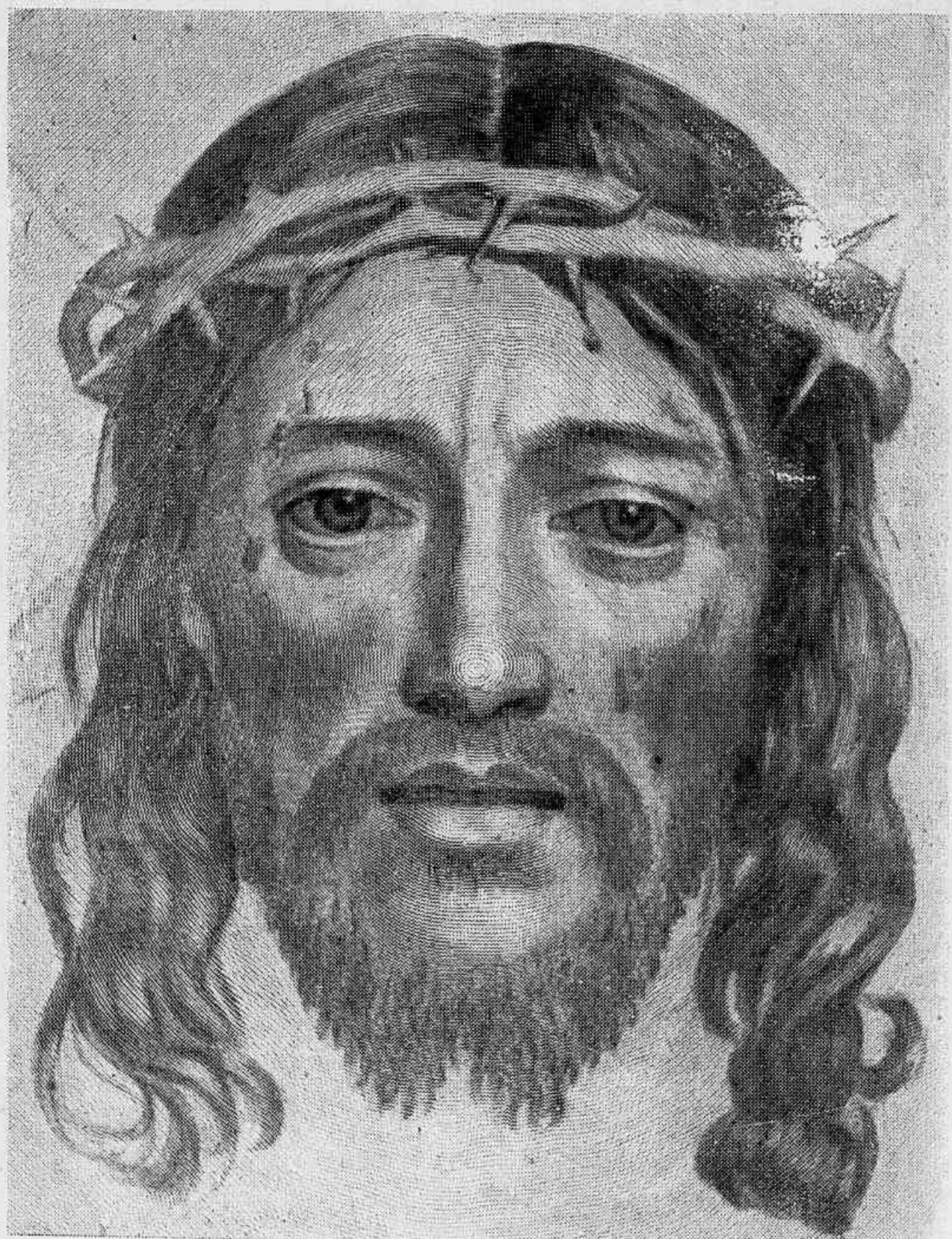


ECCE HOMO — de Van Dyck.

Ao lado — CONSUMATUM EST de Lucas Cranach.



FUGA PARA O EGITO — de Rembrandt



VERONICA DE CRISTO — gravura francesa feita de um só traço.

NOTICIARIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS

DIA 17 — Senhoras: d. Alice Costa, esposa do comendador Oscar da Costa; d. Maria da Penha Wreden, esposa do sr. Valter Lins Wreden.

Senhores: professor Mário Bulhão; dr. Francisco de Magalhães Castro; dr. Urbano Pedral Sampaio; dr. Alberto Mourão Russell; coronel Onofre Muniz Guedes Lima; almirante Ari Perreiras.

DIA 18 — Senhoras: escritora Maria Eugênia Celso; d. Judite de Albuquerque Pereira.

Senhores: — dr. Augusto Frederico Schmidt, escritor e poeta; dr. Carlos Cata Preta; comandante Fernando Cochrane; professor Hélio Gomes; Iser Marques Saraiva; jornalista Carlos Alberto Pimentel; José Lopes de Abreu Xavier; jornalista Francisco de Paula Gusmão.

DIA 19 — Senhoras: d. Augusta Leoni Ramos, viúva do ministro Leoni Ramos, d. Olga Pacheco.

Senhores: escritor Manoel Bandeira,

da Academia Brasileira; dr. Valdomiro Magalhães; dr. Henrique Pereira; dr. Meton de Alencar Neto; Antonio de Almeida Matias; capitão Benedito Rangel Coutinho.

DIA 20 — Senhorita Dilma Coelho Fernandes, filha do sr. Diamantino Coelho Fernandes.

Senhores: ministro Otávio Kelly; coronel Carlos Guimarães Corrêa; dr. Carlos Guimarães Xavier.

DIA 21: — Senhoritas: Maria de Lourdes, filha do tenente-coronel Gélío de Araujo Lima; Cecê Gaspar, filha do sr. Bernardo Gaspar.

Senhoras: d. Maria Prazeres Ramos, esposa do comandante Manuel Antunes Nunes; d. Maria Luiza de Amaral Peixoto, esposa do comandante Augusto do Amaral Peixoto Junior, ex-deputado federal.

Professor Antonio Austregésilo, da Academia Brasileira.

DIA 22 — Senhoritas: Jenny Espinola; Risete Costa da Silva, filha do sr. Florêncio Rodrigues da Silva e da sra. Sílvia Costa da Silva.



ENLACE HELENA FERREIRA — HAMILTON BASTO FERNANDES — Realizou-se a 24 de Março p. passado o enlace matrimonial da senhorita Helena Ferreira com o sr. Hamilton Basto Fernandes, tendo como padrinhos o sr. Narciso Basto e senhora Maria da Gloria Basto, e sr. Francisco Basto e senhora Genne Petit Basto. Foi oficiante da cerimonia religiosa o bispo d. Mamede. A "Revista da Semana" tem o prazer de estampar acima uma fotografia dos noivos, elementos destacados da sociedade carioca.

Senhoras: d. Aurora Costa, esposa do desembargador Odilo Costa.

Senhores: dr. José Maria da Silva Rosa Junior; comandante Hugo Pontes; dr. José Carlos da Rocha; Ciro Cavalcanti Pereira; dr. Odilon Correia de Albuquerque.

DIA 23 — Senhorita Maria Busta-

mante de Carvalho, filha do dr. Luís Gonzaga Castilho de Carvalho.

Senhora d. Maria da Conceição Gonçalves Bittencourt, esposa do sr. Francisco Bittencourt.

Senhores: general Meira de Vasconcelos; dr. Francisco Rocha; embaixador Pontes de Miranda; Américo de Moraes.

Presidente GETULIO VARGAS

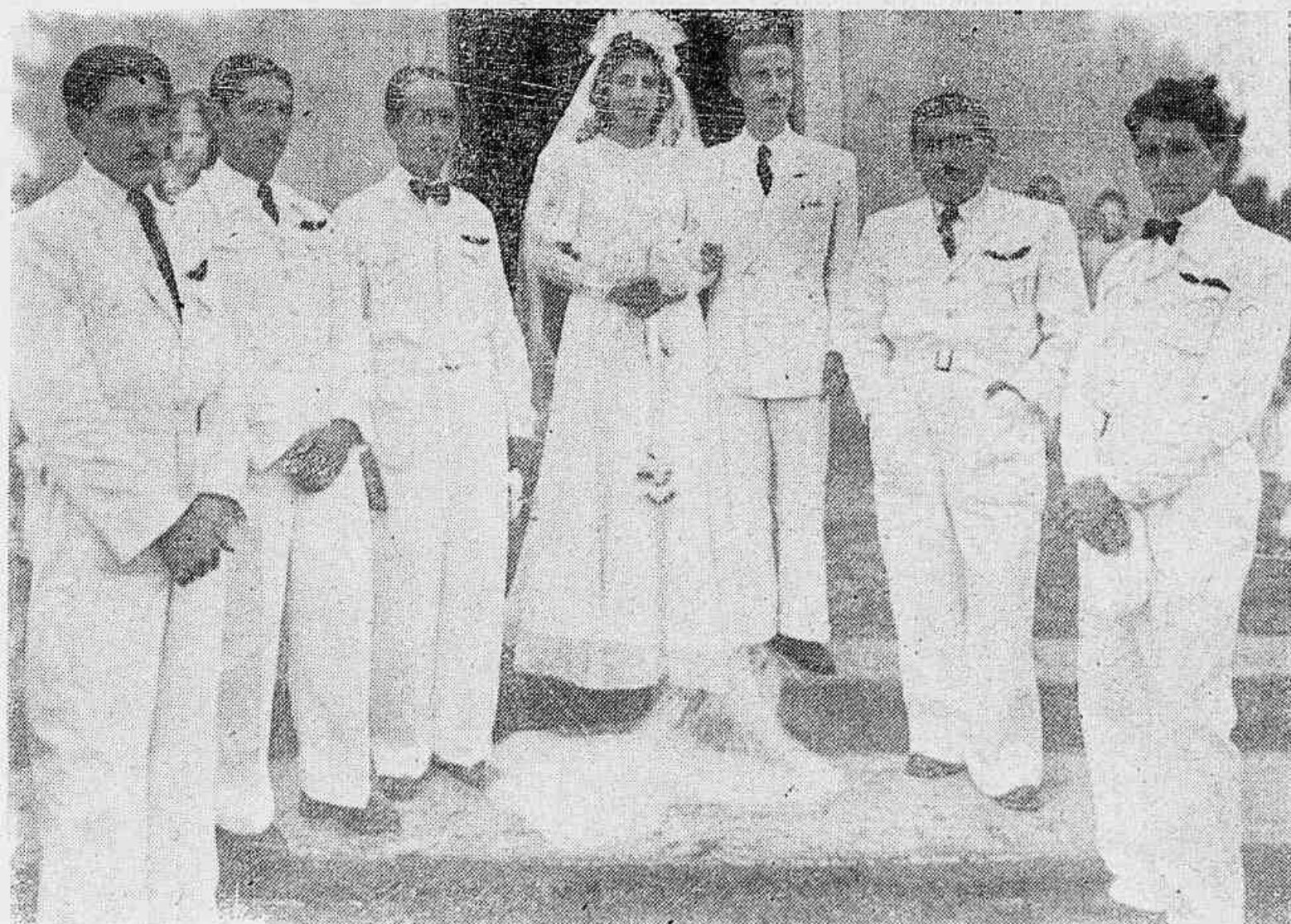
19 de Abril, aniversário do sr. Presidente é um dia de festa para todos os brasileiros. Festa, no que esta palavra pode significar de mais íntimo, em relação à alegria e ao sentimento.

Realizando empreendimentos materiais de alcance formidável para a economia nacional, anulando a ação de todos os inimigos da Pátria, levando a cabo uma política de unificação total, de assistência ao trabalhador — fortalecendo militarmente o Brasil — Sua Excia. já passou à História como o Estadista que nos elevou à esfera das grandes nações.

Homem sem ódios, dono do sorriso

mais franco da América, desfruta duma incontestável simpatia das multidões, desde o operário das cidades ao homem rude dos campos. E essa simpatia, agora, é quase um entusiasmo, depois das atitudes claras e decididas que o seu Governo assumiu, em resposta á agressão eixista.

19 de Abril está significando, cada vez mais, o dia da unidade nacional, pela sincronização dos corações e dos cérebros na mesma ideia e no mesmo sentimento. Registrando o fato, a REVISTA faz aqui, também, o seu voto pela saúde e felicidade pessoal do sr. Presidente Getúlio Vargas.



CASAMENTO DO "MANICACA" HELIO ALVES FERREIRA — No dia 25 de março ultimo teve lugar, em Araxá, a primeira cerimonia nupcial realizada num Aero-Club do Brasil. Foi o casamento do "manicaca" Helio Alves Ferreira, que se vê na gravura ao lado de sua noiva, cercados por uma delegação de alunos do Aero-Club de Araxá, onde se verificou o enlace.

O sr. Carlos de Almeida, escrivão da Coletoria Federal de Diamantina, senhora e filhos do casal; entre eles o distinto vigário da mesma cidade.

50 anos de vida artistica e boemia



"Minha Terra" — Museu de Belas Artes.

Helios Seelinger, o conhecido pintor, celebra este mês, com uma interessantissima e movimentada exposiçao no Museu de Belas Artes, o seu jubileu de arte e de boemia. Pertencente a velha guarda dos artistas do começo do seculo, conservou até hoje, a despeito de todos os revezes da vida e da epoca, o mesmo espirito inquieto

e despreocupado dos rapins de Montmartre, companheiros retardatarios de Murger e da Mimi.

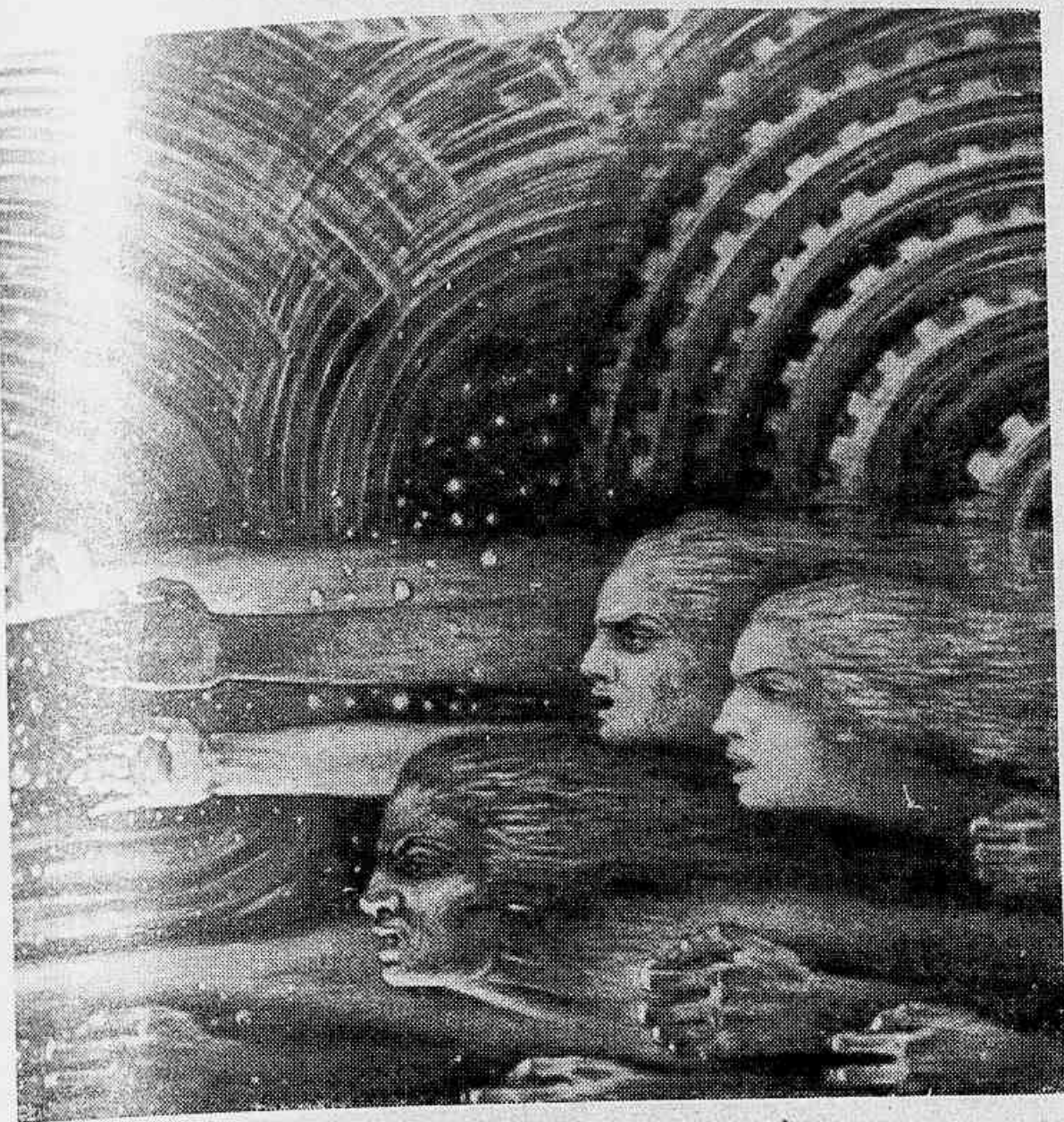
Nesta mostra, em que reuniu numerosos quadros, alguns dos mais importantes da sua carreira artistica, figuram tambem diversos exemplares de caricatura, duma



"Tres endiabrados", col. do autor.



Uma página de recortes de revistas e jornaes, desenhos e uma carta ilustradas por Luis Edmundo, justamente das mais curiosas da coleção.



"Ambição", col. do autor.

verve muito esperta e particularmente gauleza, sabido como sua arte vem em linha direta dos ilustradores parisienses da geração de Charles Léandre, Steinlen e do belga Félicien Rops, de cujo espírito satânico ha muito que ver por exemplo nessa esplendida charge dos medicos (*Que bela operação!*)

Seu traço é, no entanto, duma personalidade muito marcada, duma fantasia riquissima e exotica, em que é impossivel, na maioria das composições, achar qualquer influencia estranha.

Ao lado das grandes composições como *Minha terra*, *Tarde de sereias* e *Por mares nunca dantes navegados* — nas quais se expande toda a sua exuberante fantasia de animador de ondas, céus policromos e bichos mitologicos, vemos tambem uma pequena obra prima de ternura infantil *Os tres endiabrados*, de feitura tão diversa e tão penetrada de emoção, ou uma caricatura maliciosa como essa do *Critico de arte*, que bem demonstra não ser o ilustre pintor apenas um sugestivo evocador de imagens de sortilégio e de chama, o mago das fantasmagorias de Pedro Malazarte e das sereias astuciosas, mas um talento pelimorfo e agil.

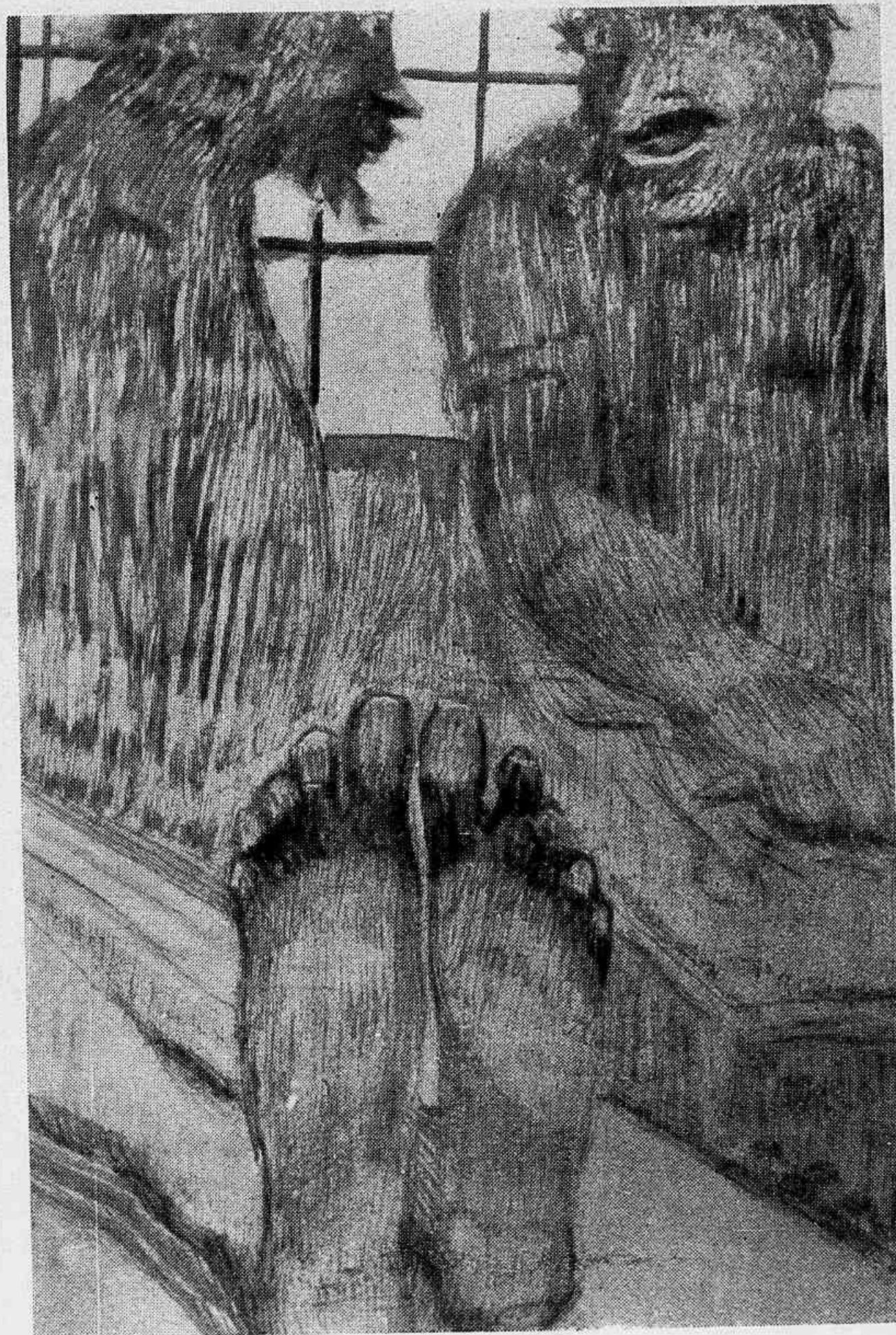
Ainda uma das surpresas maiores desta exposição é encontrarmos um Helios Seclinger metódico ao extremo, a ponto de ter colecionadas carinhosamente centenas de cartas, cartões e fotografias de amigos e namoradas dos bons tempos, assim como recortes de revistas e jornais com artigos a seu respeito, coisa tão rara entre os de sua geração.



"O critico de arte", charge.

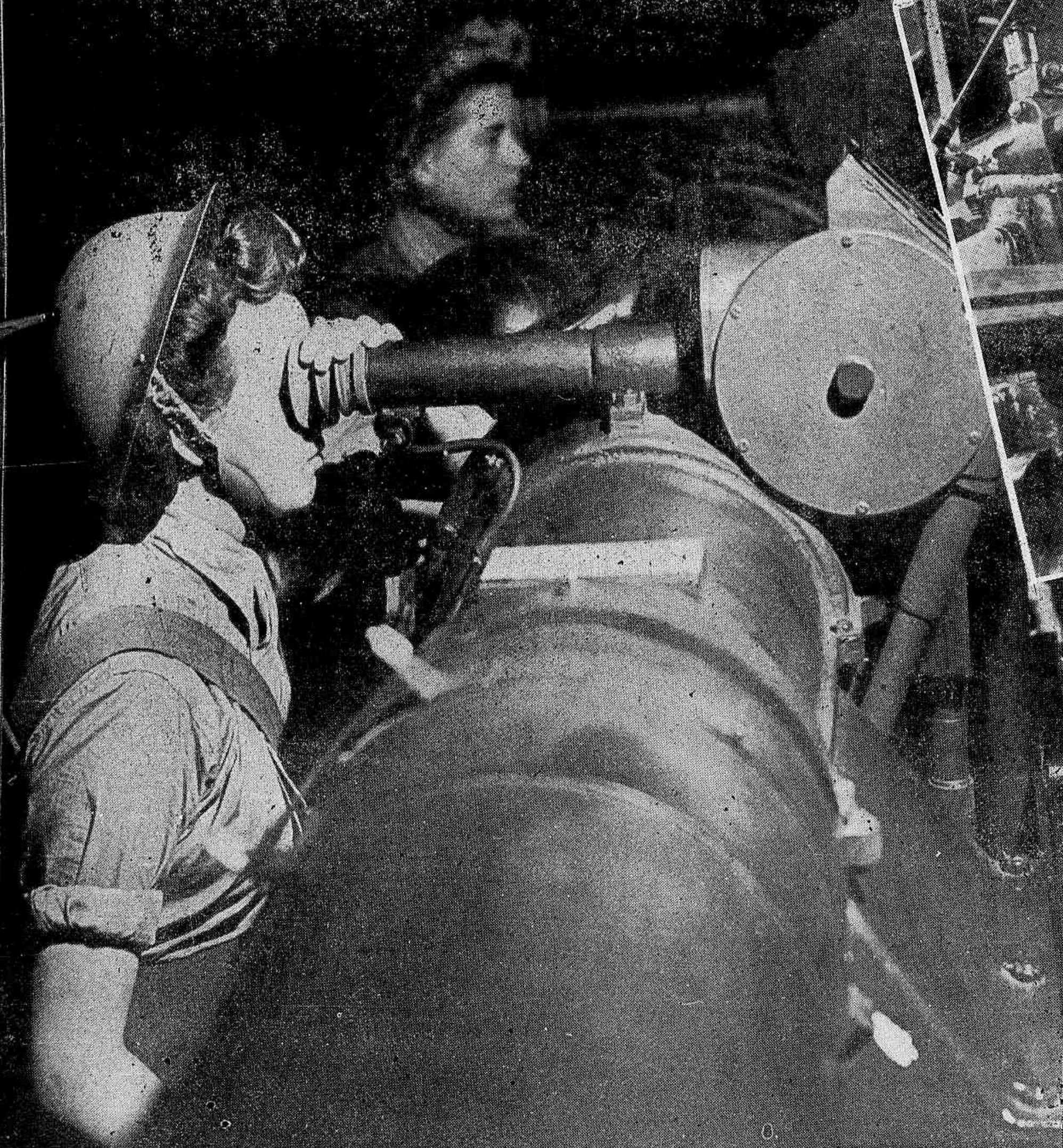
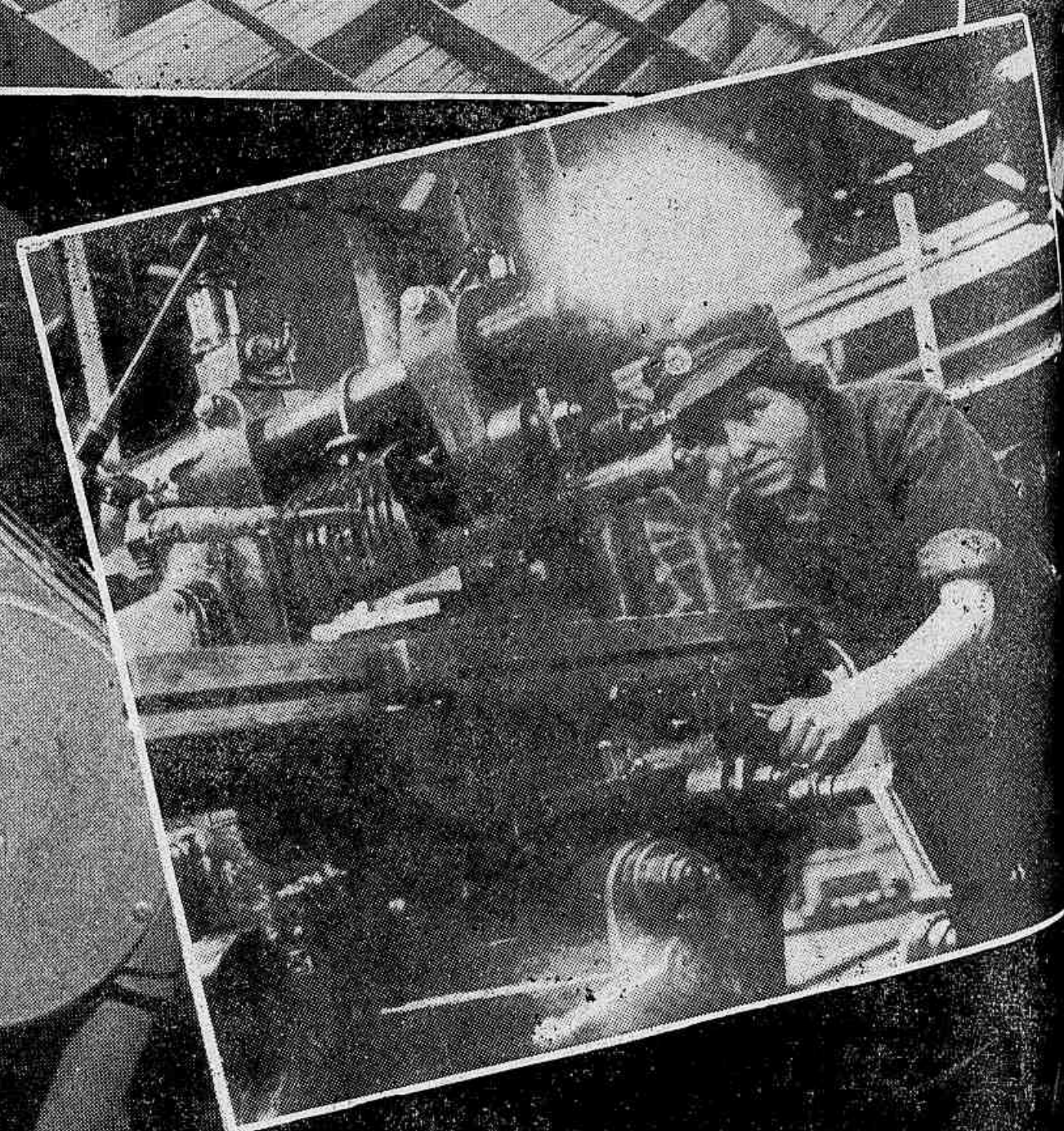
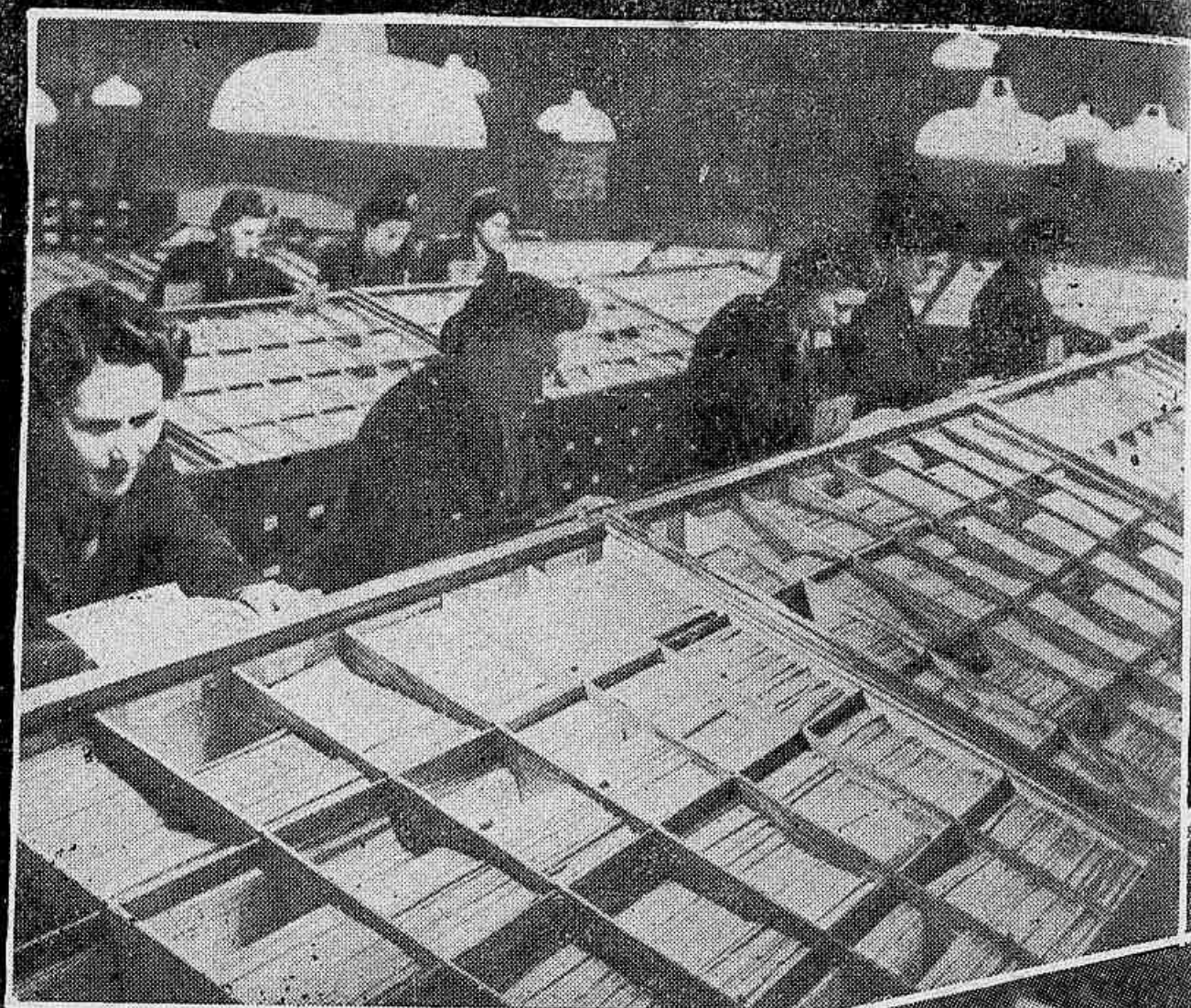


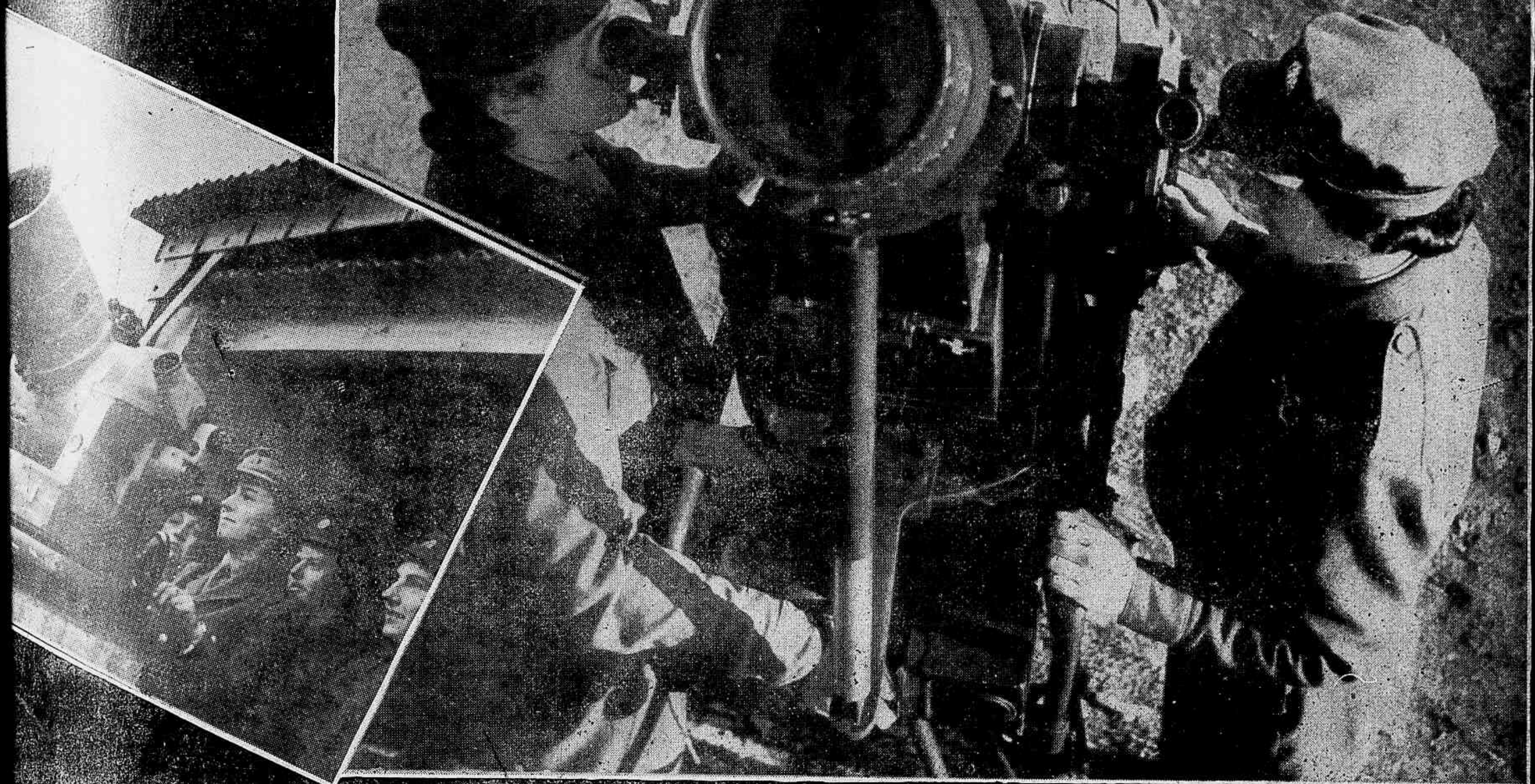
"Quixotadas", caricatura de tabaréus.



"Os medicos, deante do defunto no hospital:
"Uma bela operação!" — caricatura.

EXERCITO AUXILIAR FEMININO





AS mulheres inglesas têm atualmente a seu cargo muitos ser-
viços que até á outra guerra só eram cometidos aos ho-
mens treinados. Na serie de fotos desta pagina dupla,
vemos moças do A. T. S. (Exercito auxiliar feminino) em exerci-
cio nas baterias de canhões anti-aereos, controlando os eleitos dos
tiros, com os mais modernos aparelhos de precisão (*Kine-Theodolite*)
que gravam num filme as explosões de obuses, trabalhando no im-
portante setor dos serviços de estatística nacional, nas fabricas,
em reparos de tanks, caminhões e outras grandes peças metalicas
e sendo inspecionadas pelo general comandante-chefe das forças
de defesa interna.

"POR MARES E TERRAS", COBRE-SE DE GLORIAS O REAL CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS

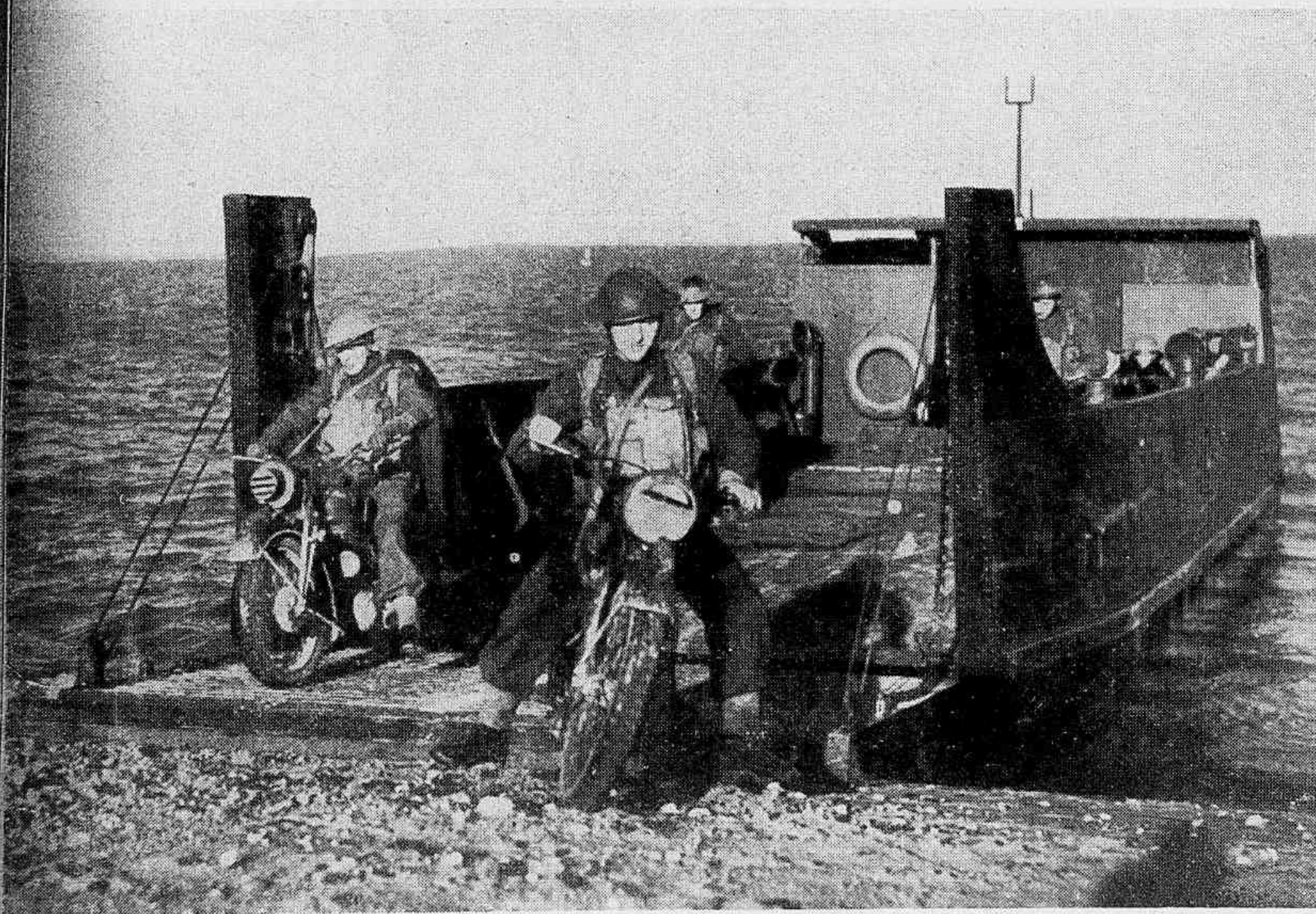


Os fuzileiros navais lutam em todos os climas, com o mesmo ardor. O grupo acima se prepara para desembarcar em Madagascar.

São tão verdadeiras hoje como quando foram escritas as palavras de Lord St. Vincent que serviu como almirante, sob as ordens do mais famoso chefe naval da Inglaterra, Nelson. "Jamais — disse ele — se apelou para sua honra, coragem e lealdade sem uma resposta que ultrapassasse as minhas mais altas expectativas. Se alguma vez a Inglaterra vier a atravessar uma hora de perigo, os fuzileiros navais serão a ancora-mestra do país".

Os soldados do Real Corpo de Fuzileiros Navais são considerados como dos mais valorosos e disciplinados de todo o mundo. Fazem parte da tripulação de todos os couraçados, como elementos especializados e artilheiros navais, e, além disso, correspondem, na marinha, aos "Comandos" do exército. Treinados em todas as espécies de assalto, formações dos fuzileiros navais são empregadas como pontas-de-lança de ataques, nas operações de desembarque.

Na guerra atual, os fuzileiros navais já se cobriram de novas glórias. Como artilheiros, obrigaram o *Graf Spee* a se refugiar, em Montevideo, e concorreram para o afundamento do *Bismarck*. Foram os primeiros a desembarcar na Noruega e os últimos que embarcaram de volta. Desembarcaram em Hook na Holanda, para cobrir a retirada de outras forças, e lutaram magnificamente em Calais. Na épica batalha de Creta, enfrentaram os nazistas com admirável coragem e travaram as mais heroicas ações de retaguarda da guerra, permitindo que fosse evacuada a maior parte das tropas aliadas. Nas montanhas de Creta, destacamentos de fuzileiros navais continuaram combatendo, até muito depois dos navios britânicos terem partido da ilha.



Os fuzileiros navais se transformaram em forças mecanizadas, que estão sempre prontas a efetuar desembarques em território ocupado pelo inimigo.



Cada encouraçado britânico possui um destacamento de fuzileiros navais.

De S. N. S.

para a

"Revista da Semana"

Em Burma, uma pequena força de fuzileiros navais desempenhou um papel importante e espetacular. Durante a campanha, conseguiram fazer os japoneses acreditar que os britânicos dispunham de uma poderosa flotilha fluvial, do que resultou o fato do inimigo não se utilizar do Irrawaddy para os seus avanços. Além disso, com suas embarcações, transportaram tropas, abriram caminho através das forças japonesas emboscadas e transportaram abastecimentos para as forças britânicas que haviam ficado, temporariamente, isoladas. Finalmente, destruíram todas as embarcações de que dispunham, para impedir que as mesmas viessem a cair em poder do inimigo e fizeram uma marcha de 200 milhas, através de uma região selvagem e deserta.

Os fuzileiros navais tiveram também parte destacada no desembarque de forças britânicas em Madagascar, em Maio de 1942. Desembarcando à retaguarda de forças de Vichy, contribuíram valiosamente para a rápida rendição de Antsirane. E quando, em Setembro, os ingleses efetuaram um atrevido raide contra Tobruk, foram eles os primeiros a pôr o pé em terra.

Além de seus deveres a bordo dos navios e de sua atuação como tropas de choque, executam muitas outras funções especializadas. As denominadas



S. M. George VI passa em revista, a bordo de um encouraçado, um destacamento de fuzileiros navais.

Unidades Moveis Navais do corpo de fuzileiros, por exemplo, compõem-se de técnicos altamente especializados, que têm a tarefa de construir, em tempo muito curto, pontes de desembarque, onde possam encostar destroyers, afim de desembarcar forças em litoral ocupado pelo inimigo, onde não existam instalações portuárias adequadas. Mais do que isso, os soldados das Unidades Moveis constroem pontes bastantes solidas para permitir o desembarque de tropas e equipamentos pesados e a montagem de canhões anti-aéreos. Não somente eles desembarcam os canhões, mas lutam se utilizando dos mesmos. Além disso em todas as partes onde a marinha esta-

belece uma base naval, os fuzileiros estão prontos a defendê-la, enfrentando todas as dificuldades.

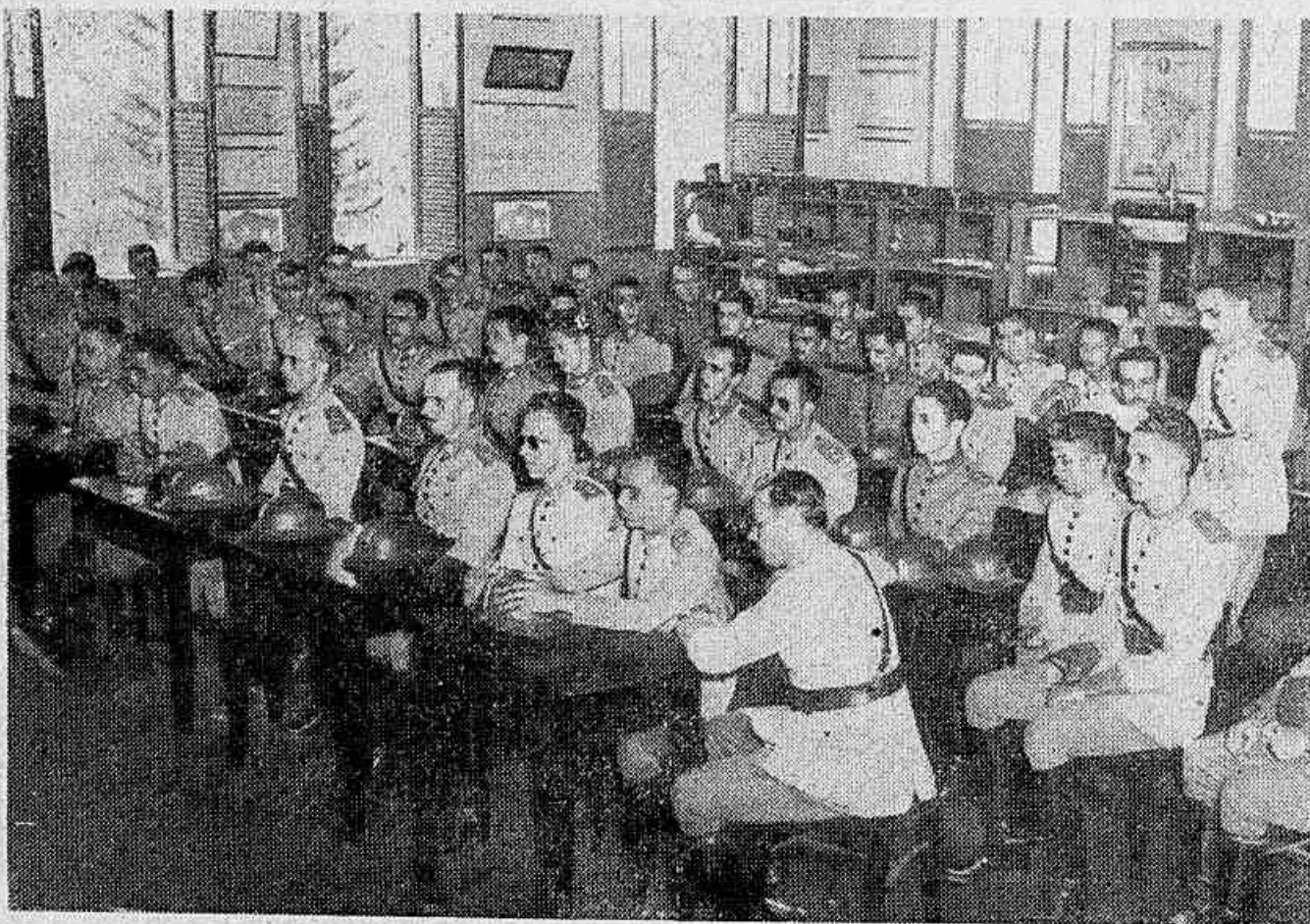
Em seus 300 anos de existencia, o Real Corpo de Fuzileiros Navais tomou parte em todas as grandes batalhas navais travadas pela Grã-Bretanha; lutou na vanguarda e sustentou a retaguarda de exércitos que defenderam a liberdade, em todas as partes do mundo. Esses soldados merecem o título que lhes foi dado de "Bravos entre os mais bravos" e hoje "na hora de perigo", não somente para a Grã-Bretanha, mas para todas as nações amantes da liberdade, estão mantendo suas gloriosas tradições.



navais. No mar, sua tarefa é guarnecer os canhões.

Disciplinados e valentes, os soldados do real corpo de fuzileiros navais estão prontos a executar qualquer tarefa que se torne necessaria na luta da liberdade contra a escravidão.

FIGURAS E FATOS



Flagrante colhido no Batalhão Escola da Assistencia, para a entrega do bastão simbólico, feita pela turma de aspirantes da Reserva que concluiu o estagio regulamentar aos novos aspirantes.



DR. ANIBAL DELMA'S EM VISITA A' ORGANIZAÇÃO HENRIQUE LAGE — Atendendo a um convite do sr. Pedro Brando, superintendente da Organização Henrique Lage, o dr. Anibal Delmàs, ministro da Justiça do Paragua', fez demorada visita àquela instituição, tendo a nossa objetiva obtido o flagrante acima, no qual se vê o ilustre visitante, em companhia do comandante interventor Amaral Peixoto e demais autoridades, contemplando uma fotografia do saudoso industrial Henrique Lage, quando foi o mesmo ha tempos condecorado pelo presidente Getulio Vargas. Essa foto representa primoroso trabalho de Arnaldo Vieira, fotografo da REVISTA DA SEMANA.

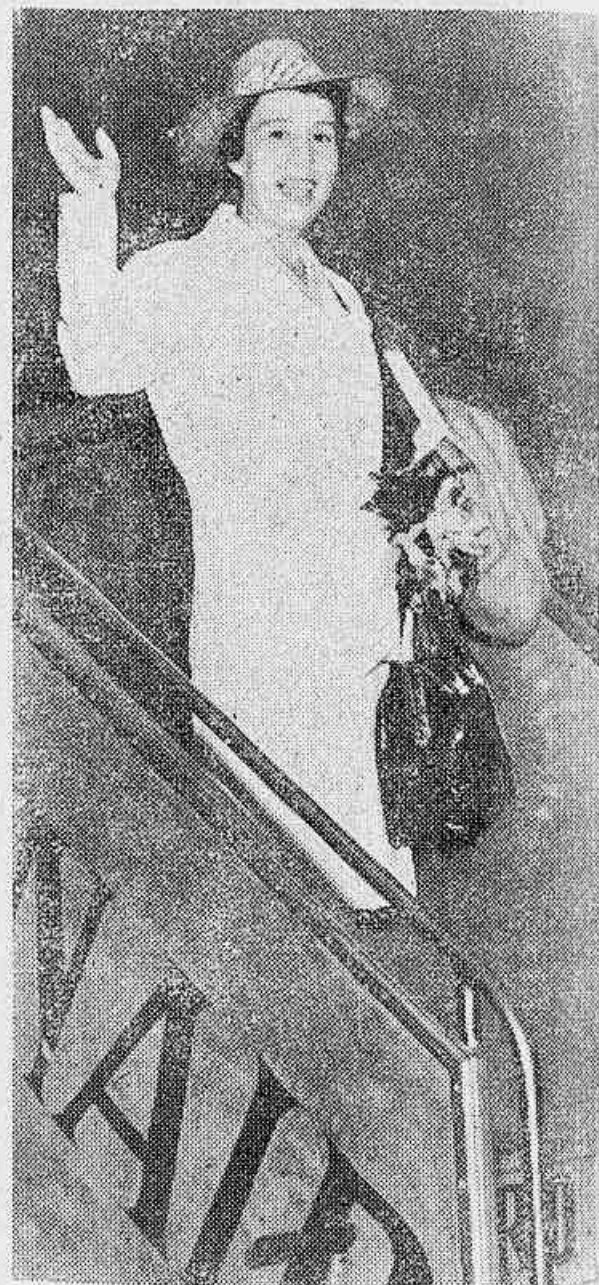


"Coral Eleazar de Carvalho"

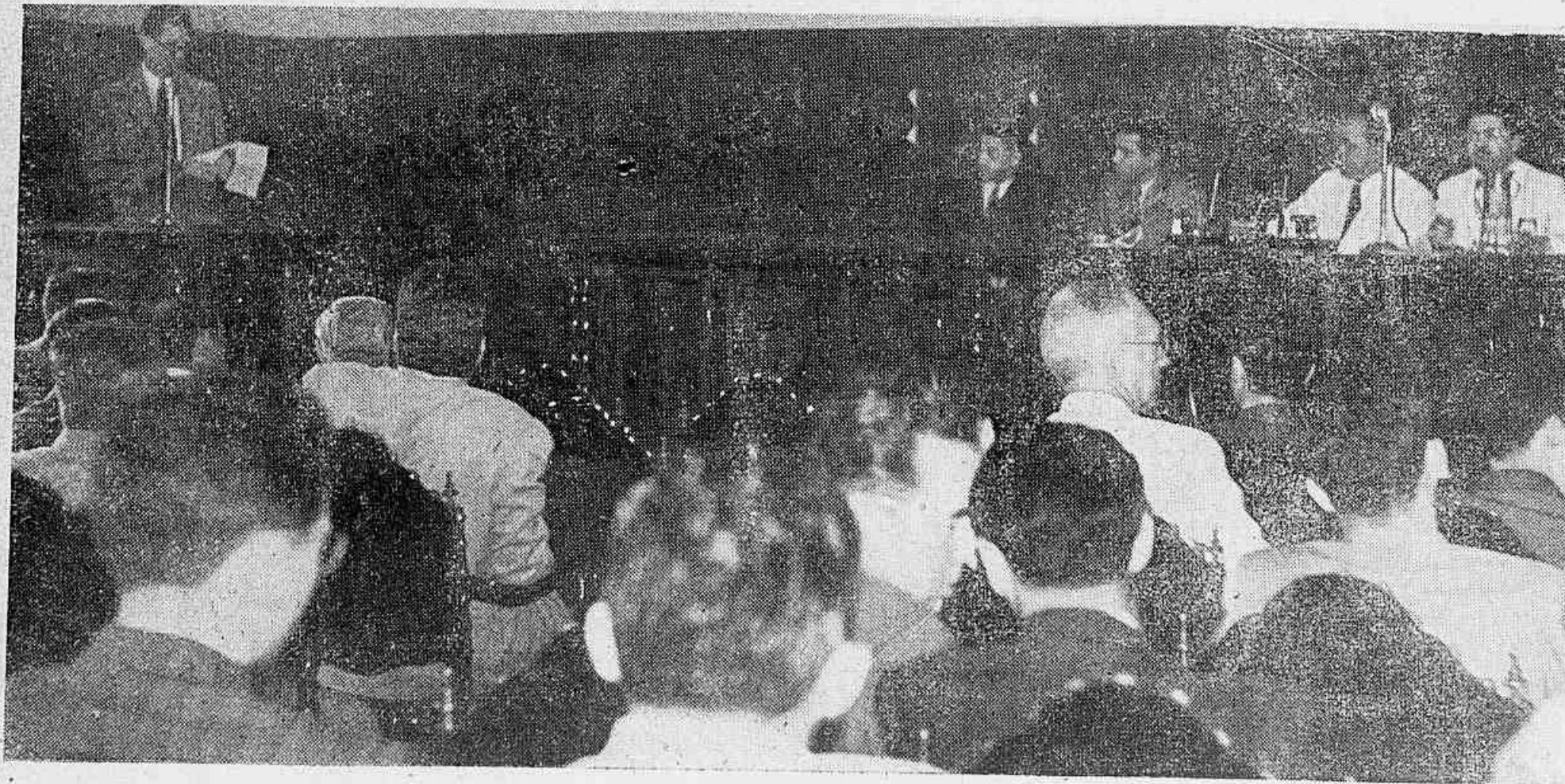
Realizou-se, no dia 8 do corrente, na Escola Nacional de Musica, a última reunião preparatória do "Coral Eleazar de Carvalho".

Constituiu um legítimo acontecimento artistico a citada reunião, á qual compareceram mais de duzentos componentes, além de numerosas professoras e representantes da imprensa, do Ministério da Educação e do Comité pro Nações Unidas.

O maestro Elcazar de Carvalho, seu diretor e também regente da Orquestra Sinfonica Brasileira, realizou uma rápida e necessária classificação de vozes, selecionando-as e organizando-as em grupos que obedeceram á técnica da formação dos grandes conjuntos. Para o próximo concerto de estréia, constam do programa, entre outros autores, Palestina, Montiverdi, Bach, Brahms, Braga, Villa-Lobos, etc.



Em avião internacional da Pan-American Airways seguiu para os Estados Unidos da America do Norte a aviadora patricia Anesia Pinheiro Machado, que vai a convite do governo daquele paiz fazer um curso de especialização de aviação, sob os auspícios do Coordinator of Inter-American Affairs, sr. Nelson Rockefeller e supervisão de estudos da Civil Aeronautics Administration. Anesia Pinheiro Machado, a brilhante aviadora cujo nome ultrapassou as nossas fronteiras, saberá ser uma lidima representante do valor e da coragem da mulher brasileira.



O Pregão Imobiliario

firmou-se definitivamente no conceito publico. E já constituem um habito, entre corretores e interessados no comercio de imoveis, as suas reuniões semanais, realizadas todas as sextas-feiras, ás 11.30, no salão nobre do Liceu Literario Português, onde a oferta e a procura são apregoadas em interessantes competições de compra e venda. A foto é um flagrante da ultima reunião.

Para bicicleta



RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Senhoras
Capsulas
MENAGOL
PARA A FALTA DA MENSTRUACÃO



O racionamento de gasolina trouxe — entre outras consequências de maiores repercussões na vida de diversos países — o recrudescimento do uso da bicicleta e outros veículos de tração animal... e humana. Aqui oferecemos às nossas leitoras uma coleção de "shorts" como vêm sendo usados em Hollywood pelas estrelas de cinema.



Modelos - Esporte

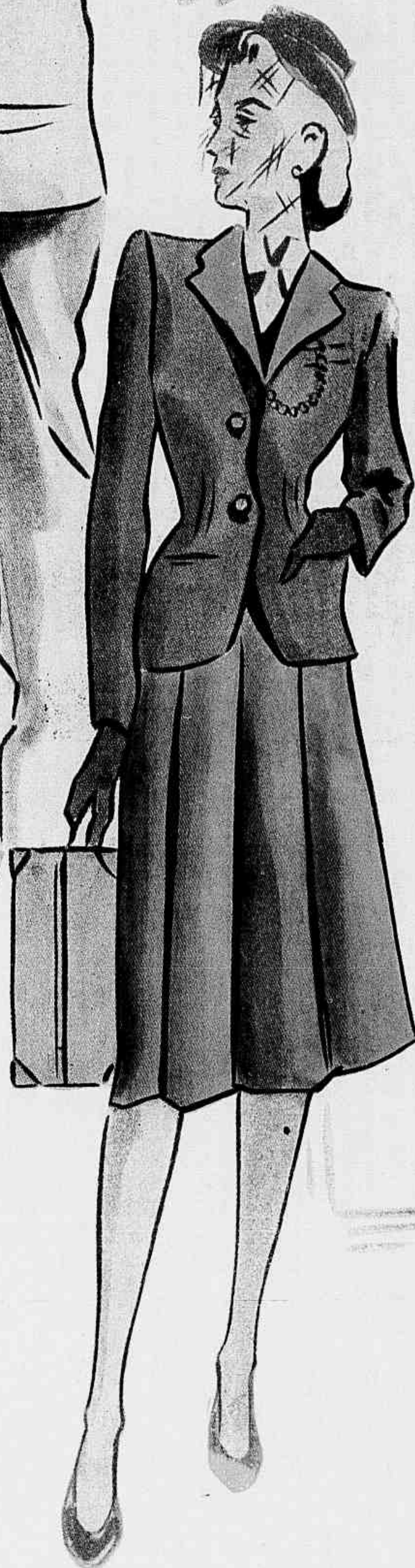
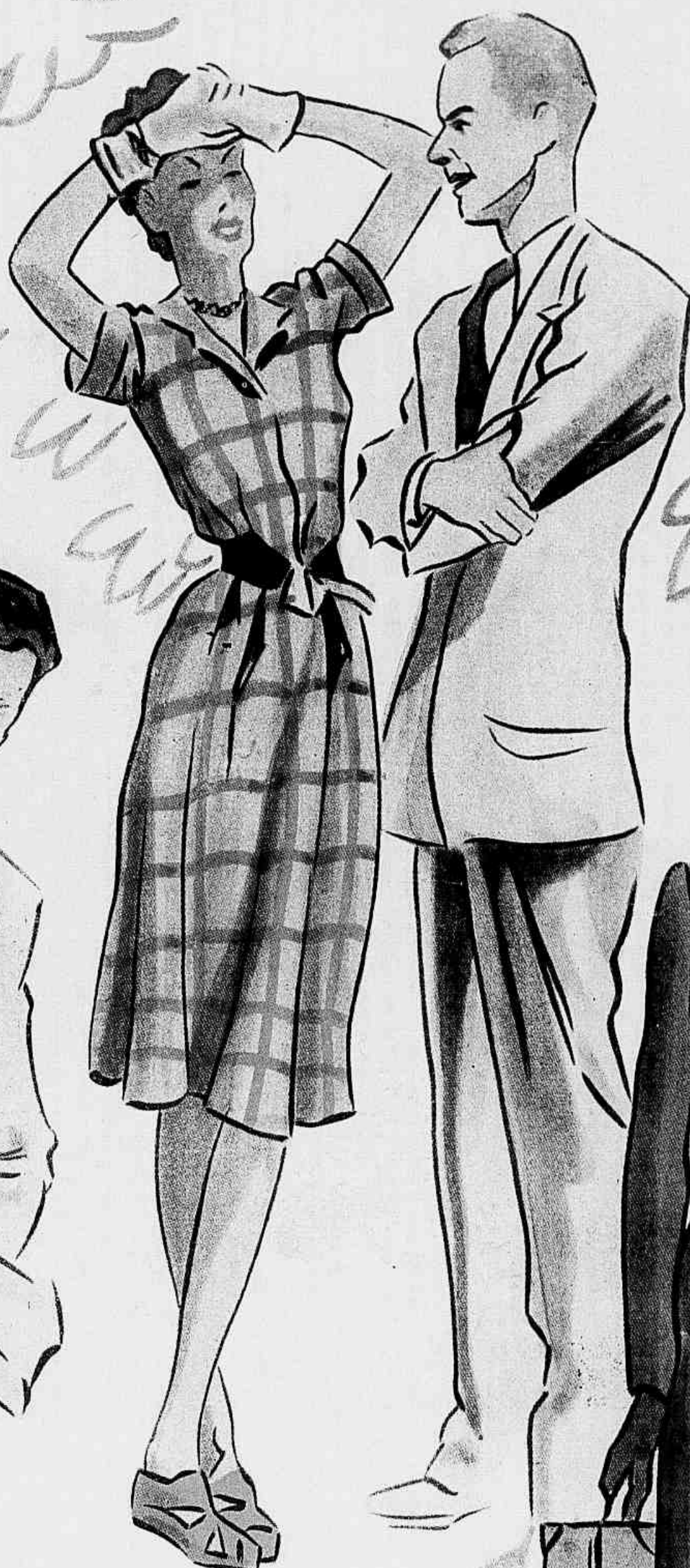
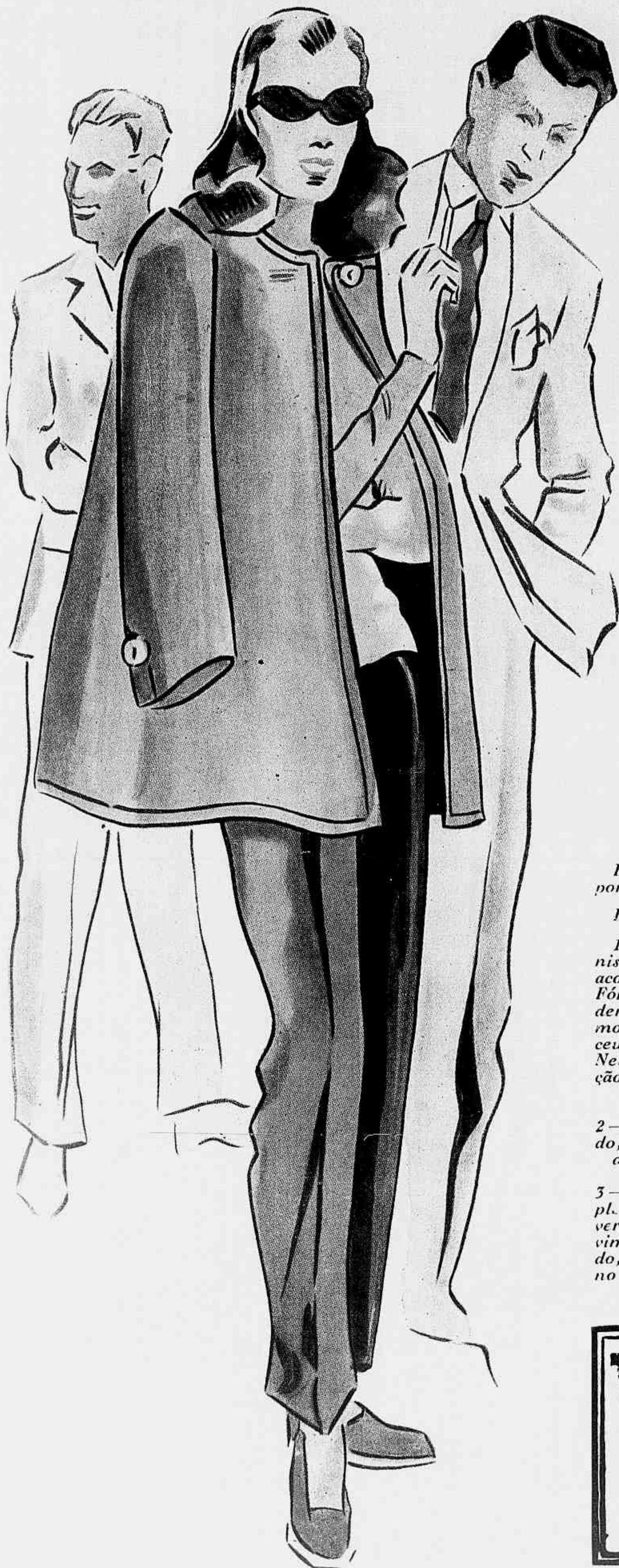
1 — Em tricoline quadriculada leva este modelo, guarnição de outra cor lisa para os bolsos, gola e frente. Botões de matéria plástica. 2 — Em "jersey" branco, muito simples e gracioso este modelo — é indicado para mocinhas. Os botões devem ser de madre-pérola. 3 — Este modelo feito em "rayon" ajusta-se pelo cinto. De grande simplicidade,



requer um manequim muito esguio. 4 — Em "shantung" estampado, saia em fôrma, difere dos precedentes pelo corte em "V" na blusa e reproduzido nos bolsos, o que se presta para uma afirmaçãozinha patriótica... fazendo estes "V" em cores de algum aliado... 5 — Pesado "crepe" romano dará a este simplicíssimo "chemisier" a elegância necessária. 6 — O modelo apresenta, valorizando-se, algumas folhas bordadas. Presta-se para variações de colorido. 7 — O "rayon" se presta para dar a este modelo a flexibilidade necessária. Tem como ornato bolsos trabalhados, o que reaparece na gola e mangas. 8 — "Shantung" em listras — sempre as listras em grande voga e agora mais que nunca quando acompanhadas por estrelas... Ficarão bem a execução de modelo igual, em cores delicadas. O cinto poderá ser em camurça e da cor dominante. 9 — Presta-se este modelo para um trabalho de combinação de listras lã do agrado de certas mocinhas exigentes... Os bolsos se guarnecem de laços. Os botões devem ser escolhidos de sorte que enriqueçam o vestido. E... quanta variedade há atualmente em botões...

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

ELES e ELAS



Bem americanizados, bem atuais portanto, os "clichés" desta página.

Em primeiro plano:

1—Traz a "miss", bem masculinizado "slack" de gabardine cinza, acompanhado de um casaco igual. Forma contraste o blusão que poderá ser de cor vibrante e em harmonia com o terno. Não esqueceu o modelo dos óculos à Marlene. Nela também parece exercer atração especial, o que se depreende por estar tão acompanhada...

2—Vestido em "jersey" estampado, gênero ligeiro, ao qual Chanel deu o nome de "chemisier".

3—Costume clássico, de linha simples e distinta. A saia em pregas invertidas, que se abrem com o movimento do andar. Casaco talhado, prestado-se para ser trazido no braço. Forma este costume um ótimo "trois pièces".

V Bonbons
ITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao
Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente as
melhores.

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE



CIDADE MARAVILHOSA...

ESTAMOS acostumados a associar este qualificativo gracioso e eloquente à beleza sem par da linda Capital do Brasil, como demonstração espontânea do entusiasmo com que apreciamos cada uma ou o conjunto das maravilhas que ela a cada passo nos apresenta.

Cumpra-nos porém corresponder à prodigalidade de aspectos, sempre renovados, com que a *urbs* incomparável nos extasia, tornando nossas casas dignas da moldura em que se erguem, não apenas na sua feição arquitetônica, mas também — e principalmente — no seu arranjo interior.

Um pedaço do céu azul, um cantinho do mar, um angulo de floresta ou a massa imponente da montanha áspera e rude ganham muito em beleza quando avistados de um ambiente aprazível, repousante e confortável.

A paisagem, que não pôde ser vista sempre com o mesmo arrebatamento lírico,

porque ela não varia com a mesma mobilidade do nosso modo de sentir, deve constituir não só o "fundo decorativo" mas também o contraste que harmonize com o ambiente, que nos proporcione placidez e serenidade, em meio do tumulto desta época agitada.

Mas, como esse contraste não é fácil de se obter sem a rigorosa observância de uma infinidade de preceitos, está naturalmente indicada a função de um bom técnico que pôde delinear e executar, dentro de linhas simples, um *living-room* como o que ilustra esta página:

Um grupo estofado amplo, com almofadas soltas; pequeno tapete *bouclé*; mesinha de cristal; cortinas de tule, sob reposteiros de *marquiselette*, tudo com uma leveza e uma simplicidade encantadoras, que repousam e animam a procurar, na paisagem distante, um pedaço de céu, a maravilha da cidade.

MOBILIARIOS TAPEÇARIAS DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNIES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SÓMENTE

65 - RUA DA CARIOCA - 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



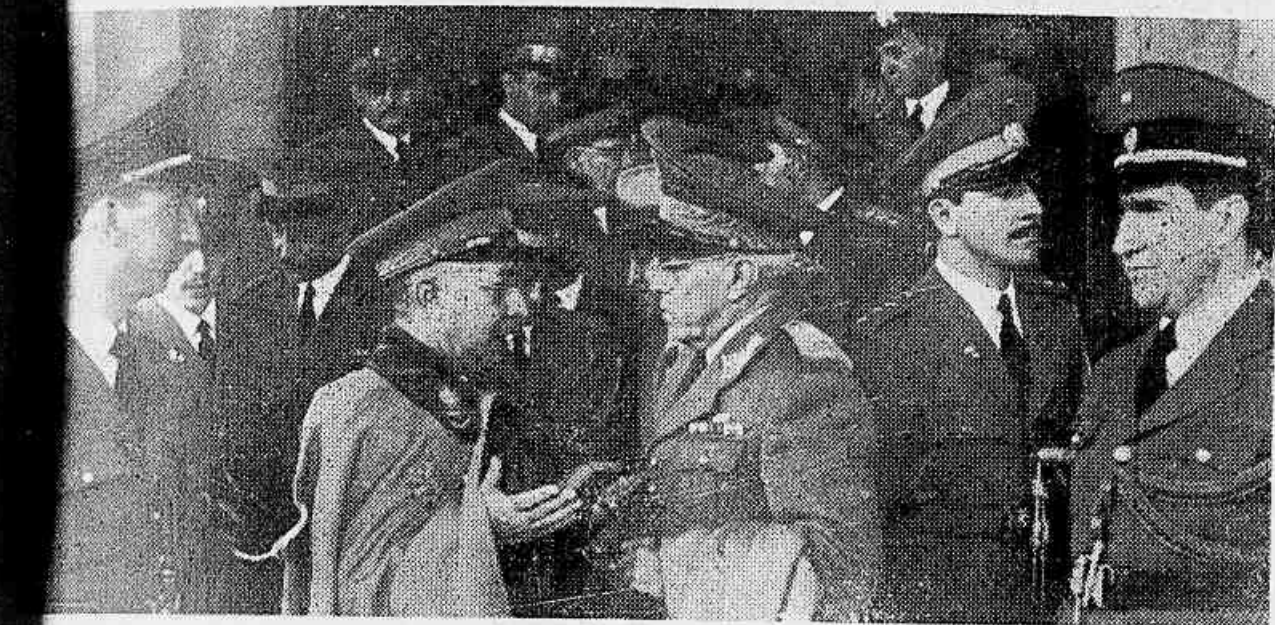
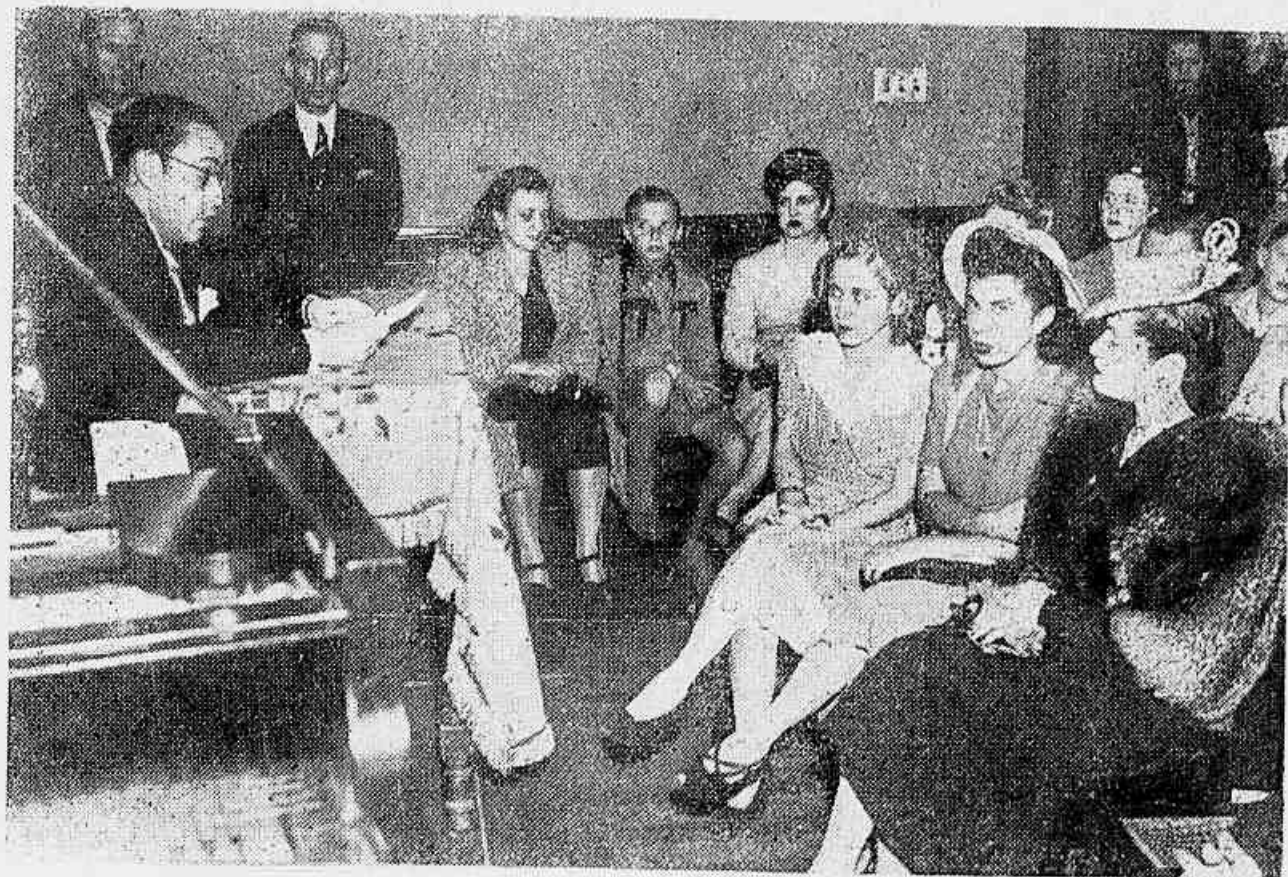
MEDICINA MILITAR — Realizou-se, há dias, a instalação solene do Departamento de Medicina Militar da Associação Paulista de Medicina, no amplo salão da Biblioteca Municipal.

Os trabalhos foram presididos pelo gal. João Batista Mascarenhas de Moraes, comandante da 2.^a Região Militar. A' mesa estiveram sentadas altas personalidades civis e militares: cap. Guilherme Rocha, representante do Interventor Federal; gal. João Afonso de Souza Ferreira, diretor de Saude do Exército; representante do Secretário de Educação; representante do Prefeito Municipal; tte-cel. Isler Vieira, chefe do Serviço de Saude da 2.^a Região Militar; tte-cel. Marques Porto, chefe de gabinete da Diretoria de Saude do Exército; dr. Roberto Oliva, presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia e outros.

Aberta a sessão pelo gal. João Batista Mascarenhas de Moraes, fizeram uso da palavra diversos oradores, destacando-se a notável peça oratória do cel. Marques Porto, o verdadeiro conferencista da noite.

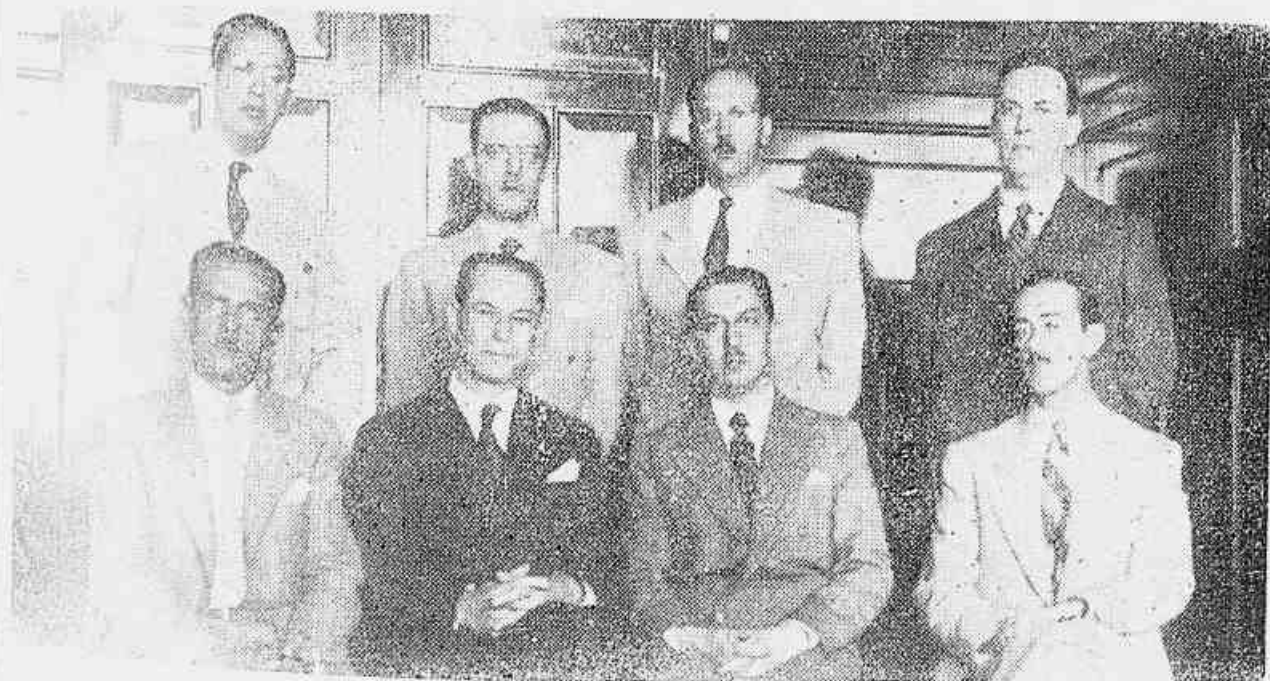
DE SÃO PAULO

CURSO DE PIANO — No Conservatorio Musical Carlos Gomes inaugurou-se, há dias, Curso de Aperfeiçoamento de Piano, a cargo do grande pianista patricio Sousa Lima. A esta aula inaugural estiveram presentes representantes do governo federal e estadual, tendo sido feita a apresentação do catedrático aos discipulos, pelo maestro Armando Belardi, diretor do Conservatorio Carlos Gomes.



TEATRO — Em benefício da Cruz Vermelha Brasileira, foi levada á cena no Teatro Municipal "Les Races", peça escrita pelo judeu alemão Ferdinand Brueckner, agora domiciliado em Nova York. Representada em Paris, em 1934, é a história de um choque entre um jovem ariano e um judeu, com um romance de perigo.

Montada e ensaiada pelo sr. Raymond Maurel, foi interpretada, entre outros, pelos seguintes amadores: Irene de Bozano, Maud Avrousart, Brigitte Helene, Barbara Helene, Renée Barthes, Marcel Georges, Roland Vyrier. A fotografia foi tomada durante um ensaio.



INSTITUTO ROENTGEN
Para radiografia superficial e profunda
DR. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Ispetunings, 139
Sala 10, 11, 12 e 14 - Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

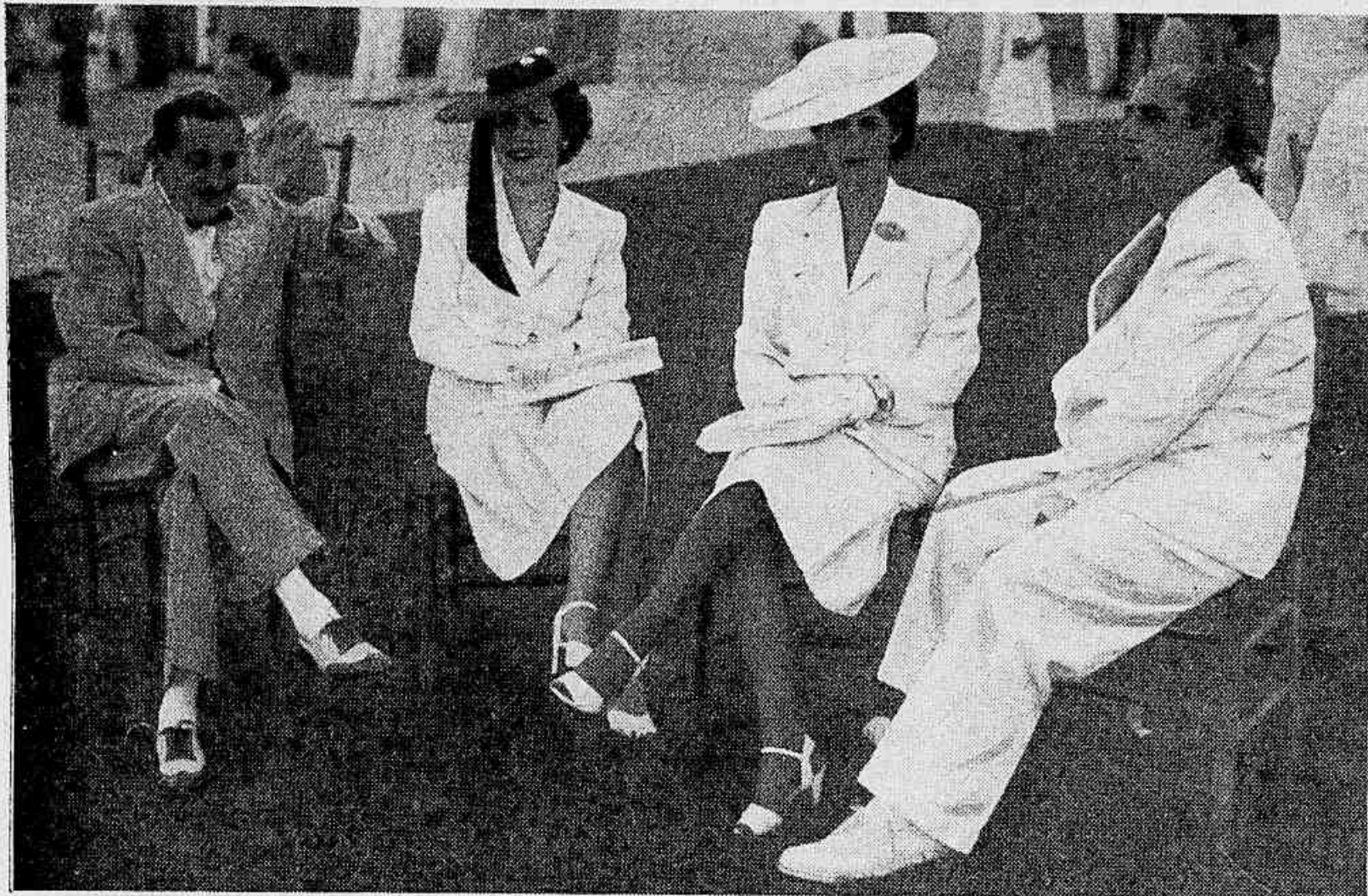
FACULDADE DE MEDICINA — Em comemoração do 51.^o aniversário da fundação desta Escola, visitou-a uma comissão integrada pela diretoria da Associação dos Antigos Alunos: drs. Felício Cintra do Prado, presidente; Potiguar Medeiros, vice-presidente; Renato da Costa Bonfim, secretário-geral; Paulode Toledo Artigas, 1.^o secretário; Roberto Brandi, 2.^o secretário; Pedro Badra, 1.^o tesoureiro e Alberto R. Martinez, 2.^o tesoureiro.



Quando fôr a São Paulo
... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos
Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil
★
• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4.^a sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA Succatista de MAPPIN STORES
D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

JOCKEY CLUB MUNDADO



A temporada oficial do "turf" teve prosseguimento domingo ultimo, com a realização do clássico "Sêis de Março".

As corridas atraíram ao Hipódromo da Gávea todos os aficionados do nobre esporte, lotando as dependências do aristocrático Prado, que mais uma vez apresentou o aspecto elegante que sempre caracterizou as reuniões do Jockey Clube.

As gravuras que ilustram esta página foram colhidas pelo nosso fotógrafo, durante o "meeting" turfístico de domingo.

Chapéus - Modelos

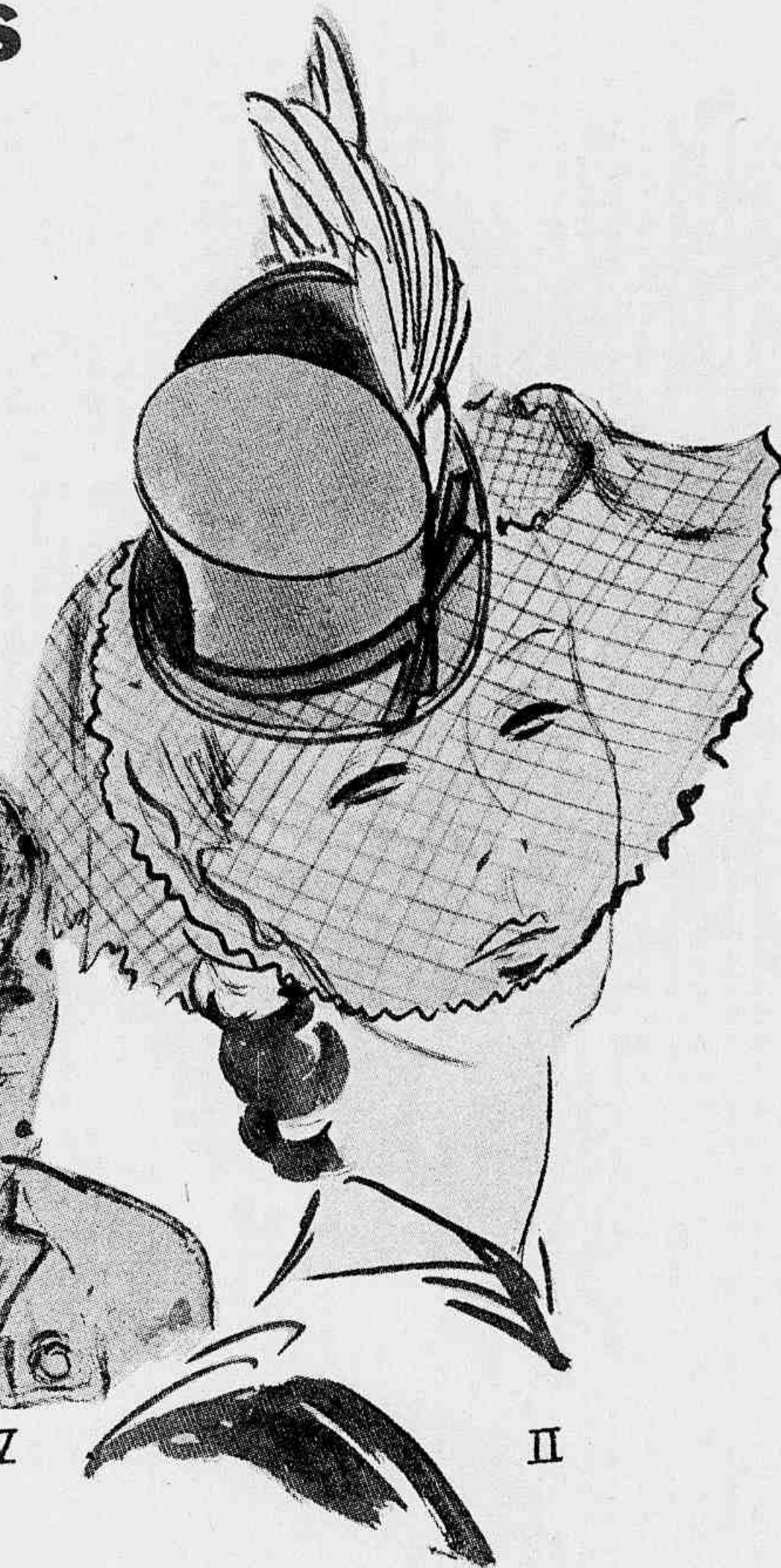
O chapéu faz a *toilette*; o chapéu dá ou tira personalidade. Orientem-se as leitoras ao fazer uma escolha, embora como disse certa ironista "a mulher tem mais facilidade em escolher seu chapéu que... seu marido". Eles poderão fazer o vice-versa. Enfim, aqui teem as leitoras modelos originais, quanto possível.

1 — DONA-SOL — lindo modelo de *vionnet*. Feito de feltro preto, guarnecido com uma fita cõr de *fuschia*.

2 — MODELO DE ROSE DESCAT — Feltro de veludo preto, duas azas brancas, veu preto.

3 — MODELO DE RUSSEKS — Em feltro, de cõres escuras. Indicado para usar com um costume genero alfaiate.

4 — Chapéu imaginado por Gibson e feito em palha misturada com feltro.



INFLUENCIA MEXICANA

Como demonstração do grande intercambio com o Mexico, imaginaram os artistas que hoje dirigem os departamentos de costura nos Estados Unidos aproveitar as sugestões que aqui vemos.

1 — Um bolero em *suede* para ser usado sobre blusa de seda. Completa-se com um largo cinto que lembra os de Valentino, tendo a maior um apanhado de flores tropicais.

4 — Penteado com papoulas.

5 — Um gorro em *suede*, colocado á maneira espanhola.



2 — Lenços com estampados de pince-tias, papoulas, amores-perfeitos mexicanos.

3 — Blusa de crepe *rayon*, com um laço original.

Penteados Modernos



Cadette



Antoine



Nonchalant

Segundo estes clichés estampados em grande publicação americana no Instituto de Beleza, de Antoine, em New-York, surgem os penteados com o cabelo cortado. Chamam-se estes penteados — porque todos eles têm nomes — *Nonchalant, Cadette, Coquette*.

Como é observável estas tres elegantes tiveram os cabelos sacrificados pelo artista incomparável. Não se ressentiram por isso, porque ele com um sorriso diz orientar-se sempre pela expressão fisionômica de cada uma, fazendo o que fica bem. É que o famoso artista tem o privilégio de não afeiar aquelas que têm a ventura de passar pelas suas mãos. Transforma as suas loucuras em loucuras coletivas. Inventar modas, que logo correm o mundo. Não hesita em impor isto ou aquilo. Tinge de branco os cabelos pretos e vice-versa, de louro os acajou, os acajou de platina, os de platina em prata ou azul... Vive o artista imaginoso compulsando livros de arte, inspirando-se em modelos que também inspiraram os maiores pintores de todos os tempos. Contemplando um dia as Venus de Botticelli lembrou-se de fazer penteados dourados, penteados esculpidos, isto é com desenhos aplicados...

Devem as leitoras (que não foram ainda informadas), ter curiosidade de saber a origem desse artista a quem devem todas as mulheres a orientação dos seus cabelos. Esse artista direi, é de origem polonesa, nasceu numa aldeia chamada Sieradz, nas imediações da grande cidade industrial de Lodz. Tem como nome de família o cognome Cierplikowski.

Segundo refere, foi o acaso que lhe mostrou seu raro talento. Achava-se em casa de um cabeleireiro amigo, quando este se ausentou. Teve de servir a uma cliente e de tal modo se houve que a moça, encantada, fez o reclamo do seu trabalho. Passados tempos foi obrigado a montar um salão, depois transferiu-se para Trouville e dali — para Paris. Estava consagrado e daí em diante dispensou toda especie de propaganda. Está milionário, atualmente e célebre.



Coquette



A SENHORA USA "ANQUINHAS"?...

... "Espartilhos"? — "Coletes de barbatana"? Claro que não!

Todos os "trucs de beleza" já vão sendo substituídos pela beleza natural conseguida pela higiene e pelo sport.

Cílios engomados e cobertos de tinta, não são cílios naturais, são cílios de boneca.

Só o uso continuado de Cilion será capaz de fazer cílios naturalmente longos, escuros, recurvos e sedosos.

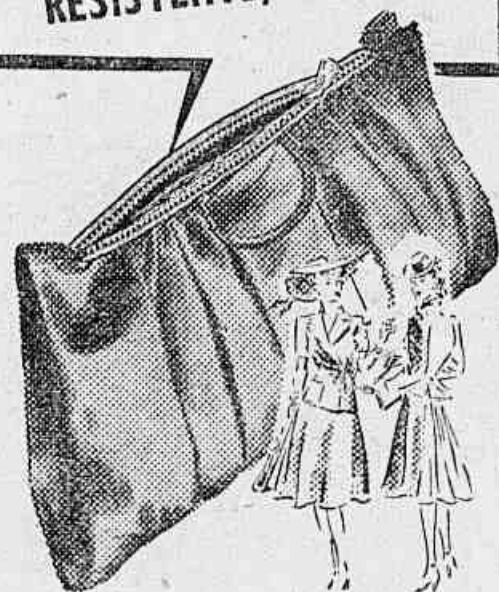
CILION não é um "Truc" — é um produto da ciência a serviço da saúde e da beleza.

Cilion

Um produto
MOURA BRASIL

A distribuição desta revista na Capital do Estado de São Paulo está a cargo da "Agência Siciliano", á rua D. José de Barros n.º 323, telefone 4-7866.

SE É **Reör**
ZIP
É RÁPIDO, SEGURO,
RESISTENTE, DURÁVEL!



Comparavel em tudo aos melhores zips estrangeiros, REÖR é, entretanto, vendido a preços muito mais acessíveis, porque é fabricado no Brasil.

E a satisfação que o seu uso lhe garante, é sempre a mesma, pois REÖR é feito de material inoxidável e resistente, livre da ação do tempo e inatacável pela soda do sabão comum. Experimente-o! Verá como REÖR é prático e corresponde 100% às suas exigências.

COMPANHIA BRASILEIRA
DE METAIS



A IMPORTANCIA

O calçado tem um papel importantíssimo na elegância feminina.

Os americanos tem desenvolvido a industria do calçado a ponto de se tornar inigualável. Modificaram o formato, os saltos, enfim observaram a estética. Os modelos americanos são racionais e observam todas as regras da higiene.



**VEIAS
DAS
PERNAS**

As veias dilatadas ou salientes tiram a beleza e a elegância das pernas e predispoem a infecções (erisipela), úlceras, eczemas, edemas (inchaço) etc. INSTITUTO HELCO do Dr. JOAQUIM SANTOS, médico especialista, trata por processo proprio, sem repouso, sem dor e sem operação.

Tel. 42-7871. RUA DA QUITANDA, 26 - 1.º — De 10 às 12 e 15 às 19 horas

DO CALÇADO

O calçado faz a personalidade—disse, certa vez, André Perugia, ao apresentar uma das suas maravilhosas criações. E não teria ele razão? Reflitam as leitoras ao estudar estes modelos de que poderão tirar muitas ideias para encomenda de seus sapatos.



CREME DE BELEZA ORIENTAL



Sobre o seu toucador é a garantia!
da sua formosura!

Embranquece, amacia e assetina a cutis, evitando as espinhas, cravos e manchas. Não é gorduroso e é de fácil aplicação.

T. TARQUINO

A' VENDA EM TODO O BRASIL

QUANDO TRABA

Enquanto milhares de mulheres concorrem com os homens em empregos publicos, substituindo-os na oficina, no campo, nos mais rudes misteres, outras voltam ao lar para se interessarem pelo bem estar e conforto da familia.

Na America do Norte, a educação domestica tomou um sentido elevado e a americana não desdenha hoje interessar-se pelas panelas, pelo arranjo geral da casa. Desempenham seu encargo com a graça que lhe é peculiar afim de parecer bem. Com a colaboração dos grandes



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



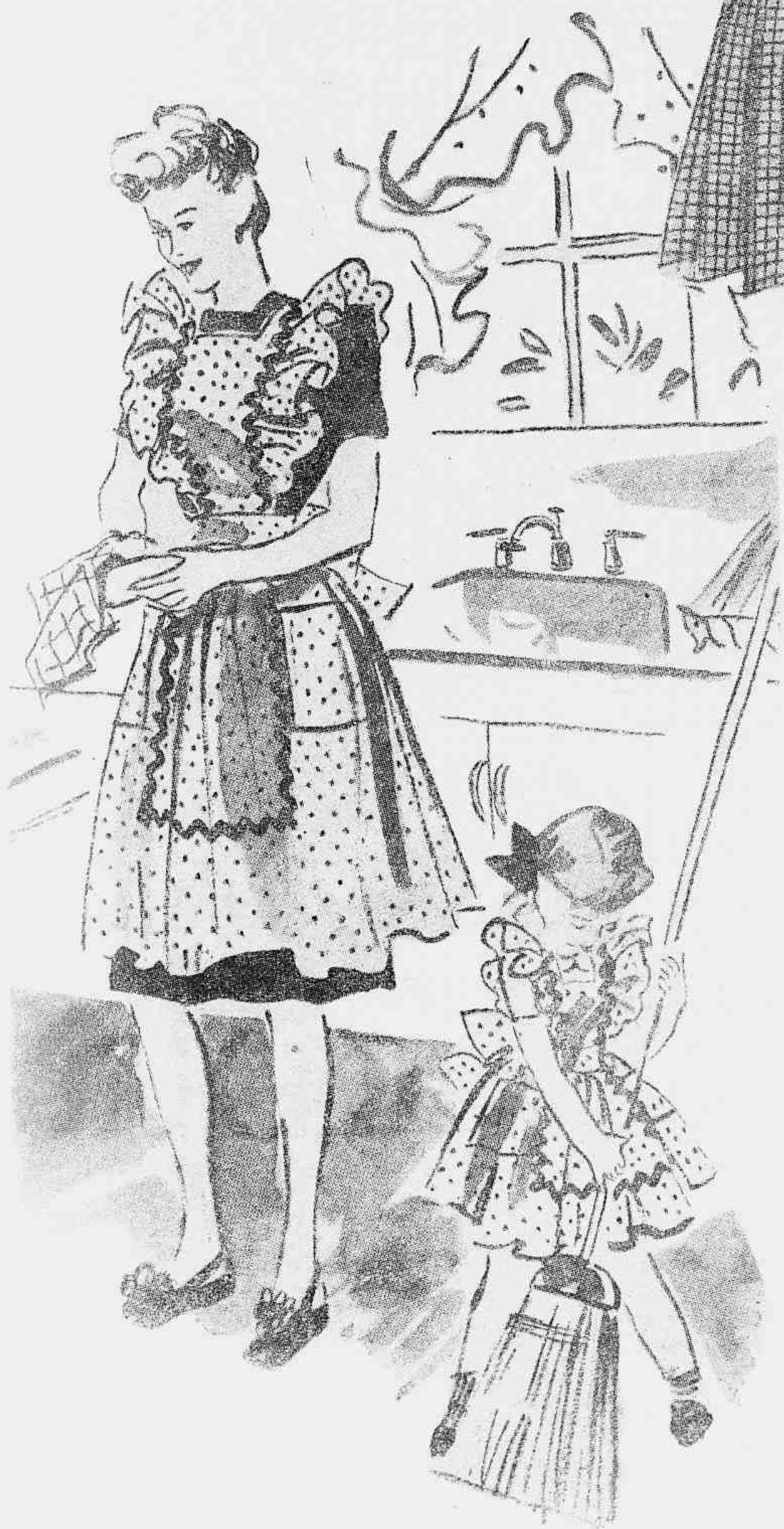
INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

TODOS ALHAM

costureiros surgiu o uniforme elegante, gracioso, que lhe convém: o avental.

Encontram-se os mais variados feitos nos tecidos de algodão, e como é bonito o algodão americano, até em seda, dando assim prazer àquelas que os trazem. O avental veste igualmente grandes e pequenos e como é apreciável nesta gravura, servindo para mães e filhas...

O trabalho constitui prazer quando não diminui e, para esse fim, quanto concorre a indumentaria mais faceira!



Metrolina



antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.



O VALOR DO MILHO

O milho (*zea mays*) é originário da América. Sua cultura foi introduzida na Europa e noutros continentes depois do descobrimento do Novo Mundo.

Os primeiros exploradores admiraram as culturas feitas pelos índios. Colombo, em carta à Rainha Isabel, referiu-se encantado, aos *milharais* dos nativos.

Foi com o milho que os Estados Unidos conquistaram o *Far-West*. No milho se apoia sua riqueza econômica e mais da quarta parte de suas áreas cultivadas está ocupada por milharais.

O Brasil ocupa o segundo lugar como produtor deste cereal, que cultiva há mais de quatro séculos... Cumpra não esquecer, entretanto, que a primeira cultura foi feita em S. Vicente, em 1543, por iniciativa de D. Ana Pimentel, esposa do donatário Martim Afonso de Souza.

A cultura do milho tem o mais alto valor. Rivaliza com a do trigo — cereal nobre — mas se avanta quanto à facilidade cultural.

Do milho são aproveitados: flôr, folhas, colmo, barbas, sabugos, palha — para fins industriais, uso doméstico.

Do grão são extraídos mais de 140 produtos e subprodutos, figurando entre eles — o amido, o óleo, o álcool, xarope, dextrina, etc., etc.

Utilíssimos, todos esses produtos e subprodutos do milho. Estudando ligeiramente: o amido — é utilizado em manufaturas de tecidos, de pilhas de magnésio, rádio, para o

preparo do papel. A dextrina (pó colorido tirado do amido) é empregada na indústria têxtil. Dá colorido e resistência aos fios. O óleo serve no fabrico de sabão, de borracha artificial, etc. Quando refinado, o óleo de milho rivaliza com o de oliveiras, não queima, não enfumaça, não absorve gosto, servindo assim, para o preparo de vários alimentos.

O xarope é um recurso inestimável para os confeitores. Tem o nome de *karo*. Este xarope rivaliza com o mel de abelhas e está sendo largamente usado em doces, sorvetes, balas, para coberturas de *waffles*. Segundo leio, as cinco Diones sempre usaram o *karo* e que melhor reclamo para ele do que a preferência dessas pequenas canadenses?

O milho é um alimento completo, que varia de propriedades segundo a maneira em que se apresenta. Ao natural contém: fosfato, potássio, proteína, óleo, amido, várias vitaminas.

O milho pôde ser consumido de variadíssimas formas. Ao natural, isto é, cozido com as folhas, sem elas, cortado em rodela, inteiro, assado, em grãos. Nos Estados Unidos, misturam-no em pratos suculentos de frios com bacon, presuntos, legumes variados; — acompanham as espigas de milho curiosos garfos, que permitem saboreá-las com elegância. Não satisfeitos, os americanos, enlatam as espigas inteiras ou em grãos. Preparam variados *flakes*.

Vejamos algumas receitas em que o milho figura em pratos salgados:

Croquetes — Corta-se uma azeitona em pedacinhos, junta-se uma colher de *polenta* mistura-se bem, formando os croquetes, que são passados em pó de rosca e depois fritos em óleo bem quente. Arruma-se em pirâmide sobre um guardanapo. Serve-se quente, com raminhos de salsa.

Pamonha de milho — 250 grs. de farinha de milho, 250 grs. de centeio. Mistura-se com uma grande colher de manteiga, um copo d'água morna, com uma colherinha de sal. Amassa-se bem e faz-se três róis de tamanho regular, que são cozidos em água fervente. Para esse fim podem ser enrolados em palha do próprio milho, cuidadosamente amarrada antes de mergulhar n'água. Retira-se depois, cuidadosamente e serve-se com chá, acondicionando esses bôlos em fatias com manteiga.

Ovos com sêmula (Para oito pessoas). Um litro d'água fervente, 250 grs. de sêmula de milho para formar um pirão; ao servir junta-se uma colher de manteiga fresca, ovos escaldados. Servir em separado creme fresco e um pouco de queijo ralado.

Pudim de milho (receita francesa): — 60 grs. de sêmula, ½ litro de leite, dois ovos, uma colher de manteiga, duas colheres de creme fresco, um pouco de sal, um pouco de pó de pão. Faz-se o pirão do milho com leite, depois junta-se o resto dos preparos e por último as claras batidas em neve. Vai tudo ao forno, em fôrma com manteiga. Servir quente.

Polenta — 200 grs. de sêmula de milho num litro d'água fervente e salgada para formar um pirão, junta-se ainda no fogo uma colher de manteiga, duas colheres de creme e serve-se logo. Variação: colocar o prato salpicado de queijo gruyere e de manteiga no forno e servir no mesmo prato. Também se pode cortar em fatias finas e servir com ovos cozidos.

Em pratos doces temos o milho numa infinidade de maneiras. Entre outras, citarei as seguintes:

Torta de milho — Cozinhase 3 colheres e meia de sêmula num copo de leite com açúcar e baunilha. Deixa-se esfriar e junta-se 1 colher de creme, de manteiga, 1 gema, 1 clara batida em neve e coloca-se numa fôrma de torta preparada com a massa habitual. Salpica-se com açúcar em pó e leva-se ao forno. Cobre-se com um papel impermeável para não queimar. Serve-se quente.

Pães fluminenses — 2 chicaras de sêmula em ½ litro de água ou leite fervente. Tira-se do fogo e junta-se uma chicara de farinha de trigo, uma colher de manteiga, 2 de banana, um pouco de herva doce, 2 ovos sem bater, uma chicara de açúcar. Faz-se depois os pães (bem pequenos) põe-se numa chicara enfarinhada com a mesma sêmula, sacode-se para dar o formato redondo e coloca-se em placas polvilhadas de farinha de milho, marcando os pães com o fundo da chicara. Forno regular.

Papas á serlanceja — 6 espigas de milho. Rala-se, passa-se na peneira (deixando alguns grãos) tempera-se com açúcar, um pouco de leite, um pouco de canela (em pau, de preferência). Leva-se ao fogo para dar a consistência de um creme, e coloca-se em tijelinas apropriadas, que vão á geladeira, ou em fôrma grande, com caramelo.

Manuê de fubá — 500 grs. de açúcar, 200 grs. de manteiga, 350 de fubá (sêmula). 1 chicara de leite de côco, misturando um pouco do mesmo ralado, 3 gemas, sendo as claras batidas em neve. Mistura-se tudo e leva-se ao forno em placas untadas de manteiga ou em forminhas.

Cuca — 1 garrafa de leite, 2 chicaras de sêmula de milho, 1 de açúcar, 2 ovos completos, tempero á vontade. Leva-se ao forno em forma untada de manteiga.

American cake — 1 chicara de passas sem caroços, 1 chicara de ameixas igualmente sem caroços. Põe-se de molho em água tepida por ½ hora, depois escorre-se e põe-se em vinho do Porto. Prepara-se á parte a seguinte massa: ½ quilo de sêmula de milho, ½ de centeio, 2 colheres de manteiga, 1 colherinha de sal, outra de baunilha, 1 chicara de leite, mistura-se tudo. Bate-se 3 ovos com três colheres de açúcar, depois junta-se as passas e ameixas, mistura-se bem e põe-se em forno com manteiga. Forno regular em que ficam ¾ de hora. Tirar quente e servir com açúcar e canela.

Sonhos — Uma chicara de sêmula posta de molho em ½ de leite levemente açucarado. Junta-se ½ chicara de polvilho com ovo e frita-se em gordura quente, tirando a massa ás colheradas. Servir quente.

COCKTAILS:

Bacardi Cocktail — 1 colher de chá de grenadina, caldo de 2 limas ou de 1 limão. 2 porções iguais de bacardi (rum ou aguardente destilado pelo processo Bacardi), açúcar para dar gosto. Sacudir bem com gelo picado.

Cocktail de morangos — Os morangos são passados em espremedor fino para extrair o suco, põe-se então no *shaker* (batedor) com um pouco de Old Tom Gin, vermute Cíno, 2 gotas de amargo Angostura. Os calices devem ter os bordos passados em açúcar e ornados com morangos. Servir com canapés variados e salgadinhos.

MISS CAKE

EIS O CAMINHO PARA UMA SAÚDE "SUPER"



Mamãe, papai e todos os filhos vão tirar grande proveito de um prato diário da deliciosa aveia Quaker Oats. A aveia Quaker Oats é um cereal de grão integral, três vezes mais rico em Thiamina (vitamina B1), em ferro, fósforo e proteína. Pela sua riqueza em energia alimentícia — nutre, revitaliza e concorre para dar força e saúde. A aveia Quaker Oats não é remédio, mas um alimento delicioso para ser apreciado diariamente por todos.



"SUPER" benéfico

A Aveia Quaker Oats é um dos alimentos mais nutritivos — muito mais nutritivo que o arroz. Suas proteínas desenvolvem os músculos, o fósforo fortalece dentes e ossos, a Thiamina fornece energia e combate a fadiga.

"SUPER" econômico

A Aveia Quaker Oats é um dos alimentos mais econômicos. Prepara-se com facilidade de diversas maneiras. Compre hoje mesmo uma lata de aveia Quaker Oats e comece a gozar melhor saúde.

Há pessoas que às vezes se referem a aveias inferiores, chamando-as imprópriamente de Quaker. Só há uma aveia Quaker — a original e legítima — identificada sempre pelo nome e pela figura do Quaker. Rejeite substitutos.

QUAKER OATS

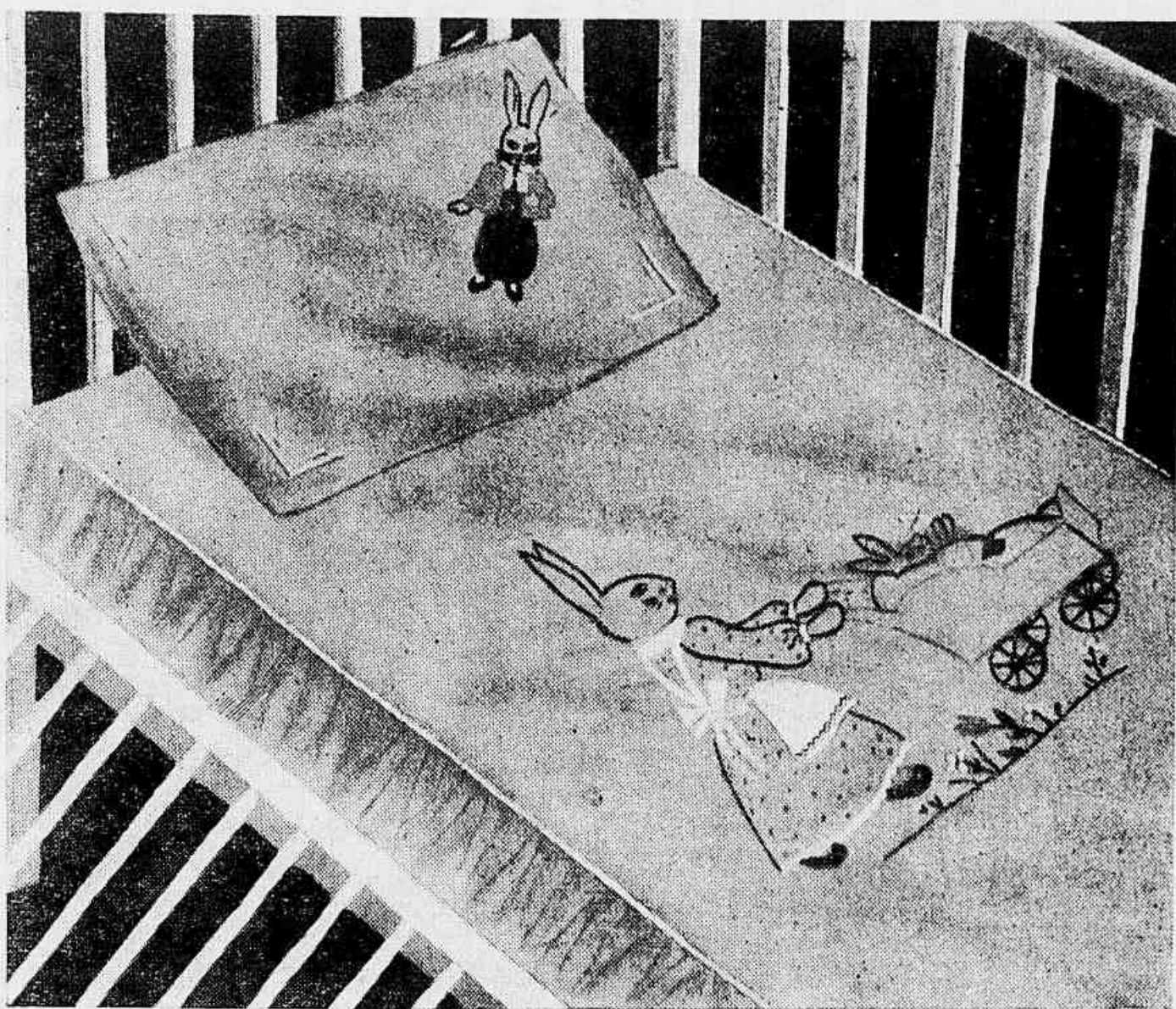
PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.



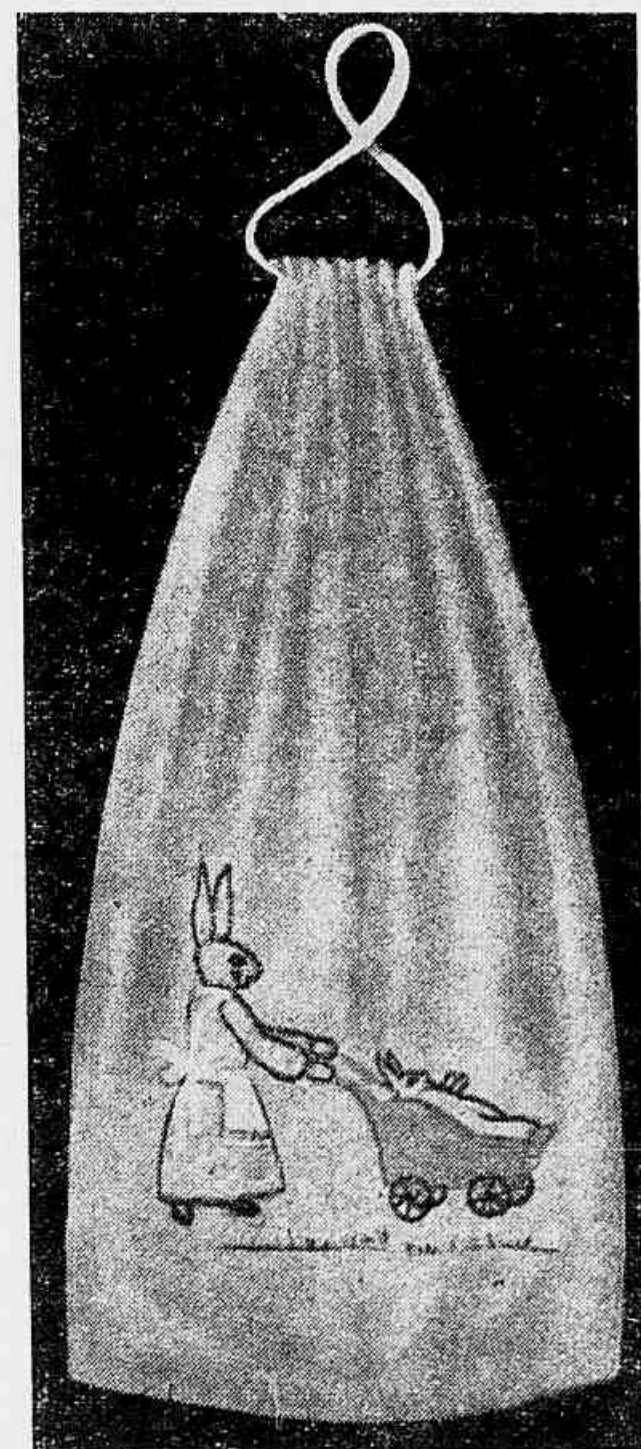
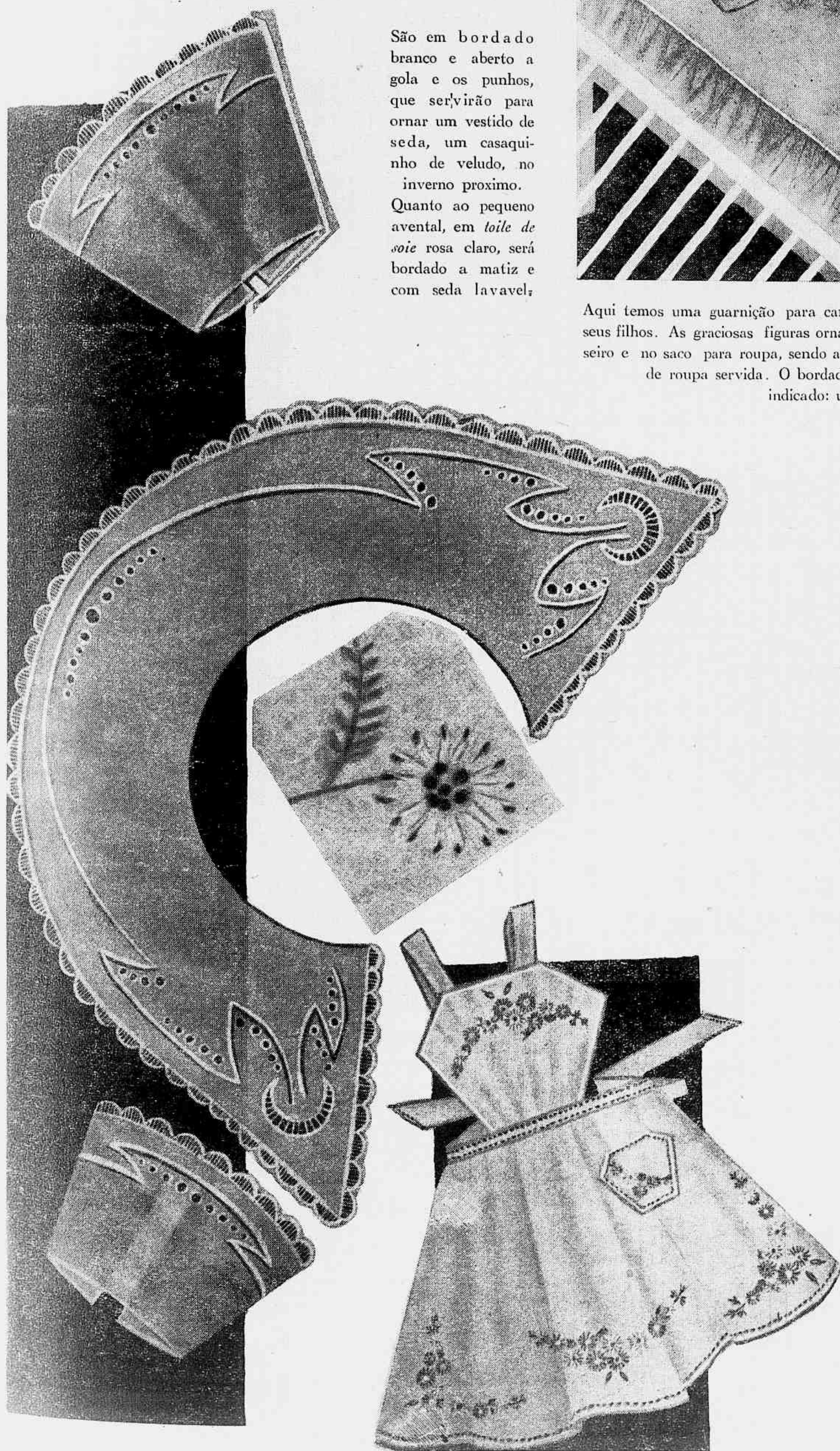
O Lar

BORDADO

São em bordado branco e aberto a gola e os punhos, que servirão para ornar um vestido de seda, um casaquinho de veludo, no inverno proximo. Quanto ao pequeno avental, em *toile de soie* rosa claro, será bordado a matiz e com seda lavavel.



Aqui temos uma guarnição para cama de bebê. Mamãe coelha sai a passeio com os seus filhos. As graciosas figuras ornaram a colcha. Um coelho isolado aparece no travesseiro e no saco para roupa, sendo as figuras da coberta de cama reproduzidas no saco de roupa servida. O bordado é todo feito com pontos ligeiros; tecido indicado: um linho de cor delicada.



MOBILIARIOS PARA APARTAMENTOS

A Fábrica de Móveis "Lamas", expõe em seu grande mostruário anexo às oficinas, à rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo à estação principal da Leopoldina), inúmeros modelos, especialmente criados para apartamentos e que resolvem o problema de escassez de espaço, sem prejuízo da boa comodidade, executando, ainda sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiais, oferecendo também em alguns casos, facilidade de pagamento. Os móveis "Lamas" são vendidos exclusivamente no mostruário anexo à fábrica.

Luizinha, a manicura

(Continuação da pagina 11)

melha e suada, com o lenço de cheiro forte, Luizinha recorda os seus pensamentos ao descer da escada da pensão, quando se encaminhava para a baratinha, e sorri tristemente. Cumpriu-se tudo como ela previa, sente a impressão igual á de quem assiste a um filme pela segunda vez, ou pela terceira vez, ou pela decima.

Cada gesto é previsto e sabido antes de ser feito, cada palavra já foi dita e será repetida sem diferença sequer de entonação... Mesmo as cenas de amor parecem geladas, ensaiadas, mil vezes feitas. Nada de novo, nada de novo, nada, nada, nada de novo...

Está pensando melancolicamente nessas coisas quando o rapaz lhe toca no braço, aponta sorrindo para alguém:

— Olhe aquele ali, na mesa á direita... Um sujeito inteligente, dizem que poderia até ter muito futuro... Conheço-o muito, andámos na mesma escola. Mas é louco, não quer dar para nada; vive pelos cafés, bebendo, mal vestido, mal acompanhado... Nem sei mesmo como veio parar aqui...

O apontado é um moço alto e magro, pele queimada, olhos tristes. Está visivelmente bebido, bebido e melancólico, na sua mesa solitaria. A deformação profissional faz Luizinha lhe olhar em primeiro lugar as mãos; uma segura o cigarro que queima sozinho, a outra pende desamparada na borda da mesa. Que mãos, que mãos! Ela manicura nunca viu tão lindas; e mal cuidadas, simples mãos de unhas aparadas rente, com um forte tom de iodo nos dedos que seguram o cigarro. Nem um anel, nem um requinte. Mas como são belas, longas, serenas! Parecem mãos de quadro, mãos de santo, mãos de um santo que há na igreja da sua terra; mas as de lá estão postas, resando, enquanto que as do moço sozinho pendem desanimadas, impenitentes.

De uma mesa proxima dois rapazes chamam o namorado de Luizinha. Ele hesita um pouco, afinal pede licença, diz que volta num instante, e corre a sentar onde o chamam; lá começa a ouvir uma historia profundamente interessante, parece se esquecer da pequena e de tudo, seguindo a voz e o gesto do outro.

Luizinha repara então que o poeta (já é assim que o chama) a está olhando e lhe sorri, lá de dentro da nevoa que o parece envolver. Depois, inesperadamente se ergue, vem até á sua mesa, convida-a para dansar. Luizinha olha primeiro o seu amigo; ele ainda ouve o outro e agora ri com força, dando palmadas ruidosas na coxa. Ela então sai pelo braço do poeta, que dansa mal, tão mal que ele proprio o nota:

— Nem sei como lhe pedi que dansasse... Mas era a unica maneira de me aproximar de você...

E os olhos dele, os tristes e sozinhos olhos dele, já agora riem. E Luizinha, contagiada pelo seu riso, também se sente de repente alegre, leve.

A dansa, entretanto, vai cada vez peor. Resolvem sentar um instante para conversar; sentar, não: encostarem-se á janela larga da rua, olhar as luzes da cidade, lá do alto.

Curioso, na solidão da janela, ele não tenta abraçá-la, nem ao menos se chega para perto. Começa a mostrar coisas, estirando os longos braços, as belas mãos para o céu, para a noite cortada de luzes, como se quizesse segurar algo distante, desejado. Nem fala amabilidades em voz baixa, nem súa, nem está vermelho. Nem parece que bebeu, é diferente, é estranhamente diferente.

Luizinha fica pensando se ele acaso não será doido. Mas não tem medo, escuta o que ele diz, respondeu, ouve-o rir, um riso alto como o de um menino; ela também ri, contente e confiante, e, engraçado, não deixa entretanto de o achar louco. Ele não aproveitou nem um momento para lhe apertar a mão, até mesmo fugiu com a sua quando ela segurou a mão dele para apontar uma certa luzinha azul que ele não via. A verdade é que as cenas com este são diferentes, não têm nada que ver com a velha comparação do filme dez vezes, cem vezes visto...

O poeta se volta para o salão e diz baixinho:

— Seu companheiro a está procurando. Quer se encontrar com ele ou dar o fóra daqui, comigo?

Os olhos dele estão tão alegres, tão alegres! Não parecem os olhos mortos de momentos antes, quando ele estava sozinho, esquecido na sua mesa; e as grandes mãos bonitas se estendem para ela, como convidando.

E parece á Luizinha que, se ela se recusar a "dar o fóra" com ele, toda aquela alegria irá embora, irremediavelmente.

O outro realmente a procura, meio inquieto, rodando entre as mesas. O poeta insiste:

— Então, vamos dar o fóra?

Luizinha não responde, mas enfia a mão no braço dele e os dois se esgueiram para o corredor, descem a escada, chegam á porta, unidos e furtivos. Mas na rua ela se afasta um pouco, estira no ar os braços compridos, como se espreguiçando, bocejando contente:

— Que alívio! Vamos por aqui.

Passam pela esquina iluminada e o rumor da orquestra no alto ainda lhes chega ao ouvido em lufadas. Passam deante da baratinha encostada ao passeio, esperando pela volta, e Luizinha se encobre instintivamente junto do outro, como pedindo proteção. Ele lhe segura o braço, firmemente. Depois entra com ela num café, um pequeno café de bairro, de mesas minúsculas e garçons preguiçosos.

Ao sentar, Luizinha tem um recuo; será que vai recomençar toda a velha historia do guaraná e dos whiskys?

Mas se tranquiliza logo. A postura dele é bem diferente da dos outros, com o colarinho folgado, o cabelo sem risca, o gesto negligente, derreado na pequena cadeira que parece uma cadeira de criança, para um homem tão grande.

E, perto da sua, posta indolentemente na mesa, está a bela mão descuidada que a atraiu, serena, tranquila, amiga. Luizinha aproxima inconscientemente os seus dedos daqueles outros tão proximos. Aproxima-os imperceptivelmente, chega a tocá-los, sente o seu coração bater mais forte muito mais forte!

Ele parece que não lhe viu o gesto, olha-a no rosto, com o seu modo risonho e tranquilo, e ela se sente feliz, absurdamente feliz, definitivamente feliz, quando ele bate na mesa e grita para o garçon, sem a consultar:

— Rapaz! Dois cafés!

A FOICE

(Continuação da página 7)

— Basta! bradou o ferragista, sentindo que ia perder a cabeça. — Faça favor de se ir embora, que tenho mais que fazer!

O campônio, porém, recomençara a desabotoar o colete. Enfiou a mão no bolso do lado de dentro, extraiu de lá uma nota de florim, que entregou, ao ferragista.

— E o resto do dinheiro? perguntou este.

Dum dos bolsos exteriores do colete, Csomak tirou uma moeda de vinte kreuzers e doutro uma de quatro. Em seguida passou aos bolsos das calças, onde arranhou trinta e tres kreuzers:

— Vinte e quatro com trinta e tres são cincoenta e sete... Quanto tenho ainda que dar?

— Trinta e tres kreuzers.

— A questão... disse Csomak, em tom pesaroso — é que não sei se os trago comigo. — E assim falando, espreitava sonsamente a fisionomia do ferragista. — Mas espere! Eu tinha uma moeda de vinte kreuzers... Onde diabo a meti? Hein, compadre?

Tinha-a guardado, com nó cego, numa ponta do enorme lenço de assoar. E ao passa-la para as mãos do negociante, assegurou:

— Agora é que não tenho mais nada. Que fazer? Onde não ha el-rei perde...

— Mais treze kreuzers! exigiu o negociante.

— Como assim? Pois eu levo uma foice que não escolhi, e ainda pela ninharia de treze kreuzers o senhor quer desmanchar o negócio? Eu lh'os trarei da proxima vez.

— Não, senhor. Guarde o seu dinheiro e eu guardo a foice. Quando completar a quantia a levará.

Csomak encheu-se de indignação:

— Acha então que não mereço credito? E para uma miséria de treze kreuzers? Meu pai era homem honrado como poucos e já meu avô era a mesma coisa. Além disso, fique sabendo que não preciso do seu credito nem de favores de ninguém. Entendeu? Compadre! Atire-lhe os treze kreuzers!

Tremendo de raiva, meteu a foice debaixo do braço:

— Vamos, compadre!

Da porta, porém, voltou-se, com os olhos a brilhar de esperteza, de velhacaria, e, fazendo reluzir a folha de aço aos raios de sol, declarou em voz bem alta.

— Agora, escute o que lhe digo: Esta foice era a única boa que o senhor aí tinha. As outras não valem dois caracois!



ABATIDO?

Cuidado! Você está se intoxicando!

Este abatimento que você sente de quando em quando, é devido á accumulação de toxicos no seu organismo. Elimine esse perigo tomando diariamente o "Sal de Fructa" Eno — de sabor agradável e de effeito revigorante. Eno limpa o systema intestinal, purifica o sangue e evita que você sofra de prisão de ventre e depressão. Mas... insista no Eno porque só o Eno póde produzir os resultados do Eno.

'SAL DE FRUCTA' ENO

Assume grande importancia a cultura do canhamo nos Estados Unidos, embora só em 1943 ou principios de 1944 possa ser colhido algum, em vista da colheita de 1942 ser destinada a produzir sementes. Depositam-se esperanças na planta cubana "urena lobata". Tem caracteristicas da juta, mas a sua colheita e processamento são problemáticos. O canhamo Manila produz corda superior em resistência, leveza e durabilidade. A sua falta será possivelmente aliviada em parte pelo programa de plantação de abaca no Panamá, empreendido pela United Fruit Company. Os Estados Unidos importam normalmente a média de 150.000.000 de libras-peso de juta em bruto por ano.

CRIANÇAS



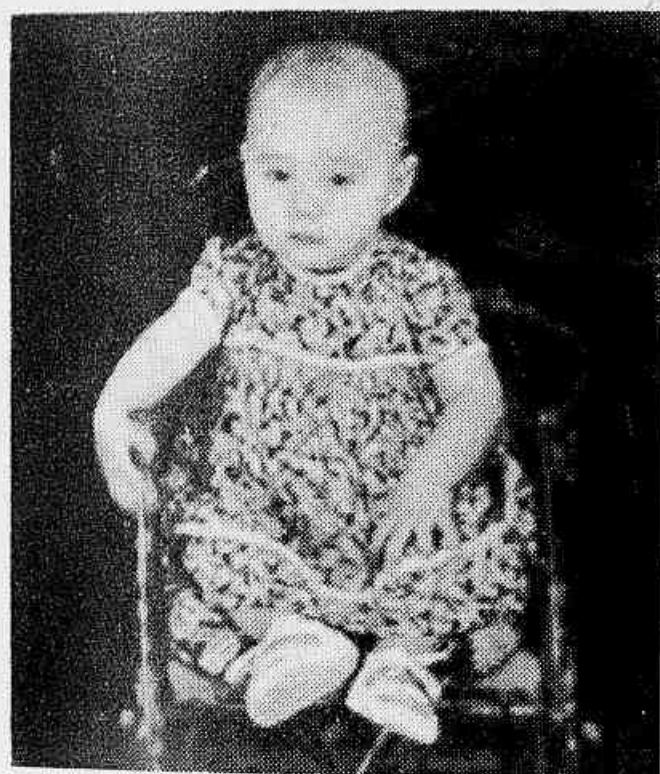
Rubem José da Costa Castello Branco, filho do sr. Pedro Castello Branco e de d. Sylvia da Costa Castello Branco.



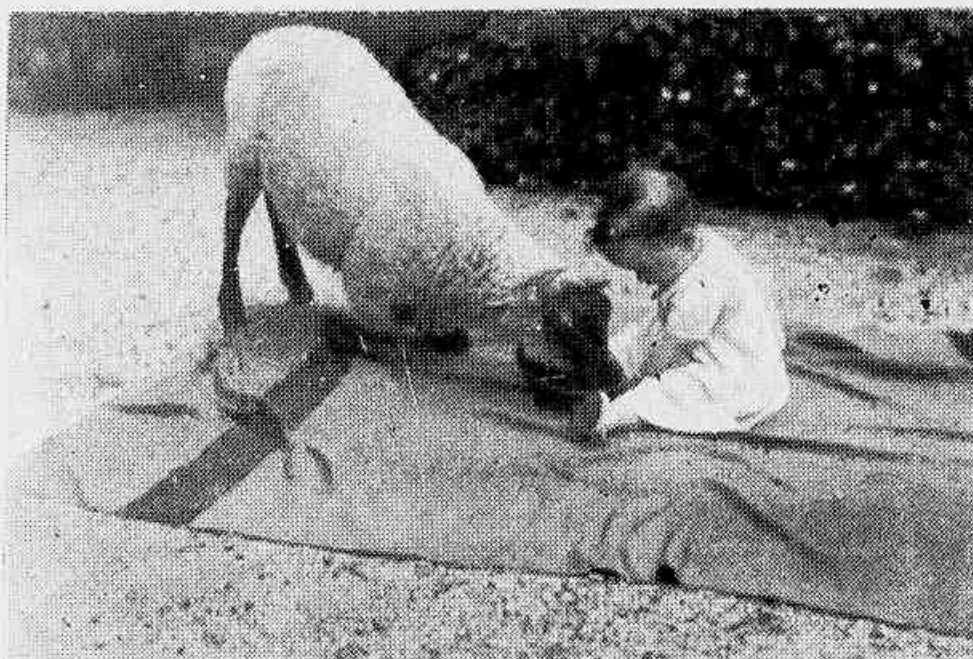
Macil'a, filha do sr. Carlos Berger e de d. Lourdes Berger.



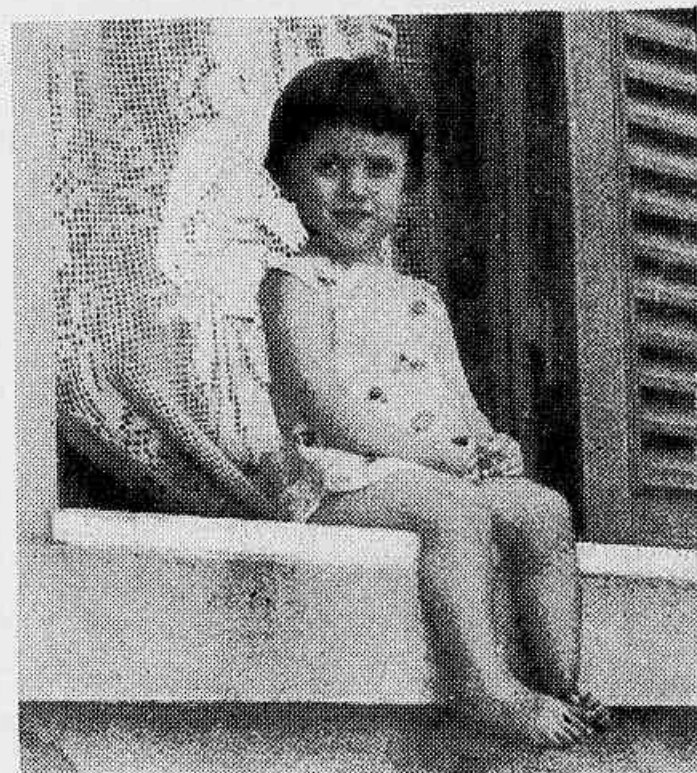
Jorge da Silva e Nilza da Silva, filhos do sr. Hugo da Silva e de d. Alda Paulmann da Silva.



Marilete Bricio, filha do sr. Manuel Bricio e de d. Arlette Guião Bricio.



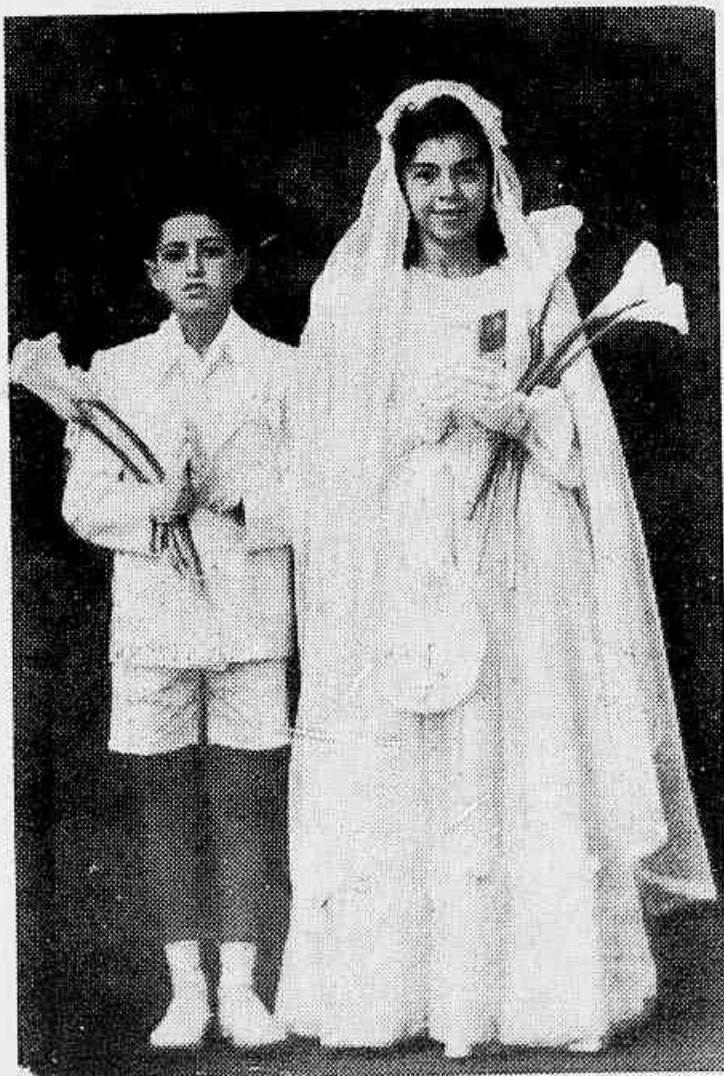
Lucia, filha do casal Maria de Lourdes — Newton Torres Werneck e neta do sr. Ernesto de Souza Motta, funcionario da Leopoldina Railway.



Lucia-Regina, filha do sr. Oreste Almada e de d. Dulce Vieira Almada, neta do sr. Augusto Vieira e de d. Emilia Vieira Ramon.



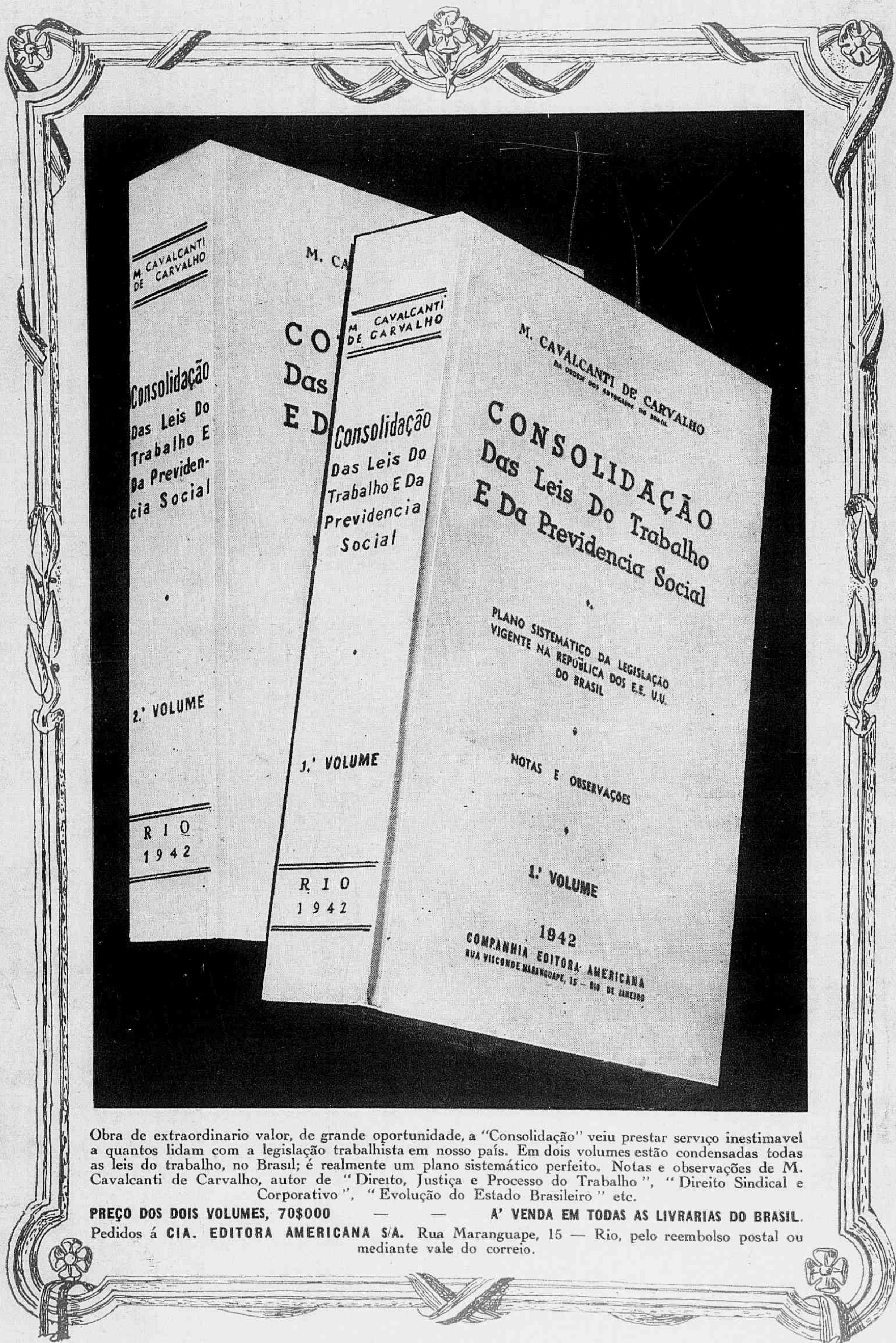
Marly e Lucy, filhas do casal Jorge Luiz Coelho — Horaide Lamarão Coelho.



Stella e Robertinho, no dia de sua 1.ª comunhão, filhos do sr. Roberto de Oliveira Campos e de d. Asther Sacramento Campos.



Argelia, filha do industrial sr. Argemiro Monteiro de Oliveira e de d. Odete Monteiro de Oliveira. Argelia, que conta apenas um ano e oito meses de idade, exhibe nesta foto a fantasia do seu primeiro carnaval.



Obra de extraordinario valor, de grande oportunidade, a "Consolidação" veio prestar serviço inestimavel a quantos lidam com a legislação trabalhista em nosso país. Em dois volumes estão condensadas todas as leis do trabalho, no Brasil; é realmente um plano sistemático perfeito. Notas e observações de M. Cavalcanti de Carvalho, autor de "Direito, Justiça e Processo do Trabalho", "Direito Sindical e Corporativo", "Evolução do Estado Brasileiro" etc.

PREÇO DOS DOIS VOLUMES, 70\$000

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL.

Pedidos á CIA. EDITORA AMERICANA S/A. Rua Maranguapé, 15 — Rio, pelo reembolso postal ou mediante vale do correio.